
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE
HUMANA**

**Concentração nas Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo: estudo
de caso sobre a reclusão esportiva à luz da Psicologia do Esporte**

RAFAEL CASTRO KOCIAN

Orientador: Prof. Dr. Afonso Antonio Machado

Dissertação apresentada
ao Instituto de Biociências do
Câmpus de Rio Claro,
Universidade Estadual
Paulista, como parte dos
requisitos para obtenção do
título de Mestre em Ciências da
Motricidade Humana.

Rio Claro

Maior – 2009.

796.01 Kocian, Rafael Castro
K76c Concentração nas olimpíadas colegiais do estado de São
Paulo : estudo de caso sobre a reclusão esportiva à luz da
psicologia do esporte / Rafael Castro Kocian. – Rio Claro :
[s.n.], 2009
152 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Afonso Antonio Machado

1. Esportes – Aspectos psicológicos. 2. Estados
emocionais e movimento. 3. Reclusão esportiva. 4. Esporte
escolar. 5. Concentração escolar. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela STATI – Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Dedicatória

Nada mais justo que dedicar esse trabalho para pessoas que foram combustíveis e fontes de inspiração para que ele acontecesse, na verdade combustível para minha vida. Aos meus pais, Walter e Fátima, fonte de carinho, amor e meu porto seguro.

As três pessoas que me apresentaram o mundo que hoje caminho, a Educação Física. Sem Beto, Rina e Marinho, meus treinadores e professores, creio que estaria em outra área.

Aos dois maiores exemplos de dedicação Profissional e entrega para tudo aquilo que fazem: Dona Ana Maria Landgraf de Carvalho e Seu Flávio de Carvalho, meus pais adotivos e meus exemplos profissionais.

Ao melhor exemplo de ser humano que conheço. Prof. Afonso, meu orientador, amigo, conselheiro e familiar. Meu combustível humano parte de seu exemplo.

Por fim, ao meu combustível de alegria e felicidade para vida. Ligia minha princesa, dedico a você esse trabalho.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus por me guiar em meus caminhos, colocar pedras quando é necessário e me ajudar a removê-las ou superá-las quando tenho dificuldades.

Não posso deixar de registrar a gratidão e o carinho por meus familiares. Começando por meus pais Walter e Fátima, o agradecimento por investirem e sempre acreditarem em meu potencial. Aos meus irmãos Israel e Verônica e Gabi pelo incentivo, companheirismo e carinho. Ao meu sobrinho Bruno, que tem na doçura de criança a capacidade de livrar momentos tensos e negativos e transformá-los em momentos felizes. A minha avó Wilma pela doçura e convívio impagável. Ao meu cão Tevez por momentos de alegria e descontração. A todos os demais parentes que fazem parte da minha história de vida, meu muito obrigado. Não consigo registrar o carinho e a saudade que sinto por vocês.

A minha princesa Lígia, por sua paciência, carinho, companheirismo, bom humor, compreensão e uma infinidade de outras qualidades que só você possui. Te amo!

Continuando os agradecimentos na seção família, agradeço a minha família por adoção: Seu Flávio, Dona Ana, Luis Henrique e Amanaiara. Muito obrigado por me receberem de modo tão significativo, acolhedor e único.

Agradeço ao meu orientador, amigo, parceiro, conselheiro e muitas outras qualificações e funções: Prof. Dr. Afonso Antonio Machado, para mim Afonso. Desde 2002 quando ingressei no laboratório, você foi ímpar no seu tratamento humano e acolhedor quando era preciso ser acolhido e sério quando precisava pontuar algo, mas sempre humano. Pessoas como você estão em extinção no mundo de hoje.

À Universidade Estadual Paulista, que desde 2001 durante minha graduação, me acolhe e me fornece subsídios para crescer academicamente. A todos meus professores, em especial Suraya, Tati, Samuel, Gisele, Ana Maria Pelegrini, Sílvia e Mauro Gonçalves. Aos funcionários que tanto me auxiliaram, em especial Paulo, Roberto, Mauro, Aurélio, Adriana e Rosângela.

Agradeço à Secretaria de Estado da Educação, que através da CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas) financiou esta pesquisa durante todo o período do mestrado, através da concessão do programa bolsa-mestrado. Agradecimentos especiais as representantes da Comissão Regional da Bolsa Mestrado: Valquíria, Leni e Sílvia.

À Secretaria de Estado de Esportes Lazer e Juventude, representada pela Delegacia Regional de Esportes de Campinas, agradeço pela possibilidade de realização do estudo e pela forma familiar e entusiasta que acolheram a idéia. Aproveito a oportunidade e agradeço todos os participantes desta pesquisa: alunos, professores e ao árbitro.

Não posso esquecer de agradecer a todos que me ajudaram a caminhar profissionalmente e conseqüentemente amadurecer um pouco minha visão de mundo. Início pela Família Perches, escola estadual referência em educação.

Apesar de escolher dar aula ali sem saber onde iria pisar, minha continuidade é convicta, estudada e certa. Importante é destacar algumas pessoas exemplares desta escola: Dona Ana, Seu Flávio de Carvalho, exemplos de dedicação profissional, a direção de Patrícia Buck e Márcia, as coordenadoras Maria Tereza e Ana Paula por me incentivarem a construir uma nova Educação Física. Agradeço a todo corpo docente, funcionários e alunos que me ensinam coisas novas a cada dia. Dentro da escola ainda destaco dois professores: Daniel e Vera Quintal, vocês merecem aplausos em pé.

À Universidade Paulista, UNIP, por me inserir no mercado profissional acadêmico como professor. Em especial aos meus coordenadores Lury e Alan, além da diretora Carmem. A todos os professores que tanto me ajudaram nesses anos. A passagem de aluno para professor seria muito mais complicada sem a ajuda de vocês. Em especial ao Prof. Renaldo, Carla, André e Juninho. Agradeço ainda o Colégio Alem e ao Osasco F.C. pelas oportunidades de aprendizado e desenvolvimento profissional.

Aos meus amigos presentes Maurão, André, Carla, Heitor, Luiza, Renaldo, Balu, Pedrão, Mateusão, Rina, Marinho, Darin meu muito obrigado pela amizade e companheirismo. Aos meus amigos ausentes, mas sempre amigos, Ribamar, Marcio, Zulu, André, Mineiro, Aerte, Diego Turco, Cristiano Ricci e Larissa sinto saudades.

Aos meus amigos e colegas do LEPESPE (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte), meus agradecimentos por tudo o que discutimos, estudamos, aprendemos, brigamos e rimos. Marcelo, Thiago, Ricardo, Henrique, Carlos, Bruno, André, Marta, Altair, Bruno, Lucas, Franz, Mariana e Carol. Gente, valeu por tudo.

Por fim, agradeço a minha banca pela paciência e por todas indicações feitas, realmente o trabalho evoluiu muito com o olhar clínico de vocês. Segundo por serem pessoas especiais e humanas. Daniel, muito obrigado pela forma que conduz seu trabalho, consegue apontar erros, sendo ao mesmo tempo crítico e amigo. Tenho prazer de ouvir suas correções e sugestões. Tati, muito obrigado, não somente por esta banca, mas sim por todo meu trajeto desde a graduação, você foi muito mais que uma professora, foi amiga, foi mãe, enfim, significou muito. Por tudo isso, não tenho nada além de um sincero Muito Obrigado!

Epígrafe

“Quando não houver saída,
Quando não houver mais solução,
Ainda há de haver saída,
Nenhuma idéia vale uma vida,
Quando não houver esperança,
Quando não restar nem ilusão,
Ainda há de haver esperança,
Em cada um de nós, algo de uma criança.

Enquanto houver sol, enquanto houver sol,
Ainda haverá...
Enquanto houver sol, enquanto houver sol,

Quando não houver caminho,
Mesmo sem amor, sem direção,
A sós ninguém está sozinho,
É caminhando que se faz o caminho,
Quando não houver desejo,
Quando não restar nem mesmo dor,
Ainda há de haver desejo,
Em cada um de nós, aonde Deus colocou,

Enquanto houver sol, enquanto houver sol,
Ainda haverá...
Enquanto houver sol, enquanto houver sol,
Sérgio Britto

Resumo

O esporte é um mágico mundo atraente, sendo que é fácil verificar vários ambientes de apoio, onde o atleta terá uma estrutura que o facilite ou auxilie na prática esportiva, visando uma melhora no desempenho. A reclusão esportiva em especial é nosso enfoque, esse ambiente que foge do habitat natural do atleta e que, teoricamente, serve para descanso, boa alimentação e para palestras visando o estado de mobilização máxima. Dentro do esporte escolar verificamos a existência de um campeonato, as Olimpíadas Colegiais, onde os competidores se reúnem na fase final em uma cidade, ficando em regime de concentração. Com esse pano de fundo nasce nosso estudo, com os objetivos de verificar se ocorrem alterações emocionais e, caso ocorram, quais estados emocionais dos alunos e professores são alterados no ambiente de reclusão esportiva escolar, durante a fase final das Olimpíadas Colegiais e elaborar análises sobre as situações pesquisadas, possibilitando a criação de material a ser veiculado na rede educacional, para servir de estudo e reflexão do profissional da Educação Física. Nossa pesquisa foi qualitativa do tipo estudo de caso, onde coletamos dados através de observação anotada em um caderno de campo, questionários e entrevistas. Nossos participantes foram alunos e professor de uma equipe de futsal participante das Olimpíadas Colegiais, na categoria infantil, além do chefe da delegação e um árbitro. Como resultados, obtivemos alterações de estados de humor, brigas, descontentamentos, momentos de alegria, felicidade e interação. Encontramos também uma infra-estrutura precária e muitos momentos onde os atletas ficavam sem nada pra fazer. Por outro lado, existem momentos educacionalmente ricos, bem como um momento único em experiências de interação entre alunos e professores. Podemos concluir ao término desse trabalho que existe alteração dos estados emocionais dos alunos e do professor e para enfrentar essa situação os professores devem se preparar e buscar conhecimentos da psicologia do esporte. Após a conclusão da pesquisa o material produzido será divulgado na rede pública de educação do Estado de São Paulo.

Palavras chave: Estados emocionais e movimento. Reclusão esportiva. Esporte escolar.

Abstract

Sport is an attractive magical world, where it is easy to verify various environments of support where the athlete will have a structure that facilitates or assists in sports practice, to an improvement in performance. The prison sports in particular is our focus, this environment that runs off the natural habitat of the athlete and, theoretically, is for rest, good nutrition and to talk to the state of maximum mobilization. Within the sports school found the existence of a championship, the Olympics team, where the competitors get together in the final stage in a city, getting on a merger. With this background of our study was born, aiming to verify whether emotional changes occur and, if occurring, what emotional states of students and teachers are changed in the environment of prison sports school, during the final stage of the Olympics Colleges and prepare analysis on the situations studied, allowing the creation of material to be delivered in the educational network, to serve as a reflection of professional study and Physical Education. Our research was qualitative type of case study, which collected data through observation noted in a diary from the field, questionnaires and interviews. Our participants were students and a professor of futsal team participant of Olympics team, in the child category, and the head of the delegation and an arbitrator. As a result, we obtained changes in the mood, fights, discontent, moments of joy, happiness and interaction. We also found a poor infrastructure and many moments where the athletes were nothing to do. Moreover, there are moments educationally rich, and experience a unique moment in the interaction between students and teachers. We can conclude at the end of this work that changes the emotional states of students and teachers and to address this situation teachers have to prepare and seek knowledge of the psychology of sport. Upon completion of the research material produced will be disclosed in public education in the State of São Paulo.

Keywords: Emotional and moving. Sports concentration. School sports.

| | | |
|------------|--|------------|
| | | 19 |
| 1. | INTRODUÇÃO..... | 01 |
| 2. | REVISÃO DE LITERATURA..... | 16 |
| 2.1 | Concentração Esportiva..... | 21 |
| 2.2 | Um olhar para o grupo esportivo..... | 27 |
| 2.3 | Liderança e Coesão Grupal..... | 31 |
| | 2.3.1 A Coesão Grupal..... | 33 |
| 2.4 | Escola e Esporte..... | 36 |
| | 2.4.1 Apontamentos Históricos Entre Escola e Esporte..... | 41 |
| | 2.4.2 Esporte Educacional..... | 45 |
| | 2.4.3 Transpondo os Muros da Escola..... | 49 |
| | 2.4.4 Críticas e Benefícios do Esporte Como Agente no Processo Educacional..... | 53 |
| | 2.4.5 O Apito Inicial: começa a competição escolar..... | 56 |
| 2.5 | Estados Emocionais e o Esporte..... | 60 |
| 3. | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 72 |
| 3.1 | Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo..... | 76 |
| | 3.1.1 Participantes e Amostra..... | 78 |
| | 3.1.2 Descrição do Ambiente de Concentração Esportiva..... | 79 |
| 3.2 | Delineamento Metodológico..... | 88 |
| 4. | RESULTADOS e DISCUSSÃO..... | 91 |
| 4.1 | <i>Observações do dia a dia da Concentração Esportiva.....</i> | 91 |
| 4.2 | Transcrição das Entrevistas..... | 100 |
| 4.3 | <i>Resultados Obtidos com os Questionários Aplicados Junto a Atletas da Equipe de Futsal.....</i> | 107 |
| 4.4 | Análise dos Dados Coletados..... | 112 |
| 5. | CONCLUSÃO..... | 130 |
| 6. | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 137 |
| 7. | ANEXOS..... | 150 |

01 - Introdução

O fenômeno esportivo é algo muito atrativo dentro da sociedade atual. Muitas pessoas, no mundo todo, param tudo o que estão fazendo para assistir a uma partida de futebol, uma abertura olímpica, uma final de basquete ou de tênis, uma apresentação de ginastas, ou simplesmente para observar uma reportagem esportiva que é apresentada, num determinado momento, num canal de televisão. Enfim, o esporte passou a ser um forte foco de atenção no mundo todo.

Participar do espetáculo esportivo seja diretamente (como atleta ou comissão técnica) ou indiretamente (torcedor, locutor esportivo, diretor, etc.), tornou-se objeto de desejo de muitas pessoas, seja de uma forma ou de outra, sendo que alguns querem ser heróis esportivos, e outros querem ao menos estar presente numa abertura olímpica, por exemplo, para assistir o espetáculo esportivo.

Dentro desse mágico mundo atraente é fácil verificar a utilização de vários ambientes de apoio, onde o atleta terá uma estrutura que o facilite ou auxilie na prática esportiva, visando uma melhora no desempenho. Academias, salas de fisioterapia, consultórios médicos e a reclusão esportiva (popularmente conhecida como concentração esportiva) são facilmente encontrados dentro dessa possibilidade.

A reclusão esportiva em especial é nosso enfoque, esse ambiente que foge do habitat natural do atleta e que, teoricamente, serve para descanso, boa alimentação e para palestras visando o estado de mobilização máxima (TOLEDO, 2002). Com esse pano de fundo nasce nosso estudo, somado aos interesses pessoais de investigação na área, uma vez que sou formado em Educação Física

e possui uma história de vida ligada ao esporte e sua prática, que possibilita uma ligação direta com esse fantástico mundo.

A profissão de professor, que exerço nos dias de hoje, traz um tempero interessante e vem aliada a uma questão de extrema importância: a prática esportiva no contexto escolar. A partir disso surgiu uma inquietação que me fornece sentido e força para o estudo, com o intuito de tentar buscar e produzir conhecimento científico e transportá-lo até a prática: que atenção é dada as nossas competições escolares? Será que o nosso aluno, que pratica esporte, é visto como um ser humano, com sentimentos e expressões, ou é visto apenas como um executor de movimentos?

Nos dias atuais, a postura pedagógica dos professores e suas respectivas relações com os alunos tem sido alvo dos estudos. Tais estudos como os de Carron (1984) e Thomas (1981), apresentam situações básicas de atuação:

- 1) o conhecimento do esporte e a ciência a ele ligadas;
- 2) a motivação para ser um bom professor ou técnico e
- 3) a empatia ou atenção para os aspectos afetivos na inter-relação.

O conhecimento das técnicas de ensino e aprendizagem é importante para os professores nos aspectos da eficácia, motivação e melhor desempenho. Assim, treinar é o processo que consiste na integração, interdependência e diferentes formas de se alcançar um fim, apesar de ser multifacetado, indo além do espectro do ensino e da aprendizagem.

Quando o professor de Educação Física Escolar assume o papel de técnico desportivo participando dos jogos escolares, essa questão torna-se mais ainda complicada, uma vez que, além de treinador, ele não poderia deixar de lado a sua principal função: professor de Educação Física, ou seja, educador.

Anualmente a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, aliada à Secretaria da Juventude, Esportes e Lazer, promove as Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo, nas categorias: pré-mirim, mirim, infantil e juvenil; qualquer escola pública estadual pode participar de toda e qualquer categoria e modalidade (atletismo, basquete, futsal, handebol, voleibol, dama, xadrez e tênis de mesa).

Todo ano são muitos jogos, em que o professor responsável, (o professor de educação física e educador), passa a desempenhar o papel de técnico desportivo. Os jogos seguem uma forma de disputa complexa, sendo primeiro a fase D.E. (somente entre os representantes da própria Diretoria de Ensino), classificando-se para a fase seguinte apenas uma equipe. A próxima fase dos jogos é chamada de fase Inter-D.E. (onde é feito um emparelamento de jogos com os vencedores de outra Diretoria de Ensino); após essa fase da competição, os classificados vão para a fase final estadual das Olimpíadas Colegiais, junto com os demais classificados.

Na fase final são reunidas em uma única cidade, todas as equipes classificadas para as modalidades disputadas. As competições, geralmente, duram oito dias, no total, e os alunos-atletas participantes ficam alojados em escolas estaduais, acomodados nas salas de aula que são transformados em quartos, aos moldes dos Jogos Regionais ou Jogos Abertos do Interior, competições esportivas, estas, sobejamente conhecidas em nosso estado.

A alimentação é feita dentro do refeitório da própria escola e os banheiros são adaptados com chuveiros para atender a todos competidores. Cada escola, da cidade sede da final estadual, recebe representantes de uma mesma região durante todo o certame. As equipes eliminadas voltam para sua cidade de origem, mas isso nunca ocorre antes do quarto dia de competição, data que acaba a primeira fase.

Por receber diferentes alunos e professores de diferentes locais, cada escola possui um coordenador da Secretaria de Esportes ou Secretaria de Educação, que é responsável pelo alojamento. Esse coordenador responde tanto pela alimentação dos alunos, bem como por toda infra-estrutura do alojamento e pela disciplina e ordem. Geralmente os alunos têm hora específica para alimentação, banho e para dormir.

Todo esse contexto citado caracteriza uma reclusão, assim como as reclusões esportivas do alto nível, citadas por Toledo (2002), que são locais onde os atletas têm que cumprir algumas normas e horários e são realizadas atividades que visam um estado de mobilização para desempenho ótimo na partida.

Dentro deste cenário e tendo esses personagens como atores do momento esportivo, em foco, passamos a sistematizar nosso estudo que traz como objetivos:

- Verificar se ocorrem alterações emocionais e, caso ocorram, quais estados emocionais dos alunos e professores são alterados no ambiente da reclusão esportiva escolar, durante a realização da fase final estadual das Olimpíadas Colegiais;
- Elaborar análises sobre as situações estudadas e possibilitar a criação de material a ser veiculado na rede educacional, para servir de estudo e reflexão do profissional da Educação Física, envolvido com o esporte escolar.

Não diferente do contexto social em que está inserido, o esporte escolar tem-se desenvolvido em larga escala, nos mais variados e diferenciados segmentos da educação, seja no ensino fundamental ou médio, seja em instituições públicas (estaduais, federais e municipais), ou em instituições particulares.

Podemos perceber, sem muita dificuldade, competições escolares, dentro da própria escola ou envolvendo mais escolas, com níveis excessivos de cobrança tanto do técnico, que neste universo é representado por um profissional da educação (professor de Educação Física), quanto dos torcedores presentes, ou seja, pais, professores, amigos e colegas, que pressionam e cobram boas atuações no certame.

O esporte passou por um amplo desenvolvimento de suas técnicas, métodos de treinamento, incrementados por pesquisas e por aparatos tecnológicos que facilitam a busca por resultados. Um ponto interessante e que ainda é pouco explorado, no âmbito do desempenho humano, é sobre o comportamento humano nas situações esportivas competitivas, uma vez que o comportamento não é padrão, ou seja, não possui uma receita para melhorar o rendimento ou para aprimorar o treinamento.

Os interesses pela vida atlética nos períodos de reclusão esportiva são elementos de extrema importância para o desenvolvimento das relações interpessoais do grupo esportivo que conseqüentemente interferem nas atividades

competitivas que os atletas participam. Analisar os fatores emocionais pertinentes a uma reclusão permite ao profissional da Motricidade Humana realizar uma leitura mais cuidadosa do esporte, possibilitando uma intervenção mais pontual e a tomada de decisões relevantes para o momento.

Assim, o desenvolvimento dessa dissertação pretende auxiliar o trabalho de professores/técnicos para futuras edições das Olimpíadas Colegiais, bem como qualquer outra competição escolar esportiva, buscando uma visão mais humana do esporte da escola, tentando entender e aprofundar questões que vão para muito além da visão tecnicista de cobranças por execuções corretas de movimento ou das questões relacionadas ao desempenho esportivo relacionado ao preparo físico.

02 – Revisão de Literatura

Quando pensamos no mundo, no homem ou na sociedade facilmente nos deparamos com o fenômeno esportivo. O esporte é fortemente representado em nossa sociedade e está presente na vida da maioria das pessoas, quer como praticantes quer como telespectadores.

Mesmo participando indiretamente do esporte, ou seja, como telespectadores, essas pessoas provavelmente devem ter praticado, ao menos uma vez, uma modalidade esportiva qualquer, seja de uma forma intensa, ou seja de forma mais branda. Essa prática pode ter ocorrido de diferentes maneiras: na rua, no clube, na escolinha de esportes ou dentro da aula de educação física escolar e também com intensidades diferentes, tanto como apenas participação e\ou passatempo, como atendendo às características de treinos intensos, cobrança por rendimento e até disputas de campeonatos e competições.

O esporte é, então, uma atividade atrativa até por sua simplicidade de compreensão. Bracht (1997) diz que o esporte compreende um conjunto de diferentes regras que são facilmente interpretadas e compreendidas pelos seus praticantes, o que o torna diferente de outras organizações como a política, por exemplo, onde muitas vezes as regras são incompreensíveis e nem tão transparentes.

Um bom exemplo para ilustrar a transparência do esporte em relação a outras organizações é a divulgação dos resultados, uma vez que ao final de uma prova ou momentos após o final temos a certeza do resultado, que dificilmente é contestado. Segundo Machado (1994), o esporte e o lazer são patrimônios culturais produzidos pela humanidade ao longo dos tempos, sendo assim, desempenham papel primordial no nosso modo de organização social.

Podemos levantar diversas profissões que são diretamente ligadas ao esporte, bem como podemos apontar diversas organizações, federações, confederações que dependem do

esporte e que regem o esporte, que é transformado num grande sistema funcional e estrutural que mexe com a vida das pessoas.

Dessa forma, o esporte pode ser comparado a um teatro onde os atores principais, ou seja, os seus praticantes diretos possuem uma vasta gama de oportunidades e vivências, talvez, únicas, pois dificilmente serão encontradas em outros campos. Oportunidades e vivências que nos são dadas não só no campo motor e sendo restrita ao desempenho de diferentes movimentos, mas também partindo para o campo afetivo, social e cognitivo. Isto nos permite citar inúmeros exemplos de situações esportivas que saem do simples e ao mesmo tempo complexo ato de desempenhar e executar um movimento desejado.

E o que pensar em relação à presença da torcida? Neste ponto, temos diferentes variáveis, tais como a torcida do time local ou do time adversário, ou a torcida como motivadora incentivando os atletas a desempenharem as suas funções, como por outro lado teremos uma torcida crítica que cobra e que quer resultados a qualquer custo, pedindo, aos gritos e aos gestos, para determinados jogadores entrarem ou saírem de cena. Não podemos esquecer da torcida familiar, que é uma realidade que muitas vezes pode ser doce ou completamente terrível e amarga para os atletas.

Uma outra situação interessante é o contexto *jogador titular e jogador reserva*. Que motivação tenho para continuar batalhando pela minha posição seja esta para manutenção no time titular ou para sair da reserva e ganhar uma posição? Como fica a auto-estima ou a auto-eficácia desses jogadores, quer seja um jogador titular absoluto, um titular com probabilidade de reserva, um reserva com probabilidade de ser titular ou um eterno reserva?

Em outro contexto, a figura da mulher dentro do esporte ainda é impregnada por alguns mitos e preconceitos, que mostram dificuldades e barreiras a serem superadas pelas praticantes, uma vez que só há pouco tempo a mulher ocupou definitivamente seu lugar no esporte. Podemos citar também a eterna figura polêmica do árbitro, que para muitos praticantes é considerado um membro neutro dentro do jogo, que pode ser muitas vezes um facilitador dentro da partida, ou também um complicador de situações, noutra determinado momento.

Temos os patrocinadores, que muitas vezes apóiam o desenvolvimento da prática esportiva, com incentivos materiais e financeiros mas que, em muitos casos, pode-se

transformar uma cobrança indesejada, seja por resultados, por gestos, por comemorações, pela maneira de se vestir, entre outras situações.

A imprensa e a mídia, seja ela televisiva, de internet, rádio ou impressa, pode atuar de diferentes maneiras e posturas perante o esporte e às pessoas envolvidas no mesmo. Por exemplo, pode ter o papel de divulgadora, de crítica, de sensacionalista, de incentivadora, enfim, pode representar diferentes papéis que serão encarados de diversas maneiras pelos praticantes do esporte.

Com todos esses aspectos até aqui apresentados podemos apreciar uma configuração em que o esporte passa a ser objeto de desejo e investimento, inclusive tornando-se medida comparativa entre nações, o que para muitos justificaria o investimento.

Segundo Bracht (1997), há uma apropriação do atleta tendo-o dessa forma como representante de um sistema, onde alcançar o sucesso esportivo (traduzido em conquistas ou medalhas) pode fortalecer o prestígio nacional; temos como grande exemplo as intermináveis disputas entre Estados Unidos e a antiga União Soviética, na década de 1980. A cada conquista de um ou de outro registrava-se, também, a soberania momentânea de um Estado ou de um modelo econômico.

Nos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, na Alemanha, pode-se verificar um sentido político-ideológico do esporte, pois Adolf Hitler pretendia através do esporte exaltar a supremacia da raça ariana.

Pensando na história nacional, tivemos um fator interessante dentro do contexto esportivo, que foi a implementação do programa de expansão esportiva promovido pelo Governo Federal durante a ditadura militar (1964-1985), denominado EPT (Esporte Para Todos). Esta proposta visou ampliar os programas esportivos nacionais, pregando que o esporte ajudaria na soberania nacional. A prática desportiva no contexto escolar foi amplamente difundida por todo o país tendo como objetivos a aptidão física e a seleção de talentos para futura prática esportiva.

Após trazer uma apresentação panorâmica sobre esses fatores, tais como recordes, posições sociais, mercado e patrocínio envolvendo o esporte, necessitamos aprofundar uma questão muito importante: a questão humana. Não podemos esquecer de maneira nenhuma que quem realiza qualquer tarefa esportiva, dentro das diferentes modalidades, é um

indivíduo. E, partindo desse pressuposto simples, mas que em muitas vezes é deixado de lado, temos que pensar que o ser humano possui medos, paixões, alegrias, raivas, ansiedades, tristezas, enfim, possui sentimentos que terão uma determinada interferência no desempenho esportivo. Quantas interações sociais um praticante de esporte terá oportunidade de vivenciar durante toda a sua prática, ou quais emoções um jogador de futebol sentirá ao longo dos anos de atuação?

Todas essas situações exemplificadas e muitas outras que não foram citadas, compõem uma esfera pertinente ao esporte, que sai do campo das habilidades motoras como correr, saltar, chutar, arremessar, rebater, mas que também merecem destaque dentro do contexto esportivo, seja ele de alto nível e profissional, seja o do contexto pedagógico escolar.

O esporte, inclusive, e, em especial, na escola, tem se tornado cada vez mais competitivo. Muitos professores-técnicos buscam, em seus alunos-atletas, o rendimento máximo a qualquer custo e não o rendimento ótimo, que teoricamente seria o mais recomendado, quando se fala em atividade física e saúde. É importante ressaltar nesse momento que a busca incessante por resultados muitas vezes torna-se distorcida e alguns atletas acabam utilizando-se de meios ilegais para atingir o resultado pretendido, surgindo, então, vários casos de doping que são detectados no esporte de alto nível, cuja origem remonta ao esporte escolar.

Podemos lembrar, também, de exemplos de casos de doping fora do alto nível, mostrando que a busca incessante por resultados acontece em diferentes níveis do mundo esportivo. Isso tornou-se evidente com a instalação e implantação de exames anti-doping nos Jogos Abertos do Interior de 2000 na cidade de Santos – SP e, no ano seguinte, nos Jogos Regionais do Estado de São Paulo em 2001 (nas doze diferentes regiões esportivas do Estado). Essa medida buscava aumentar o controle de condições que garantissem iguais possibilidades de rendimento a todos atletas, impedindo que alguns tirassem vantagem ilícita nas competições esportivas.

Essa busca incessante por resultados caracteriza o esporte moderno: o atleta visa sempre superar a si e ao limite existente. Machado (1994) nos traz que no esporte procura-se uma dificuldade com o objetivo de superá-la ou vencê-la, enquanto nas outras atividades do cotidiano procuramos eliminar e extinguir nossas dificuldades, ou seja, tudo que é

inventado no esporte, inclusive no esporte da escola, tem como finalidade aumentar o desafio em busca de um rendimento melhor, por exemplo, a quebra de um recorde passará a ser um nova marca a ser batida.

Comparando o esporte com as outras atividades, tais como o trabalho, o teatro, a música, a arte, a industrialização, todas as invenções e alterações têm por objetivo diminuir as dificuldades para atingir determinada meta, já no esporte as regras, por exemplo, geralmente, são alteradas ou incrementadas para trazer novas dificuldades e barreiras ao atleta praticante.

A competição esportiva transforma-se, então, num grande comparativo: de valores, tempos, marcas, alturas, distâncias, forças, velocidades, gols ou pontos marcados, sendo valorizado aquele que obtém a maior marca ou quantidade possível dos códigos implementados pelo esporte (jardas, pontos, gols, cestas, nocautes, aces). Sem esse parâmetro e oposições, o esporte acaba perdendo aquilo que traz em sua essência: a superação de limites, sendo, também, essa a condição para que os atletas, equipes e técnicos busquem o êxito e a glória.

Para Bracht (1997), no desenvolvimento da cultura esportiva verificamos que o esporte, em si, assume algumas características importantes que podem ser resumidas em competição, rendimento físico-técnico, recordes, racionalização e cientificidade aos treinamentos. O componente ideal para um bom desempenho na competição esportiva seria a combinação de componentes físicos, técnicos e táticos com componentes mentais e emocionais (psicológicos). Jones e Hardy (1990) mostram que o desempenho esportivo depende de uma combinação de três fatores distintos: fisiológicos, técnicos e psicológicos.

Como exemplo da reflexão acima, De Rose Jr. (1996) relata que o estresse no esporte competitivo, em qualquer fase da competição, e em qualquer nível ou categoria do atleta, é gerado de duas formas: direta ou indiretamente relacionados à competição. Na primeira delas, diretamente ligado à competição, temos situações que fazem parte do processo esportivo, podendo ser vinculadas ao indivíduo praticante e/ou ao meio ambiente. Na forma indiretamente ligada à competição, temos situações que se relacionam com fatores decorrentes da vida cotidiana do atleta, no seu ambiente familiar, escolar, do trabalho, ou com os amigos. Isso necessita ser melhor analisado pelos profissionais que transitam pela área esportiva, quer seja escolar ou de alto nível.

2.1 – Concentração esportiva

No contexto do esporte, existem vários “atores” presentes em cada um dos segmentos do momento esportivo, como atletas, árbitros, torcedores, locutores, técnicos, pegadores de bola, dirigentes, etc. A “concentração”, “o ato de estar recluso”, “o lugar para preparar a cabeça antes das decisões esportivas”, como é popularmente chamada, representa um dos cenários de alta importância para o desenvolvimento (ou não) do esporte, ou seja, é o local onde as ações imprimem uma feição daquilo que será a competição, como ato final.

Em uma linguagem popular, verificamos a utilização do termo “concentração” para designar o ambiente de reclusão que antecede um evento esportivo competitivo ou de exibição. Principalmente no meio de jogadores, técnicos e dirigentes esportivos a palavra concentração tem a função de designar esse ambiente. Quando saímos do ambiente de senso comum e partimos para o meio acadêmico da Educação Física, a palavra concentração soa no sentido atribuído junto à atenção e também ao de manter o estado de atenção. Na literatura não conseguimos levantar concentração como o ambiente de reclusão esportiva, conseguimos apenas definições para o estado de atenção.

O ambiente de concentração esportiva existe para que, teoricamente, o atleta seja preparado para entrar no jogo no seu estado de mobilização máxima. O treinamento psicofisiológico é um excelente exemplo de estratégia designada para melhorar o desempenho, reestruturar processos de pensamentos ineficientes e manter a mobilização máxima dos atletas durante toda a competição (ROST, 1996). O prazer e a satisfação dos atletas, na prática desportiva deve ser um dos objetivos principais a serem considerados pelo técnico. Consequentemente, os resultados aparecem já quando o indivíduo tende a repetir experiências prazerosas e evitar uma não prazerosa.

Como já citado, a concentração pré-evento esportivo, supostamente são designadas como “terapias coletivas” para equilibrar o estado emocional dos jogadores, afastando-os de quaisquer outros estímulos e contatos extra-esportivos (sejam sociais, e até familiares). Nessa concentração, os jogadores permanecem, basicamente, se distraíndo com TV, jogos de baralho e sinuca (TOLEDO, 2002). Muitos jogadores e profissionais do esporte criticam

e questionam a eficácia dessa reclusão, a partir da introdução de métodos psicológicos para alcançar o resultado.

O ex – jogador Sócrates faz dura crítica ao ambiente de reclusão pré – esportiva no jornal Lance de 12/03/1998. Diz ele:

“Nada é mais banal e letárgico que este tipo de aprisionamento a que os jogadores estão submetidos. Quais os motivos para a existência das concentrações? Evitar que os atletas se excedam nas bebedeiras e nas noitadas, ou mesmo nas relações sexuais? Na verdade, é mais uma conduta paternalista que persiste, levando, ao contrário que se pensa, uma perda de concentração e de motivação, porque, estando os jogadores distantes de seu habitat natural, o sentimento corrente é de sonolência, mau – humor e relaxamento, que em nada favorecem suas performances [...] com esta prática, estamos reforçando a mentalidade juvenil, tornando nossos ociosos atletas especialistas em jogos de carta e diminuindo a força anímica fundamental para este esporte”.

Quando algo sai errado, durante esta reclusão, fica uma má impressão e se torna motivo para curiosidade de profissionais do esporte e de fora dele. O nível de especulação midiática cria mais polêmica do que a existente e as coisas ficam sem explicação. Se por um lado temos essa má impressão, de uma “prisão”, por outro lado, temos um número de atividades que se somam às rotinas dos treinos e são considerados fundamentais para a preparação do atleta para o evento esportivo, visando “moldar” o “espírito” do atleta para a competição.

Toledo (2002), define o ambiente de concentração esportiva como “...*terapia coletiva para equilibrar o estado emocional dos jogadores, afastando – os de quaisquer outros estímulos e contatos extra-esportivos (mesmo sociais e familiares), buscando o seu estado de mobilização máxima...*”

São valorizadas, nesse caso, palestras de auto-ajuda e de inteligência emocional para a manutenção e aumento da motivação dos atletas, para o convívio em grupo e para a competição. Mesmo sem que isso seja Psicologia do Esporte. Mas, dentro disso tudo, existe um grande porém, pois, essa última citação referente a palestras de auto-ajuda e inteligência emocional não dependem obrigatoriamente do ambiente de reclusão pré-evento esportivo: elas tem tomado espaço cada vez maior nas equipes esportivas, em especial de futebol.

Em vista do que foi exposto, temos um fator muito influente o técnico esportivo e o ambiente de reclusão pré-esportiva: as tecnologias de transmissão e cobertura esportiva evoluíram muito, com novos meios e formas de informação que são inventados. Hoje, os ambientes esportivos estão sendo “vigiados” por várias câmeras, sejam treinos ou jogos. A presença do ambiente de reclusão vale tanto para atletas de esportes coletivos quanto individuais. O remador cubano Aléxis (Folha de São Paulo, 15/10/2008), diz que, em seu país, passa praticamente o ano todo em reclusão, buscando o rendimento máximo nos treinamentos e competições. Relata ele: *“Ia para casa somente nos finais de semana, enquanto nos dias úteis ficava confinado”*.

Na NBA, a liga profissional de basquete norte-americano, não existe concentração. Os jogadores são orientados a se apresentarem em determinado horário, no ginásio da partida. Há casos de jogadores que chegam até pela manhã para treinarem arremessos e jogar somente à noite. Por outro lado, houve um caso, na década de 90, na equipe do Chicago Bulls, em que o jogador Dennis Rodman, pivô da equipe, chegou ao ginásio faltando poucos minutos para o início da partida. Não foi punido e acabou jogando, afinal, a equipe dependia dos seus rebotes.

Algumas equipes do futebol brasileiro já pensaram na abolição da proposta da reclusão. Na década de 80, o jogador Sócrates era um dos líderes da chamada “democracia corinthiana”, um movimento ocorrido no clube de futebol paulista Sport Clube Corinthians, que tentava proporcionar mais liberdade e poder de decisão aos jogadores da equipe. Na época, a equipe sagrou-se bicampeã paulista (1982 e 1983). Em 2002, a equipe do Vasco da Gama do Rio de Janeiro – RJ aboliu a prática por algumas partidas por problemas financeiros, mas logo voltou a exercê-la.

A equipe de futebol do Botafogo do Rio de Janeiro, durante o ano de 2008, acabou quebrando um tabu de mais de 20 anos do futebol brasileiro, extinguindo a obrigatoriedade da “concentração”. Pelos planos do técnico da equipe, Cuca, os jogadores eram liberados após o último dia de treino, antes da partida, podendo passar a noite fora do clube ou do hotel, apresentando-se somente pouco antes do almoço, no dia do jogo (RANGEL, 2008).

O intuito do técnico era passar confiança ao grupo, além da credibilidade, e instituir uma parceria com os jogadores. Diz ele: *“Se o cara dorme aqui às 23 horas ele vai dormir nesse horário na casa dele. Isso é profissionalismo”*. Com relação a cumplicidade que

pretende estabelecer fica nítido quando o treinador diz: “*Quero que eles (atletas) tomem conta do grupo e não eu*”. Rangel (2008), ainda traz que o treinador liberou os atletas para praticarem sexo na noite de véspera da partida, um outro tabu e lenda existente no futebol.

A justificativa das decisões tomadas pelo treinador está no fato que o jogador deve ser autônomo e responsável, bem como acredita que para render mais, durante a partida, ele deva se sentir mais a vontade e feliz. Estar com a família no ambiente do lar, proporcionará mais felicidade do que estar preso no ambiente de reclusão apenas, jogando baralho ou dormindo.

Outro fator que pesou na decisão é que, antes, muitos jogadores gostavam da reclusão justamente pelo conforto por ela proporcionado, ou seja, quartos de hotéis com grandes televisões e as respectivas programações de canais pagos, aparelhos de ar condicionado, um frigobar repleto dos mais variados alimentos e banho de banheira de hidromassagem. Hoje, praticamente, todos os jogadores do clube Botafogo possuem este conforto em casa, deixando de ser novidade e interessante.

Na ocasião do comentário acima, o treinador que sugeriu a dispensa da reclusão deixou claro aos jogadores que, caso a medida não funcionasse, ele poderia reverter a decisão: “*Não vamos ficar vigiando atletas, mas vou ter que tomar uma posição desagradável caso alguém se comporte mal*” (RANGEL, 2008). Mesmo sem a reclusão, a liberdade dos atletas é de, certa forma, cerceada, sendo que todos receberam uma cartilha que determina limites para sua liberdade.

Tal acontecimento causou polêmica e divergências entre os jogadores do clube. Enquanto alguns comemoraram a decisão e se propuseram a colaborar com as normas e com a vigilância dos colegas, outros se mostraram contra e com medo do que poderia acontecer com os colegas do grupo. O capitão da equipe, o meia Túlio, se posicionou a favor da decisão, “*Sabemos o que podemos fazer. É claro que os atletas não vão comer churrasco, feijoada, beber álcool e frequentar boates, na véspera da partida. Caso contrário tudo vai acabar. Vai ser maravilhoso, nunca gostei de concentrar*”. O meio campista Zé Carlos, destaque da equipe, é contra: “*Quando joguei no Japão, não havia concentração, e os jogadores deixavam a desejar. Eu gosto de concentração*”.

Na própria democracia corinthiana encontramos indícios de atletas, como o ex-goleiro e atualmente treinador Leão, que defendiam a clausura. Para o jogador Sócrates, os

jogadores possuem medo da liberdade, sendo que uma parte dos atletas gosta de ficar no hotel, com medo da opinião pública. Segundo o Jornal Folha de São Paulo de 15/10/2008, na reta final do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2008, as equipes São Paulo Futebol Clube e Sociedade Esportiva Palmeiras, antes de se confrontarem, utilizaram estratégias diferentes. Durante a semana, a equipe do São Paulo utilizou como preparação treinos físicos, técnicos e táticos durante o dia e após o encerramento destes os atletas estavam dispensados para voltar para casa e ficar com a família.

Na reportagem o treinador são-paulino justifica a tomada de decisão “...*ficar fechado sete dias ninguém gosta, por isso os jogadores passam o dia aqui e vão dormir em casa. É complicado ficar longe da família.*” A equipe são-paulina adotou o regime de concentração, apenas para a sexta-feira e sábado. Por outro lado, a equipe do Palmeiras se refugiou em Atibaia (cidade do interior do Estado), onde realizou seus treinamentos e após estes os jogadores ficaram em regime de concentração.

O treinador palmeirense justificou a decisão alegando que a concentração faz parte do ritual profissional do jogador de futebol: “...*concentração faz parte da vida do atleta. Falam que o Luxemburgo é radical, concentra mais do que extrato de tomate. Às vezes sou radical, mas trabalho profissionalmente.*” O treinador ainda argumenta que a rotina de um atleta, principalmente o casado é complicada, podendo atrapalhar em semana de jogo decisivo: “*Com os meus 42 anos de futebol, posso dizer que a concentração é melhor para os casados. Quando eles ficam em casa é filho que monta na cabeça, mulher que enche a paciência.*”

Os ambientes de reclusão pré-esportiva são de curiosidade geral tanto de estudiosos quanto para a sociedade, devido ao forte atrativo que possui, e é claro da mídia em geral que tenta trazer esse ambiente mais próximo possível do telespectador. É importante salientar a influência da mídia dentro dessa área, não só por parte da imprensa televisiva ou falada mas, também, pela imprensa escrita. Hoje sabemos que jornais e revistas chegam facilmente nas mãos de atletas e técnicos quando estes estão nos seus respectivos períodos de reclusão.

Esses “ingredientes” (mídia e reclusão pré-esportiva) estão misturados dentro do mundo esportivo e nesse momento o papel do treinador é importantíssimo, pois um trabalho bem feito poderá fazer com que o jogador possa relevar todos esses aspectos

negativos que antecedem a uma partida, transformando-os em aspectos positivos e motivacionais. Em contrapartida, uma má atuação de um técnico, ou mesmo uma atuação irresponsável diante desses fatores citados, pode acarretar a perda de uma partida, título ou, em certos casos, uma violência maior entre os envolvidos, sendo eles de qualquer categoria do universo do esporte (torcida, árbitro, atleta, técnico, equipe etc.).

Por mais que a literatura específica para a concentração esportiva seja escassa, não podemos deixar de fazer uma análise positiva desse “confinamento”. Não podemos esquecer dos ganhos que ocorrem dentro dos hotéis, alojamentos e escolas. Pessoalmente me recordo de diversas situações em que fiquei, junto com colegas de equipe, concentrado em algum lugar, desde Jogos Escolares (na época – 1999 - a mesma Olimpíadas Colegiais, sediada em Presidente Prudente), Jogos Regionais, Jogos Abertos da Juventude, Jogos Abertos do Interior e Olimpíada Colegial Brasileira, ou seja desde jogos de nível escolar a jogos de alto nível esportivo.

Em todas as situações acima citadas, recordo de passagens produtivas do ponto de vista educacional, tais como a responsabilidade e organização do quarto e dos pertences pessoais, uma vez que cada aluno/atleta é responsável desde sua cama até seus pertences. Os horários a serem cumpridos, desde os relativos à alimentação até o horário de dormir, momento em que o silêncio deveria ocorrer, respeitando aos outros atletas (da própria equipe e de outras), que deveriam descansar para as competições que ocorreriam no dia seguinte, muitas vezes, logo pela manhã. Vale ressaltar que, após os momentos de alimentação, todos deveriam lavar seus talheres, copo e prato, uma vez que a responsabilidade por tudo isso era do próprio aluno/atleta, e em muitos casos, era a primeira vez que isso acontecia, pois em casa existiam empregados ou os pais ficavam responsáveis por essa tarefa.

É inegável que essas tarefas acarretam aos envolvidos maior responsabilidade e compromisso, que com certeza servirá de base para situações que posteriormente ocorrerão na família, na escola, na rua e em nossa sociedade. Outro momento importante é o banho, que ocorre em um banheiro coletivo. A cooperação, respeito e os bons costumes pensando nos próximos, são fundamentais para o bom convívio. Cuidar desse espaço e mantê-lo em ordem é o mínimo que deve ser feito para que todas as inter-relações e as necessidades ocorram em um ambiente higiênico e harmônico. Vale ressaltar que, em todos os jogos

citados, o período mínimo de permanência na concentração, para modalidades coletivas, era de quatro dias e o máximo de nove, um período considerável para todos os fatores citados.

Os horários para alimentação, café da manhã, almoço, jantar e lanche noturno, ocorrem coletivamente no refeitório da concentração. Isso nos remete a entender que deve ocorrer atitudes que demandem respeito ao próximo, vestimentas corretas, bons costumes relacionados à higiene e educação ao sentar-se à mesa. A integração com outras pessoas advindas de outras modalidades, bairros, cidades e até outras regiões do país, auxilia a configurar, nesse determinado tipo de reclusão, um momento especial para que os envolvidos compreendam a riqueza cultural e a diversidade provocada pela miscigenação brasileira. O respeito e o aprendizado são fartos e ricos, devendo ser, em muitos casos, largamente ampliados e aproveitados pelos profissionais que atuam com educação.

Por esses motivos apresentados, verificamos que o ambiente de concentração pode ser considerado como uma grande oportunidade e, em certos casos, única para trabalharmos com valores morais, éticos e humanos com alunos/atletas, tendo nesse momento o professor, um papel primordial, pois ele coordenará as atitudes de sua equipe, dando a dimensão educacional ou, simplesmente, deixando seus alunos a mercê dos acontecimentos ocorridos dentro da concentração. Um ponto que é necessário ressaltar é que a saída do ambiente escolar, que muitas vezes torna-se repetitivo, chato e monótono, é quebrado quando os alunos ocupam as instalações da concentração, assim sendo, o professor passa a ter uma oportunidade excepcional de aliar o esporte competitivo com um pano de fundo educacional.

2.2 – Um olhar para o grupo esportivo

Como já analisado, o rendimento esportivo é um dos aspectos que mais preocupa técnicos, atletas e dirigentes, além de outros envolvidos indiretamente no espetáculo esportivo, durante as competições. A importância do grupo é primordial como agente facilitador na busca por rendimento esportivo. Muitas expressões citadas como “espírito de grupo”, “união da equipe”, “ambiente de grupo”, pretendem criar um ambiente de conforto individual e coletivo. O que leva um grupo esportivo a ser produtivo e eficaz, empenhado nas mais diferentes tarefas é o seu grau de coesão, de integração e de liderança. Num grupo

emergem ansiedades, conflitos, discordâncias, resistências, que dificultam o objetivo do professor / técnico, mesmo que os indivíduos estejam empenhados numa tarefa.

Conforme Mailhot (1977), o desenvolvimento de formação do grupo é caracterizado em fases, sendo a primeira delas caracterizada pelo individualismo, que dura até ocorrer a aceitação do sujeito no grupo; numa segunda fase verificamos a formação de subgrupos; e na terceira fase, a identificação de cada membro com o grupo.

O grupo esportivo, em seu desenvolvimento, deve ser estudado de forma ampla e abrangente, no contexto social ao qual está inserido. Para Brandão (1996), o grupo esportivo é um sistema dinâmico, devendo ser estudado e observado dentro do contexto onde está inserido, uma vez que depende da composição pessoal do conjunto e, principalmente, dos papéis que são desempenhados pelos componentes, além, é claro, da interação pessoal existente.

A representação social é um processo psicossocial básico e, como tal, é considerada necessária a toda e qualquer interação do ser humano, seja com seu meio social, seja consigo mesmo (DAMERGIAN, 1991). As condições sociais que um grupo vive delimitam o espaço de experiência de seus membros. A estrutura social onde está inserido determina, em grande parte, o que e como os membros de um grupo pensam, ou seja, as condições mentais dos membros de um grupo refletem uma estrutura social.

O esporte acaba por criar um complexo de conhecimento difuso e universal, diante do seu papel social e da sua representação objetiva ou subjetiva, na vida dos indivíduos. O comportamento individual ou grupal é, pois, um dos fenômenos sociais e psicológicos que melhor corresponde às funções que o meio esportivo impõe e, como tais, se relacionam com as normas, condutas e comportamento no contexto de justificativas mantidas entre Grupos, Confederações, Federados, Clubes, Equipes, e Indivíduos. Está integrado com uma dimensão macro outra micro em seus aspectos sociológicos (GUISELINI, 2003).

É importante lembrar que as relações humanas, dentro do mecanismo interno de uma equipe esportiva, sofrem influências de uma organização maior, como em sistema geralmente fechado, envolvendo funções sobrepostas a outro pequeno grupo social, como um sistema naturalmente aberto ou informal, em proporções diversas pelo mecanismo do intercâmbio comportamental.

Em uma análise do grupo para o adolescente, verificamos que, embora seja um importante sistema de articulação de sistemas de personalidade e social, para os seus membros, nem sempre tem um caráter integrativo. Pode-se tornar foco potencial de anormalidades ou de propostas de transformação social, o que traz à tona o caráter potencialmente problemático de grupos juvenis e da própria juventude como condição chave para o processo de transmissão de herança social. Essa fase da vida, a adolescência, é uma fase do desenvolvimento em que o grupo é de grande significação e que se caracteriza como um período de transição entre a infância e a vida adulta (CHIPKEVITCH, 1994; LEVISKY, 1995).

Dar atenção de forma ampla a esta etapa do desenvolvimento requer um aprofundamento nas áreas biopsicossocial, pois envolve mudanças significativas nos aspectos físico, cognitivo, afetivo, moral e social. Apesar de todos aspectos que interferem no desenvolvimento da criança e do adolescente serem extremamente importantes e significativos, uma vez que interagem dinamicamente com o ser, nosso estudo, no entanto, fará um recorte sobre a tendência grupal e da necessidade de pertencer e afiliar-se a grupos, sem dúvida uma característica marcante nessa fase da vida.

Nesta fase da busca da identidade adulta, verificamos que o grupo pode trazer refúgio, segurança e uniformidade, possibilitando muitas vezes a externalização dos sentimentos, que em alguns casos não ocorre em família. Configura-se aqui, pela proteção e pela continência, o papel de substituto parental. Segundo Aberastury (1990), a adolescência caracteriza-se por um período de contradições, ambivalência, doloroso com atritos no meio familiar e social e, que tem sua exteriorização característica, no meio sociocultural no qual se desenvolve.

A identidade adolescente é aquela que vai lhe permitir prosseguir seu ciclo de desenvolvimento. Todo processo evolutivo é marcado por microlutos e na adolescência, encontramos o luto pelo corpo infantil e pelos pais da infância, segundo Azevedo Junior (2007). Além de caracterizar-se como um momento de dor por abandonar seu mundo e a consciência de que modificações incontroláveis dentro de si se processam, as mudanças implicam distanciar-se do presente e a inserção do mundo adulto que naturalmente os leva ao nascimento de novos ideais e capacidade de luta para persegui-los.

No desenvolvimento psicossocial, a adolescência é um período crucial do ser humano na busca das relações grupais como formação da identidade pessoal e social. Os jovens mostram essa ambivalência, podendo ser dedicados ao grupo ou intolerantes na exclusão daqueles que se diferenciam do grupo. Segundo Pierro (1995), a formação do grupo inicia com um único sexo com atitudes, ainda que superficiais, de hostilidade pelo sexo oposto, sendo que mais tarde inicia-se a formação de grupos mistos. Numa fase final ocorre uma desagregação do grupo, quando se consolidam relações amorosas de casais, que acabam se desligando e contribuindo até para dissolução de um grupo. Nessa busca da identidade, característica marcante da adolescência, o jovem passa pelo processo de separação e vivencia perdas.

Para Gallahue (2001), a adolescência é uma fase da vida que é caracterizada pela necessidade de pertencer a um grupo, e na relação com o esporte, na necessidade de identificar-se como membro de um time ou clube, despertando o interesse pela atividade física. O adolescente busca no esporte, a inclusão em grupo social, essa afiliação preenche as necessidades psicossociais, perfazendo sua formação integral e a busca de uma posição dentro da sociedade. Integrar um grupo esportivo, segundo Nery Guiseline (2003), vai proporcionar ao adolescente o desenvolvimento de diversos papéis e habilidades sociais, reciprocidade, cooperação, sensibilidade, funcionando também, como um espaço intermediário na busca da identidade própria e adulta. Muitos são os professores/técnicos esportivos que imprimem, como objetivo de sua liderança, a coesão do grupo.

Para Cratty (1984), a dinâmica grupal pode ser considerada como uma terapia de sentimentos interpessoais, já que é uma disputa entre indivíduos, em busca de posições de destaque, portanto, levando uma equipe a possuir um clima ambiental positivo. Logo, a capacidade de rendimento de uma equipe consiste em usar a estrutura de relacionamento e sentimentos pessoais de aluno/atleta para aluno/atleta, o que poderia garantir o ajustamento ou isolamento de qualquer um.

Desenvolver estudos sobre esse assunto faz-se extremamente necessário no cenário esportivo, regado por relacionamentos, temperos e destemperos. Pensar na coesão grupal, em uma reclusão esportiva, torna-se sem dúvida um prato cheio de exemplos para serem estudados e trabalhados pelos profissionais do esporte, relacionados aos estudos de estados emocionais. Ao pensar na competição, logo remetemos o pensamento em uma seleção que

busca atingir um desempenho ótimo, diante de alguns critérios a cargo do avaliador. Num primeiro momento, muitas pessoas acreditam que essa seleção ou escolha é danosa aos envolvidos, tanto aos escolhidos quanto aos não escolhidos.

Penso que participar de um grupo seja algo positivo, quer estejamos falando num grupo de afinidades e amizades, quanto de um grupo esportivo, que será formado dentro de critérios previamente definidos pelo professor. Vale ressaltar que isso serve de grande motivação para os envolvidos, tanto na busca para superar suas limitações, tentando desenvolvê-las quanto para superar seus colegas de equipe. Importante também pensar na motivação após a escolha, como será o sentimento de quem foi o escolhido? Como será a atitude após esse momento de glória?

Bento & Pereira (2000) trazem, em suas pesquisas, que alunos que participam de grupos esportivos dentro do ambiente escolar possuem um rendimento escolar acima dos alunos que não participam de grupos esportivos, em especial a diferença significativa foi encontrada para o sexo masculino, sendo no feminino mais estável. Existem ambientes escolares que exigem boas notas para os alunos poderem participar do grupo esportivo; na realidade, boas notas para representar a escola nos jogos escolares, uma vez que este aluno deve ser espelho para os demais e conseqüentemente fazer ver o nome da escola enquanto “bom atleta – bom aluno”.

Não raro verificamos programas esportivos, em prefeituras e secretarias de educação, fazendo alusão a esse tipo de comportamento. A Prefeitura Municipal de São José do Rio Pardo, através do Departamento de Esportes e Cultura em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, lançou o “Programa Bom de Bola Bom na Escola”, tentando incentivar tanto a participação dos escolares em eventos esportivos promovidos pela prefeitura, quanto melhorar o rendimento escolar dos alunos.

2.3 Liderança e coesão grupal

Devido ao poder de influência do treinador, é desejável que o mesmo tenha um bom grau de instrução e saiba dialogar com seus atletas, transformando o ambiente em participativo e não em um ambiente de obediência, comando ou uso restrito da palavra; sendo que a prudência fará com que o técnico deixe bem claro o objetivo do que os atletas

estão fazendo, facilitando assim, para os atletas, o entendimento do caminho e rumo que estão sendo traçados. Em todo grupo, seja ele pequeno ou grande, notamos a presença de um líder, seja ele mais discreto, ou mais imponente. Segundo Singer (1977), “...liderança é uma relação de interação entre a personalidade do indivíduo e a situação” (p.112); uma vez que, em toda situação, requer-se talentos especiais para tomada de decisão e/ou resolução da mesma.

Podemos notar, em uma equipe, diversas lideranças tais como a liderança do técnico, do capitão da equipe, de um jogador especialista em certa função, e, até mesmo de um jogador reserva para determinadas situações, tais como cobranças de comportamento dos outros jogadores, e participações em preleções, etc. Um dos atributos importantes do líder é a capacidade de desempenhar bem a tarefa ou saber mais acerca da tarefa do grupo. Segundo, (Singer (1977 p.55), “...é mais provável que um grupo escolha seu capitão entre os bons lançadores do que os maus.”

Sem dúvida alguma, o jogador de futebol Romário facilmente se enquadra na posição de um líder. Algumas pessoas podem interpretá-lo como líder positivo, visto o desejo de muitas equipes tê-lo jogando e pelos feitos por ele realizados dentro de campo; outras pessoas podem interpretá-lo como líder negativo, por alguns comportamentos de fora do gramado, declarações que causaram polêmica e alvoroço no mundo do futebol. Diante de tantas opiniões, é indiscutível que se considere Romário, dentro e fora de campo, como um líder, não apenas de sua equipe mas, também, de muitos atletas profissionais ou não por todo país e até fora do país.

Em entrevista a revista Veja, em janeiro de 2004, Romário faz várias citações sobre o fato de estar ou não em um ambiente de reclusão pré-evento esportivo. Em uma delas ele diz:

“...a concentração, por exemplo, é inútil. O objetivo alegado é de unir o grupo, mas na prática não funciona. Você encontra os outros jogadores na hora da refeição e na preleção. (...) a concentração só serve pra impedir que o atleta caia na farra.(p.2)”

Nesta declaração, Romário deixa claro que a concentração, no caso, reclusão por um ou mais dias se torna uma “prisão”, que não traz benefício algum ao rendimento atlético pessoal ou rendimento do grupo como um todo. Hoje em dia, Romário tem alguns privilégios, tais como treinar separado e viajar sem o grupo, chegando apenas para o jogo e

não precisa ficar “concentrado” antes do jogo. Por um lado, segundo o jogador, isso faz bem para ele, Romário, como pessoa, diz se sentir feliz com isso, porém, por outro lado, como atleta, ele considera isso prejudicial e que até atrapalharia o seu desempenho nos campos:

“Nunca fui atleta. Se eu tivesse levado uma vida regrada certamente teria feito mais gols, mas não sei se estaria jogando ainda e não sei se seria feliz como sou hoje”(p.2).

Afinal, pensando no ambiente de reclusão esportiva para o esporte cotidiano onde busca-se o rendimento máximo a concentração é ou não um fator a acrescentar para um clube ou seleção? E, pensando no atleta, a concentração traria, como dito por Romário, prejuízos? O fato dos jogadores não se sentirem felizes dentro da mesma, de certa forma não atrapalharia psicologicamente o desempenho que é tão cobrado no esporte?

2.3.1 - A coesão grupal

O ser humano de forma geral, é um ser altamente sociável e um ser socializado, sendo que as pessoas constantemente comunicam-se com seus pares e membros de uma sociedade que influenciam, são influenciados, controlam e são controlados. Pensando em uma relação entre humanos, em uma equipe esportiva, essa comunicação e inter-relação tornam-se vitais para um entendimento mínimo necessário, para que tudo caminhe de forma positiva. A história de vida do indivíduo é a história de pertencer ao longo de sua vida à inúmeros grupos sociais, onde que as características sociais mais amplas agem sobre o ser humano.

Segundo Barros (1994), o termo “gropo” ou “gruppo”, surgiu no século XVII, retratando um grupo de pessoas. O grupo surge como intermediário entre indivíduo e sociedade e correntes teórico-filosóficas, movimentos políticos e sociais que não são independentes uns dos outros, mas se entrelaçam. Os estudos sobre grupos trazem referenciais que incluem as Ciências Sociais, a Psicologia Social e a Psicanálise, levando-nos à diferentes concepções do termo, e cada teoria proporciona uma percepção em relação à significação de um grupo. Isto mostra que a escolha do ponto de vista determinará a maneira como o pesquisador conceituará o grupo.

Mesmo com Freud (1976) e a psicanálise, o grupo foi conceituado de diferentes maneiras, sempre permeado pela dualidade indivíduo–sociedade e/ou do indivíduo como o ser social e não apenas portador de conteúdos internos (NERY GUISELINI, 2003). Neste cenário, o homem pode ser considerado um ser especial, uma vez que, apesar da inteligência, necessita para a própria subsistência de relacionamentos grupais, tais como os que se desenvolvem nas família, escola, trabalho, lazer, amigos, esporte, religião para o seu desenvolvimento biológico, psíquico e social. Essas interações ocorrem, num primeiro plano, no grupo familiar: uma espécie de estágio de preparação para participar, mais adiante, das relações sociais mais amplas. Segundo Oliveira (1995), a preparação do indivíduo significa, ao longo de sua existência, que ele “irá internalizar, apropriar-se da realidade objetiva” (p.56).

Mesmo em uma condição de isolamento, o indivíduo tem introjetado formas de funcionamento grupal. Cartwright e Zander (1975) salientam a necessidade de pertencer à grupos e afirmam existirem duas fontes de atração que levam os indivíduos a aderirem aos grupos: o próprio grupo é objeto de desejo e, com efeito estar presente no grupo é um meio de satisfazer necessidades exteriores a ele.

Brás (1998) informa que, mesmo dentro de muitas escolas, ambientes educativos onde a formação de grupos é importante e, ao mesmo tempo, deveria evitar e conscientizar a não exclusão e segregação de grupos sociais diferentes, encontramos formas diversas de manifestações que excluem e matam as diferenças: a segregação das diferenças (onde o grupo é excluído totalmente da convivência com os demais, não podendo existir), a normalização da diferença (onde os grupos diferentes existem, porém são separados por barreiras para impedir a convivência) e a ilusão da diferença (onde grupos diferentes existem mas não interagem de forma alguma e até acabam segregados).

O esporte pode surgir como uma forma de quebrar essas barreiras da diferenças, tentando aglutinar num mesmo contexto, pessoas de diferentes “mundos”, podendo mostrar como essas diferenças não significam que as pessoas são melhores ou piores, apenas que não são iguais, mas que deve haver respeito mútuo entre os envolvidos. Segundo Zimmerman (1997), o homem é portador de desejos, valores, capacidades, necessidades básicas como reconhecimento dos outros do seu meio, sendo que o lado individual e o lado social se cruzam e confundem-se entre si. No esporte escolar isso é facilmente identificado, uma vez

que os alunos/atletas buscam participar dos grupos das modalidades participantes dos jogos escolares, com o intuito de representatividade da escola, recebendo esse participante uma responsabilidade, diferenciando-os dos demais membros da comunidade de alunos da escola.

Esse processo grupal implica em uma rede de relações que pode caracterizar-se por relações equilibradas de poder entre os participantes ou pela presença de um líder ou de um subgrupo que detém o poder e determina as obrigações e normas que regulam a vida grupal. É importante salientar que as relações de poder, dentro de um grupo, determinam ou influenciam o grau de participação dos integrantes no processo de comunicação interno, no sistema de normas, nas suas aplicações, punições e decisões. Em consequência, temos que o homem é um ser em interação constante com o social. Perez (1997) nos sugere que o grupo deva ser visto como o espaço de integração e de intermediação, entre o indivíduo e o social organizado.

Gahagan (1976) escreveu que as metas de um grupo possuem uma interferência organizadora sobre as atividades dos membros individuais, salientando, ainda, que quando as metas do próprio grupo e dos indivíduos coincidem, a busca por resultados positivos são viabilizadas pelas metas do grupo. As regras podem ser alteradas no sentido de criação de novas normas ou de revisão e até alteração das já existentes. O sentimento de solidariedade pode mostrar-se como um importante fator de manutenção do grupo, podendo surgir conflitos em relação aos valores (cumprir ou não a tarefa), às normas e outros aspectos da vida grupal. Esses conflitos originam-se do confronto permanente entre a diversidade do ponto de vista presente em todos os grupo. Dessa forma, o conflito não leva, necessariamente, a dissolução ou esfacelamento do grupo, podendo ainda caracterizar-se como um estágio evolutivo para o seu crescimento e desenvolvimento.

É impossível um indivíduo sobreviver com consciência dentro de um grupo sem perceber que os compromissos pessoais são relativos a tudo que o grupo estabelece como um objetivo comum, estipulado como regra geral do grupo. Carron e Hausenblas (1998) descrevem o processo grupal como sendo uma interação e comunicação entre os membros participantes. Salientam, ainda, que um grupo não se constitui como grupo se não houver autocategorização, ou seja, a percepção pelos indivíduos de que são na verdade um grupo formado. A estrutura de qualquer grupo consiste de papéis, normas, posições e *status*.

Pensando em um grupo esportivo é necessário, durante a sua permanência, que o indivíduo interaja, comunique, e as diferenças de *status* para combater suas próprias dúvidas estejam envolvidas com suas posições assumidas, com expectativas de papéis e com as normas que se formam.

Segundo Olson (1999), não há grupos que se unem sem haver nenhum interesse comum, e ressalta que “as pessoas têm interesses comuns no mesmo grau em que participam de uma causa” (p.32). A primeira etapa da integração grupal é uma situação de desconhecimento e de ansiedades. Os vínculos vão se estabelecendo com resistências às mudanças de comportamentos e aos avanços e recuos do “eu” para “nós” – da individualidade para a grupalidade ou representação coletiva.

Os estudos desenvolvidos em relação aos grupos tentam transmitir uma visão ampla destes. Todos tentam trazer contribuições que ajudem a entender a dinâmica e funcionamento dos mais variados grupos. Os aspectos manifestados e observáveis dos grupos fazem com que a maioria das investigações abra um campo de conhecimento relacionado a fatores envolvidos com o inconsciente dos indivíduos, além é claro, da visão do homem como um ser social (ÁVILA, 1998). O entendimento sobre a significação das questões grupais fundamentais se faz necessário para contextualizá-lo, tendo em vista a virtude das diversas vertentes que buscam dar uma explicação.

Pensando no ambiente de concentração esportiva escolar, a questão do entendimento do grupo faz-se estritamente necessária, para que o professor-treinador possa compreender os anseios dos alunos e as conseqüentes relações inter-pessoais que poderão interferir no bem estar comum e assim também nos resultados da competição.

2.4 – Escola e esporte

O debate sobre a Educação Física Escolar, sua função e sua especificidade ganha força a partir da década de 80, período de grandes contribuições e reflexões acerca das novas propostas que visavam superar o modelo tradicional de ensino existente. A busca por uma identidade para a área fez com que várias propostas temáticas viessem à tona, porém, ainda podemos observar que há um vasto domínio da concepção esportivista e recreacionista (DARIDO, 2005).

Dentre as novas abordagens, tendências e perspectivas, muitas são as propostas que contribuem com novos olhares para a área, mas são poucas as que contribuem efetivamente com a prática educativa dos professores, ou seja, os estudos preocupados com as questões da Educação Física escolar cresceram bastante nas últimas décadas, mas uma porcentagem muito baixa desses trabalhos conseguiu realmente auxiliar os professores no sentido de facilitar e otimizar seu trabalho.

Os motivos que justificam essa conjuntura são os mais variados. De acordo com Betti (1996) as propostas de cientificação da Educação Física, que tiveram início na década de 60 e que se estendem até os dias atuais, revelam uma constante fragmentação e especialização dos conhecimentos produzidos. Esse quadro conduz a um crescente distanciamento entre a produção científica e o mundo profissional. Analisando a produção científica, nos principais periódicos veiculados sobre Educação Física no Brasil, Ferraz e Florez (2004) identificaram poucas pesquisas voltadas efetivamente à prática pedagógica.

A Educação Física escolar já foi confundida com o esporte de maneira equivocada, entre as décadas de 60 e 70, atendendo a interesses políticos que visavam se beneficiar desta condição. Desta forma, o esporte foi desenvolvido, no âmbito escolar, de maneira tecnicista, sendo aplicado desde as primeiras séries do ensino fundamental (KUNZ, 2001). Porém, já naquele período, havia quem criticasse esta iniciação precoce ao jogo desportivo já que Educação Física era sinônima de esporte, e era obrigatória desde o ensino fundamental. Segundo Gadotti (1997), educação é muito mais do que instrução, do que treinamento ou a simples repetição. A educação é eminentemente transformadora, deve se enraizar na cultura dos povos.

A modernidade se caracteriza pela superficialidade das relações e pelo consumo imediato. No entanto, a educação é um processo a longo prazo e precisa combater o imediatismo, o consumismo, se quiser contribuir para a transformação de uma sociedade. A educação para ser transformadora e libertadora, precisa construir entre educadores e educando uma verdadeira consciência histórica. E isso demanda tempo. Para Tani et alii (1988), o movimento humano faz parte do domínio motor (ou psicomotor devido ao grande envolvimento do aspecto cognitivo nos movimentos), entretanto no comportamento humano estão presentes também o domínio cognitivo e o domínio afetivo-social. Um

determinado comportamento pode ser classificado num desses domínios, sabendo, embora que existirá a participação de todos os três domínios.

Daí, a importância para dois princípios: o da totalidade e o da especificidade. O primeiro propõe que, em qualquer comportamento, há sempre a participação de todos os domínios que atuam de forma integrada. O segundo propõe que cada domínio necessita ser analisado especificamente, dado à predominância sobre os outros.

Segundo Gadotti (1997), a educação não pode ser orientada pelo paradigma empresarial, que simplesmente dá ênfase apenas à eficiência. Este paradigma ignora o ser humano sendo este, também, conceituado apenas como um puro agente econômico. Mas, ao que parece, este paradigma vem ao encontro do conceito atual de esporte, divulgado pela mídia e pela sociedade capitalista: o esporte como uma mercadoria de consumo, Ghiraldelli (1993) diz que esta abordagem esportiva atual acaba encobrendo uma estrutura social injusta e excludente, pois ele, o esporte, aparece como sendo a salvação para a marginalidade e a pobreza; praticando-o, a criança, adolescente ou o adulto estaria a caminho da ascensão social.

Machado e Presoto (2001) defendem a iniciação esportiva como parte de um programa de Educação Física. Sugerem que deva ser abordada como aprendizagem e desenvolvimento motor, com táticas e regras básicas e sem muita exigência técnica, física ou tática, tendo como objetivo cooperar para a formação integral do aluno (físico, cognitivo e afetivo-social), podendo, a partir daí ser uma preparação técnica para os esportes escolares. Entretanto, segundo esses mesmos autores, o que acontece na realidade é o uso da competição esportiva, envolvendo classes, turmas e até outras escolas, sem uma preparação adequada dos educandos.

Logo, é muito comum na prática esportiva destinada a crianças, a utilização de modelos não adequados, tanto nas competições como nos programas de formação e treinamento, onde são exigidas performances não compatíveis com o momento ontogenético dos indivíduos. Araújo (1992) traz, em sua proposta de trabalho, que a ginástica artística é uma modalidade esportiva importante a ser trabalhada na escola, porém, é necessária uma adaptação do modelo tradicional de competições, pois o código de pontuação é complicado demais para a execução dos escolares, tentando dessa maneira tornar a ginástica artística mais acessível e motivante para os praticantes.

Esse exemplo nos mostra uma possibilidade para a transformação de um esporte que visa à perfeição técnica em um modelo de participação e vivência no contexto competitivo sem a cobrança excessiva do esporte de alto nível profissional.

Lima (1998) informa sobre a importância do quadro conceitual da animação desportiva escolar na relação da escola com a comunidade, o autor explora a importância da presença do esporte na escola e do professor de Educação Física como um agente promotor de decisões humanas, onde o esporte é um contexto importante no campo de formação e tomada de decisões, não servindo somente para a competição mas, também, para finalidades educativas.

Erickson (1963) descreve que, entre os seis e doze anos, existe o período de produtividade versus o período de inferioridade. Neste período, segundo o pesquisador, a criança necessita de aprovação das figuras afetivas como: pais, professores, treinadores, nas suas tarefas (ler, escrever, calcular, nas habilidades sociais e esportivas etc.). Caso não consiga a produção esperada, pode desenvolver um sentimento de inferioridade. Portanto, como já mencionado, a iniciação da criança nas atividades esportivas dentro da escola, deve ser observada com muito critério e cuidado, para que não seja repetida nas aulas de Educação Física uma prática esportiva onde se valorizam somente os resultados atléticos, desconsiderando-se os valores educacionais possíveis através da prática esportiva.

Tani et alii (1988) considera de relevante importância que os objetivos da Educação Física acompanhe as necessidades demandadas do próprio processo de mudanças no comportamento humano, ao longo do seu desenvolvimento. As habilidades esportivas como, marcar gols, encestar, dribles e passes precisos, não podem sobrepujar o desenvolvimento e a necessidade do educando em adquirir e reter um amplo repertório de habilidades básicas que antecedem aquelas exigências citadas.

A primazia da iniciação esportiva escolar não está nas habilidades específicas e sim na amplitude de possibilidades de estímulos para o desenvolvimento e crescimento físico, fisiológico, desenvolvimento motor, aprendizagem motora, desenvolvimento cognitivo e afetivo-social. Esporte Escolar é contemplar a criança às mais amplas possibilidades de vivências que respeitam as características afetivo-emocionais; frequentemente o esporte é utilizado dentro do ambiente educacional ou fora dele como um instrumento educativo, pois não é de hoje que mencionamos os atributos e valores morais objetivando a formação e

desenvolvimento do ser humano. Vários exemplos de vida são citados dentro do contexto esportivo, quer sejam positivos ou negativos.

Exemplos como os de atletas que saíram de um meio social altamente desfavorável, e através do esporte, venceram na vida, ou então exemplos de atletas que obtiveram o sucesso, mas acabaram entrando para o mundo das drogas e doping, geralmente figuram no meio educacional. Nomes como Ayrton Senna, Janeth, Paula, Hortência, Dunga, Diego Maradona, Romário, Edmundo, entre outros atletas, ajudam na reflexão e na construção de uma imagem e de uma postura que o praticante do esporte vai carregar para a sua vida pessoal.

Em busca desta notoriedade, muitas crianças e adolescentes iniciam na escola a prática esportiva precocemente, estando sujeitas a participar de competições e a treinamentos que em muitas situações atingem cargas elevadas. Em virtude das excessivas cobranças pelos resultados, essa precocidade esportiva e a carga de treinamento em larga escala é analisada como parte do processo normal de uma competição. Este contexto escolar do esporte nos mostra uma proximidade ao esporte das equipes competitivas adultas e profissionais que, sabidamente, visam uma melhoria quantitativa em prol de resultados, relegando a prática da atividade física que visa a saúde e o bem estar do praticante, à segundo plano.

Segundo Lucato (2000), dentro das instituições educacionais os projetos pedagógicos relacionados com a saúde, bem estar e ensino-aprendizagem das atividades físicas e esportivas, às vezes, contradizem a proposta, pois a postura do professor responsável e da escola como um todo faz referencia à seleção de alunos, treino e busca incessante pela vitória, deixando de lado um programa que atenda as necessidades da equipe em questão.

Uma pesquisa desenvolvida com 543 jovens sobre fatores foi desenvolvida por Pierce & Stratton (1981) e verificou-se que no desenvolvimento de uma prática desportiva escolar, as principais preocupações dos sujeitos eram: não jogar bem (63,3%), erros nas ações (62,5%), pressões de treinadores (24,9%), pressões de colegas (24,7%) e pressões dos pais (11,2%). Simões (1996) alerta as conseqüências negativas que a competição esportiva pode acarretar na coesão grupal, do conflito e da agressão intergrupo e sua conclusão avança que a excessiva valorização para vitória (ou busca incessante por esta) caracterizada

no esporte atual para nossos jovens, pode trazer conseqüências danosas para o seu desenvolvimento psicossocial. Portanto, é inegável que existam formas pessoais e específicas de reação do organismo aos estímulos provocadores de estresse.

Essa linha de pensamento nos leva a crer que uma equipe esportiva, que também é um grupo social, não é simplesmente um conjunto de ações técnicas, físicas e táticas, que vai, além disso, tendo uma representação coletiva de manifestações expressivas em busca de um sucesso comum ao corpo coletivo. O desempenho do grupo como um todo é influenciado pelo perfil e pela contribuição individual de cada membro da equipe. O comportamento dos indivíduos de uma equipe irá ter um reflexo positivo ou negativo na coesão do grupo esportivo. A análise da atividade competitiva e das interações entre os sujeitos envolvidos envolve fatores psíquicos pessoais que afetam os resultados esportivos.

Pensando em uma reclusão esportiva de Olimpíadas Escolares, teremos dias inteiros (que chega a ser uma semana), em que os alunos-atletas estarão em constante interação social, desde a hora que acordam, refeições, momentos de lazer e ócio, durando até a hora de dormir e, muitas vezes, compartilha-se o mesmo dormitório, que geralmente é uma sala de aula cheia de colchões.

2.4.1 – Apontamentos históricos sobre esporte e escola

O esporte infantil e escolar não é privilégio da educação contemporânea, podemos trazer apontamentos bem distantes do nosso tempo e espaço, verificando assim que a competição infantil faz-se presente na vida das pessoas. Ryan (1988) cita que, no decorrer dos séculos IV e V antes de Cristo, jovens competiam em diferentes modalidades, ou no caso atividades, tais como lutas, corridas e pugilato; buscava-se, com esta atividade, despertar um fortalecimento do caráter da criança e do adolescente. As civilizações, em seus primórdios eram classificadas como sociedades simples, passando posteriormente e gradativamente, de acordo com a sua evolução, para sociedades complexas, tendo em seus objetivos educacionais e filosóficos o uso das atividades físicas, jogos, lutas, danças e competições.

Na antiguidade do oriente não havia uma reflexão especialmente voltada para a educação, uma vez que essa prática e esse saber eram vinculados quase que exclusivamente

às tradições religiosas e costumes recebidos dos ancestrais. Tratando-se das sociedades teocráticas, a prática educativa não se separava da prática religiosa, sendo que os escribas, magos e sacerdotes eram os depositários desses valores, não havendo uma posição muito clara sobre as atividades físicas no contexto educacional. Por outro lado, na Grécia Antiga, temos uma substituição das explicações predominantemente religiosas para a utilização de elementos baseados na razão autônoma, da inteligência crítica e pela atuação da personalidade livre, surgindo então, a necessidade de ser elaborada na teoria o ideal de formação dos cidadãos (ARANHA 1996).

Para Ramos (1982), na Grécia Antiga a escola possuía uma representação próxima ao que temos nos dias atuais, uma instituição preparatória da cidadania. Como as guerras entre as cidades-estado eram relativamente constantes, a preparação física dos jovens era altamente valorizada. A prática da ginástica, por exemplo, visava formar cidadãos fortes, saudáveis e combativos, que defendessem adequadamente as suas cidades. Os estudos da criança grega, do sexo masculino, eram iniciados por volta dos sete anos de idade. A criança era acompanhada de um escravo, denominado pedagogo, ao local conhecido como *palestra*, onde era praticado exercícios físicos. A criança recebia orientações do pedótriba (um instrutor de atividades físicas), praticava atividades como a corrida, saltos, lançamento de disco, lançamento de dardo e luta. Segundo Jaeger (1994), as crianças aprendiam, assim, a fortalecer o corpo e a exercer domínio sobre si próprio, uma vez que a atividade física nunca era reduzida ao simples treino da destreza corporal, mas era acompanhada de questões morais e estéticas, pensando não só no vigor físico, mas em valores importantes para a vida.

Analisando o período medieval, verificamos que a atividade física era restrita as justas, motivado pelo entendimento da igreja sobre os valores humanos. No século XVII surge o interesse específico pela criança, alertando-nos para o fato de que a atenção especializada à criança pode parecer uma conquista, mas é também um esfacelamento de sua realidade e de seu mundo, pois o seu espaço tornou-se especializado, portanto, limitado. (REDIN, 1998). Mais adiante no tempo, especificamente no século XVIII, podemos notar que o sistema educacional da Inglaterra era referenciado nas chamadas Public Schools, uma escola destinada à frequência de filhos de aristocratas. No tempo livre dos estudantes eram praticados jogos diversos, que segundo Gonzáles (1993), criavam problemas, pois sua

violência e vulgaridade poderiam comprometer a imagem do tradicional sistema de ensino britânico.

No decorrer do século XIX, a direção das tradicionais escolas britânicas iniciaram movimentos que visavam uma reformulação das atividades praticadas durante o tempo livre dos alunos no decorrer das aulas, mantendo-os nos pátios e nos campos de propriedade da escola e não mais em bares, propriedades privadas e locais públicos, onde os alunos geravam tumultos. A escola assumia nesse momento, um compromisso de buscar atividades para preencher o tempo livre com atividades prazerosas aos alunos. A utilização do esporte como estratégia de controle das atividades dos adolescentes foi marcante nessa reformulação. Em um período muito curto de tempo, o esporte passa a ser um dos conteúdos curriculares mais importantes dessas instituições. Estas condições culturais da época trazem atrelada a necessidade de normatizar a conduta do praticante, bem como definir regras no esporte. Elias e Dunning (1992) apontam que a concepção e a organização do esporte moderno, na Inglaterra, estão intimamente ligadas e relacionadas ao processo social e político que este país vivia ao longo dos séculos XVII e XVIII.

Sigoli (2005) informa sobre um fato interessante ocorrido à época: os ex-alunos das Public Schools levaram o modelo esportivo praticado no interior das escolas para os clubes, associações, igrejas e empresas. Transmitia-se assim os valores do esporte moderno para a sociedade inglesa no século XIX. A transformação de um simples passatempo pré-esportivo em um esporte regulamentado passa por diversas discussões e assembleias entre as mais variadas comunidades escolares que compunham as Public Schools (GONZÁLES, 1993). Como conseqüências dessas assembleias e encontros foram sistematizados os códigos de cada modalidade, bem como os gestos apropriados e as variedades e similitudes das diversas modalidades (ULMANN, 1982).

Como exemplo disso temos o futebol e o rúgbi. O pedagogo Thomas Arnold, que assumiu a direção do Colégio de Rugby, em 1928, é considerado um grande colaborador dentro do processo de regulamentação e pedagogização das práticas esportivas. O fato da regulamentação do esporte britânico partir das Public Schools, reafirma a relação estreita do esporte com o seu papel educativo. Este processo de adaptação pedagógica de jogos populares formatando o esporte com as características da sociedade onde encontra-se inserido, é primordial em uma relação escola-esporte. Por esse motivo, segundo Bracht

(1997), o esporte foi e ainda é utilizado como um instrumento educativo, transmitindo valores importantes para a formação do cidadão apto ao convívio em sociedade.

Quadras, campos, piscinas, pistas e tatames converteram-se, nesse contexto de sistematização e regulamentação do esporte, em um celeiro de formação de líderes, que posteriormente atuariam nos mais diversos segmentos da sociedade, tais como, indústria, polícia, exército, empresas comerciais e na administração do império colonial inglês. A influência socializante dos jogos era enfatizada para a promoção da liderança, lealdade, cooperação, autodisciplina, iniciativa e tenacidade, qualidades necessárias à administração do Império britânico. Segundo Mangan (1986), em algumas décadas os filhos da Public Scholls, uma geração oriunda dessas instituições de ensino aristocrático, a chamada *crístandade muscular*, conquistou postos importantes como direção no governo, parlamento, igreja, em empresas privadas e na educação e difundiu a nova mensagem esportiva com muito êxito. Segundo esse autor, desde que o Império britânico se estabeleceu, as Public Schools tornaram-se seu suporte.

Os ex-alunos, oriundos da Public Schools, desempenhavam papel de agente de persuasão da hegemonia, sendo capazes de impor um ponto de vista exercendo o papel moral não pela força, mas pela autoridade: ocupavam os púlpitos da igreja, participavam das competições esportivas, das caçadas na selva, realizavam palestras nas escolas, escreviam os editoriais dos periódicos oferecendo, assim, à sociedade seu ponto de vista e sua versão da realidade. Os formandos das Public Schools legitimavam as convicções dominantes, conquistando a juventude e criando unidade no terreno da ideologia.

Paralelo ao modelo educacional inglês temos o registro do chamado Olimpismo na França, que no século XIX passava por uma crise educacional e necessitava definir um novo modelo educacional para reestruturar todo o seu sistema. O desenvolvimento do Olimpismo é uma evidência histórica da função formativa do esporte. Sigoli (2005), descreveu que o Olimpismo ou Ideário Olímpico foi um conjunto de idéias desenvolvidas pelo pedagogo francês Pierre de Coubertin. Esse movimento teve como objetivos promover uma reforma educacional com base na prática do esporte e também restaurar os Jogos Olímpicos da Antiguidade como um elemento de promoção da paz entre os povos do mundo, haja vista que, mesmo com o desenvolvimento das ciências humanas e da produção

de idéias, durante o século XIX, os conflitos ainda eram resolvidos de forma brutal e por meio da guerra.

O estabelecimento do Movimento Olímpico acaba coincidindo com a proliferação de um amplo movimento internacionalista cujo principal objetivo era a promoção e manutenção da paz (TAVARES 2003). A competição esportiva era uma forma racionalizada de conflito, sem o uso da violência, em que os atletas de todas as nações pudessem competir sobre as mesmas regras e condições. Em 1894, em Paris, teve início o congresso esportivo-cultural, no qual Coubertin apresentou a proposta da recriação dos Jogos. Segundo Henry (1955), pautado na história dos jogos antigos da Grécia antiga, Coubertin fundiu os ideais educativos reformistas às idéias de realização de um grande festival esportivo quadrienal. Coubertin acaba restabelecendo os Jogos Olímpicos como propaganda para o Olimpismo. De forma geral, a força do movimento esportivo é notória e faz-se perceber não apenas no ambiente escolar, mas sim em toda a sociedade no século XIX, expandindo-se para todo o mundo, no decorrer do século XX, possibilitando o surgimento de outros modelos educacionais.

2.4.2 – Esporte educacional

Foi em 1952, após o término dos Jogos Olímpicos de Helsinki, na Suécia, que a participação da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) transformou o olhar para as disputas esportivas, que passou a ser uma das vitrines mais importante para propaganda política dos países, no confronto ideológico oriente versus ocidente. Isso porque os atletas norte-americanos até então dominavam amplamente as mais diversas modalidades disputadas, ficando sempre na dianteira do quadro oficial de medalhas. Para a surpresa dos norte-americanos e de boa parte do mundo, os soviéticos os superaram, tendo o maior número de medalhas.

A partir de então, o esporte passa a ser visto como um fenômeno social, com potencial de mudanças de estruturas políticas e de reforços sobre ideologias daquela época. O Brasil, nesse período, enquanto boa parte do mundo dedicava um ampla atenção ao movimento esportivo crescente, mantinha a mesma postura estabelecida em 14 de abril de

1941 através do decreto-lei 3199. Este dispositivo legal, defasado com a realidade brasileira da época, não fazia menção a prática de esportes na escola.

Após uma campanha considerada como um fracasso, na Copa do Mundo de Futebol, de 1966, na Inglaterra, o desenvolvimento esportivo do Brasil passou a ter um destaque merecendo atenção especial das autoridades federais. A decisão de encomendar um diagnóstico da Educação Física e Desportos, em todo o território nacional, foi uma das primeiras providências tomadas, cabendo a então Divisão de Educação Física do MEC (Ministério da Educação e Cultura) realizar este estudo. Após utilizar o diagnóstico como base, algumas medidas foram tomadas, decorrendo daí o surgimento do esporte escolar, sendo que o Governo Federal defende a política de que a iniciação esportiva começaria aos 11 anos de idade. Segundo Fanali (1981), a política adotava pelo Governo Federal em relação ao tema era de que a maior parte dos investimentos na escola deveriam ser destinados para investimentos na Educação Física.

O mesmo autor nos traz que, em 1975, o Governo Federal revogou o decreto-lei 3199, de 14 de abril de 1941, e estabeleceu uma nova orientação para o esporte nacional, que visava estruturar o esporte brasileiro. Mas, sem uma política pública eficiente para gerir o esporte, o modelo de formação nacional de atletas ficou atrelado aos clubes sociais, que por ora eram desvinculados de uma política de formação de médio e longo prazo. Essa política teve o intuito de buscar um aumento nas bases esportivas nacionais através das aulas de Educação Física. Esse período ficou marcado pelo tecnicismo ou mecanicismo, na história da Educação Física Brasileira, que tinha suas bases nos treinos desportivos, independente de aptidão ou de desejo dos alunos. Surge então uma confusão sobre o conceito de Educação Física e Esportes.

Em busca de revelar talentos esportivos advindos do ambiente escolar, surgem os Jogos Estudantis Brasileiros –JEB's, que atualmente trocou a denominação para Olimpíadas Escolares e está vinculado ao Comitê Olímpico Brasileiro – COB. Com relação ao incentivo ao esporte competitivo, dentro do ambiente escolar, temos diversos pontos levantados acerca do tema, pois existe uma polêmica sobre a utilização das aulas de Educação Física para esse fim, que apesar das novas tendências pedagógicas existentes apontarem para diferentes funções da Educação Física voltadas para Educação, muitos

professores ainda têm a concepção que a aula escolar é um espaço para preparação técnica / esportiva dos alunos.

Um outro ponto importante dentro desse contexto é a iniciação esportiva precoce, bem como a especialização esportiva única, além de modelos de competição que são cópias fidedignas ao modelo de competição de adultos profissionais do alto nível, restando as adaptações ao tempo de jogo, as dimensões da bola ou altura da tabela no basquete etc. Temos que expor nesse cenário alguns fatores que, de fato, estão presentes no processo educativo mas que, segundo Santos (1998), não são tão utilizados para análises e discussões dos profissionais. O primeiro é que o conceito e as virtudes do esporte escolar encontram-se amplamente divulgados pela mídia esportiva especializada, que faz dos jogadores semi-deuses, que são considerados heróis devido a um gol ou ponto importante, ou que da noite para o dia tornam-se imortais e milionários. Nossas crianças convivem diariamente com os programas esportivos alimentam seus sonhos e fornecem combustíveis a um mundo de ilusões. Um outro problema apontado é a falta de discussões acerca da Educação Física Escolar, não sendo muito comum encontrarmos o tema rendimento esportivo como preocupação central dos professores, dado a um senso comum disseminado a partir de críticas ao esporte, surgidas na década de 1980.

Para De Rose Jr. (1996), ainda existe uma certa ambigüidade na identidade do esporte escolar, pois o valor educativo da prática esportiva não foi demonstrado. Um exemplo disso fica evidente quando se observa que a competição exige do jovem participante uma preparação adequada e sacrifício para se atingir o objetivo que se busca. Sigoli (2005) diz que existe uma concordância entre vários personagens que compõem o entorno esportivo: pais, educadores, técnicos, ex – atletas afirmam ser de grande importância a prática esportiva na formação educacional e social dos jovens. Esse pensamento confunde-se entre pesquisas, reflexões e com o senso comum da população, passando a idéia de que o esporte sempre é benéfico para a educação, nas mais variadas circunstâncias e de forma incontestável.

É difundido que o esporte ensina a conhecer e a respeitar as regras, ter autoconfiança, a promover uma rotina de trabalho além de desenvolver a auto – estima e a capacidade de auto – superação. Dentro do ambiente escolar, os valores que são atribuídos aos esportes são aqueles que podem contribuir com o desenvolvimento do caráter da

pessoa, assim como a aquisição de regras de conduta, normas de comportamento e valores sociais, que fundamentam nossa cultura. As atitudes de perseverança, disciplina e cooperação que são trazidas junto com o esporte, contribuem para a formação da personalidade.

Mas é importante pensarmos, será que o esporte traz isso automaticamente a todos os seus praticantes? Será que todos se enquadram como pessoas que possuem perseverança, respeitadas, que seguem as regras? Com certeza, se tudo isso fosse de aprendizagem automática não teríamos casos de doping no esporte, ou trapaças em prol de uma alteração nos resultados. O professor de Educação Física tem papel nessa formação, sendo parte principal da fórmula que para muitos é mágica onde o esporte transforma os seus praticantes em heróis. Segundo Oswald (1999), o esporte é uma ferramenta excepcional de alto valor educacional, que contribui para a formação do caráter e para a realização pessoal, sendo também um excelente meio de socialização, capaz de desenvolver virtudes e proporcionando situações que serviriam de aprendizado para a vida cotidiana, adaptando melhor o indivíduo para o convívio em sociedade.

Para Sage (1998), o envolvimento do ser humano com a prática esportiva é uma excitante forma de expressão humana, sendo que muitas pessoas encontram no esporte uma fonte de alegria, felicidade, prazer, diversão e auto-satisfação, possibilitando a modelação de crenças e valores, nestas experiências. A partir disso, cria-se a expectativa de que os valores educativos do esporte beneficiam, de forma geral, a educação global do indivíduo. Mas, a idéia de que o esporte possui apenas visões positivas na formação do indivíduo e, que tais aprendizagens são transferidas automaticamente e imediatamente para a educação formal, pode ser uma visão simplista do fenômeno.

Simões (2002) nos descreve o cenário esportivo como o mais complexo entre os que ensinam, interferem, influenciam e os que passam por processos de formação e desenvolvimento, em instituições sociais, pois o esporte se desenvolve a partir de uma relação existente entre as famílias, as escolas e os clubes desportivos. Dentro do sistema educacional existe uma busca constante de ferramentas e mecanismos que forneçam subsídios para auxiliar no processo de formação do educando. Fica faltando, ainda, infelizmente, aos gestores das práticas educacionais a compreensão da forma como o

esporte deve ser utilizado para atender as expectativas pedagógicas da escola e dos mais diferentes contextos sociais.

A valorização apenas do primeiro colocado e a desvalorização de todos os demais participantes é um fato que precisa ser repensado na competição escolar, haja vista que nos Jogos Olímpicos, evento máximo esportivo, valoriza-se para a classificação geral o número de medalhas de ouro conquistadas como primeiro quesito. Explicitamente, desenvolve-se a cultura de valorização apenas do primeiro colocado.

Muitas vezes a competição é criticada por profissionais envolvidos com educação e esporte, que acabam analisando apenas os pontos negativos desta, que fica por diversas vezes segregada, criticada e até negada no processo educativo. Por outro lado, é importante trabalhar a competição, pois estamos inseridos e vivemos em uma sociedade altamente competitiva que preza valores e medidas a partir da competição, como por exemplo, o vestibular, a seleção pelo melhor currículo, a seleção de entrevistados etc. Vivenciar esse mundo, que traz benefícios e aprendizagens é de suma importância para o desenvolvimento pessoal e profissional dos envolvidos. Mais do que isso: a competição faz parte do esporte, de uma forma ou de outra é preciso entender que trabalhar com esporte será trabalhar com competição, no formato que existe ou em outro, que precisa ser melhor alinhavado. Nem o esporte escolar, nem sua forma de competição, estão prontos para nossa sociedade.

2.4.3 – Transpondo os muros e entrando na escola

Analisando a realidade brasileira, principalmente ao considerarmos que as grandes e médias cidades sofrem sérios problemas relativos à falta de segurança e a violência e, que somado a isso, grandes centros urbanos não dispõem de espaços coletivos ou instituições que permitam de maneira efetiva a prática de atividade física e iniciação esportiva, não fica muito difícil entender que, em muitos casos, um dos primeiros locais que permite o contato da criança com o esporte é, inegavelmente, a escola que, em muitas vezes, quando não é a única opção transforma-se na melhor.

Segundo Betti (1991), entre os anos de 1969 e 1979, o Brasil assistiu uma ascensão do esporte como prioridade ao Estado brasileiro, tendo a inclusão do binômio Educação Física / Esporte na planificação estratégica do governo, que incentivava a prática através do

Plano Nacional de Educação Física e Desportos (PNED). A elevação do esporte como uma das principais preocupações nacionais, consolidou definitivamente a esportivização da Educação Física Escolar.

O modelo apresentado através do PNED era claro, buscando formação em massa de atletas através das aulas de Educação Física utilizando – se do conteúdo esportivo, para a formação da base atlética e esportiva do país. Então, nas décadas de 70 e 80, o esporte tornou – se oficialmente o conteúdo das práticas de atividade física escolares, lembrando que havia por trás disso uma ideologia governamental, nascida após o fracasso da seleção brasileira de futebol durante a Copa do Mundo de 1966 na Inglaterra.

Chegando a década de 1990, desenvolve – se diferentes concepções, teorias e entendimentos sobre a Educação Física Escolar, que são denominadas abordagens pedagógicas ou ainda, tendências pedagógicas. Todas criticavam duramente o modelo esportivista da Educação Física, pois esse modelo estaria desatualizado com a atual demanda social, principalmente após a promulgação da Constituição e das Leis de Diretrizes e Bases da Educação, onde o carro chefe e eixo norteador é a inclusão social e a valorização da cidadania. Hoje temos uma gama de tendências para a Educação Física escolar, tais como, a construtivista, a crítico-superadora, a saúde renovada, a sistêmica, a desenvolvimentista, a teoria dos PCNs (parâmetros curriculares nacionais), entre outras.

Cada uma dessas tendências apresentadas possui um corpo de conhecimento específico, que não cabe a este trabalho abordar, pois foge a luz do estudo, que o profissional pode se apoiar para desenvolver seu trabalho parcialmente ou totalmente. No contexto escolar verificamos segundo Darido, (2005) que defende a utilização dos PCNs para a Educação Física, que os objetivos a serem alcançados devem permear a prática de atividade física buscando o maior número de participantes, através da cultura corporal de movimento, onde o aluno irá aprender algo através do movimento, algo relevante para sua cultura. Partindo desse ponto é importante que o professor de educação física escolar questione quais são seus objetivos, seus conteúdos e seus métodos no decorrer de suas aulas.

Consideramos o esporte escolar como atividades desportivas realizadas e organizadas pelas instituições de ensino ou por ela representadas, nesse caso temos alguns exemplos de atuação docente na formação das turmas de treinamento, os torneios inter-

classes, as olimpíadas internas, os jogos inter-escolares municipais, estaduais e federais. Para Machado (1994), podemos constatar que a visão de esporte escolar que temos atualmente não é das mais desejáveis, uma vez que está impregnado na escola o esporte adulto, de alto rendimento e alto nível, com seus recordes, campeões, heróis, conflitos e batalhas.

O esporte desejável no ambiente escolar para Machado (1994) é o esporte que possibilite uma integração social e não uma supervalorização de resultados que traz como conseqüência uma exclusão, que pode levar inclusive a uma humilhação dos seus participantes. Nesse caso é viável adotar atividades formativas e educativas dando ênfase na formação humana e não somente tecnicista. A partir desse ponto de análise, Machado (1994) afirma haver uma intrigante oposição entre duas correntes: uma corrente humanista e uma corrente desportiva.

A repercussão das mais variadas críticas ao sistema esportivista feito por outras tendências, sugeriu que esse modelo fosse excluído da Educação Física. Outro ponto das críticas foi estabelecer méritos de cada atividade, definindo assim, epistemologicamente, a área do fenômeno Educação Física e do fenômeno Esporte. A partir dessas definições, houve um entendimento de que deveria haver espaços reservados tanto para a Educação Física quanto para as atividades esportivas, sendo que os objetivos de cada um seriam independentes.

Com esse intuito, o Governo do Estado de São Paulo, através da Secretaria de Estado da Educação, e da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP), cria baseada na Resolução da SE 173 de 05/12/2002 as Turmas de Atividade Curriculares Desportivas (ACD). Essas turmas especiais são turmas de treinamento esportivo em diferentes modalidades (handebol, basquetebol, voleibol, futebol, dama, xadrez, ginástica artística, judô e capoeira), oferecidas aos alunos das escolas públicas estaduais fora do período regular de aulas. O aluno participante não tem dispensa da educação física regular e os treinamentos são de duas ou três horas semanais de acordo com o projeto do professor de Educação Física e a proposta político – pedagógica da escola.

Estriga (2000) traz em seu trabalho a possibilidade de um modelo de formação e orientação esportiva chamado escolas de deporte. Em sua proposta cada escola cria um “clube esportivo”, que é atrelado ao modelo educacional proveniente da escola com a

função de difundir a prática esportiva e prover talentos. Os alunos participantes desenvolveriam atividades esportivas (extra-curriculares) no período contrário ao das aulas normais, sendo adequado as atividades do tempo livre dos alunos.

Essa proposta é bem parecida com o que temos dentro da rede pública de ensino no Estado de São Paulo denominada Turmas ACD, porém, existe um investimento maior em infra-estruturado como material e transporte para os alunos envolvidos. A infra-estrutura em um país em desenvolvimento como o Brasil, faz-se indispensável para a execução dos objetivos do projeto, uma vez que muitos alunos saem da escola e vão até suas casas (muitas vezes longe da escola) para depois voltarem aos treinamentos, o que acarreta despesas com transporte, bem como alimentação do aluno, esses “empecilhos” afastam muitos dos que gostariam de praticar esse tipo de atividades propostas.

Para Paes (2002), o esporte dentro do ambiente escolar é importante por várias razões: ser um dos conteúdos da Educação Física, de ser a escola uma agente de promoção e difusão da cultura e até mesmo por uma questão de justiça social, uma vez que em outras instituições ou agências o acesso ao esporte será restrito a um número reduzido de crianças e jovens clientes de academias e / ou de escolas de esportes. Dentro da escola o esporte possui diferentes facetas, que vão desde a simples prática escolar em uma aula de Educação Física, passando por treinamentos institucionalizados e regrados, desembocando em jogos estudantis dos mais simples realizados dentro da própria escola, os chamados inter – classes ou inter – séries, até os mais complexos, como campeonatos municipais e estaduais.

É importante definir alguns termos para que haja uma compreensão adequada do estudo em questão. Segundo Lucato (2000), a prática escolar esportiva diz respeito ao esporte enquanto um conteúdo escolar curricular das aulas de Educação Física, enquanto práticas esportiva escolar são atividades extracurriculares que podem ser denominadas turmas de treinamento esportivo, com a finalidade de representação escolar em competições ou não.

As práticas escolares esportivas e as práticas esportivas escolares configuram atividades extremamente diferentes, incluindo nestas diferenças as finalidades, os meios e a forma de participação dos alunos. Machado (2006), nos traz que na iniciação esportiva é importante a adoção do jogo, acentuando – se sempre a sua dimensão lúdica, não o subordinando apenas as vitórias e derrotas, mas permitindo a abertura de um universo

maior, dando nesse momento um valor educacional. Assim, podemos tê-lo como elemento primordial no desenvolvimento esportivo da criança, indo além de uma simples iniciação esportiva, e considerando – o como elemento formativo, com valores educacionais e culturais. Prova disso, é que a Educação Física, enquanto disciplina é obrigatória e curricular, emprestando do esporte os seus gestos, movimentos, valores e estrutura para um alcance educacional superior, em busca da filosofia pedagógica daquela sociedade.

O Esporte na escola como prática extracurricular encontra em si mesmo a relação ensino-aprendizagem das diversas modalidades esportivas ou ainda na iniciação esportiva multiesportiva. As equipes esportivas são espaços de representações escolares altamente desejados pela maioria dos jovens estudantes, que procuram integrá-las, ressaltando o fato de serem frutos da difusão e propaganda da captação dos novos talentos.

2.4.4 - Críticas e benefícios do esporte como agente no processo educacional

Nos mais diferentes segmentos educacionais, o esporte é reconhecido por seu valor educativo e cultural, assim como, também sabemos que o esporte é um dos fenômenos mais importantes do século XX. O esporte fomenta na criança e no adolescente a maturidade, o crescimento e o desenvolvimento de suas capacidades físicas e psicológicas. Porém, é importante pontuar que todo o conhecimento produzido na área não permite que se façam afirmações de frases típicas da mídia e do senso – comum, tais como “Esporte é Saúde”, “Esporte não é Droga”, ou “Esporte é Educação”. Os benefícios do Esporte surgem quando eles são praticados de maneira adequada, sendo que, se praticado de outra forma pode acarretar prejuízos maiores do que a falta de prática proporcionaria. Portanto, além de motivar e sensibilizar para a prática esportiva é necessário orientar de forma apropriada, o que na visão de Tani (2000), infelizmente não ocorre atualmente.

Para Shigunov (2000), a expressão esporte escolar não é nova e tampouco entrou em desuso, principalmente em países onde ela possui um significado enraizado e dominante dentro da Educação Física, tais como Estados Unidos, Brasil, Argentina, Canadá, Portugal, onde é entendido como uma forma de aproveitar os mais dotados, com mais capacidades físicas, para que desenvolvam uma prática sistematizada, mais exigente em níveis físicos e

técnicos, e, menos diversificada do ponto da diversificação das atividades, uma vez que a especialização das destrezas, são julgadas e requeridas para tal função. Autores como Kuns (1994), Bracht (1997) e De Rose Junior (2002), fazem diversas críticas sobre a posição do esporte enquanto promotor de valores. Esses autores reforçam as influências negativas do modelo esportivo de rendimento dentro do processo de formação educacional, pois os objetivos de transferência de valores via prática esportiva ficariam marginalizados em função da importância dada ao resultado e desempenho esportivo.

Um estudo foi realizado por Bassani, Totti e Vaz (2003), em uma grande escola da cidade de Florianópolis – SC, revelando que o esporte praticado na escola apresentava um conflito entre o rendimento esportivo esperado dos alunos / atletas, e o aprendizado de “bons valores”, por meio da prática esportiva. O professor / técnico com discursos enfatizando a moral e edificando valores tentou conciliar a divergência, mas a dinâmica do esporte, dos treinos e dos jogos acabam deturpando esse trabalho fazendo com que a busca pela vitória predominasse.

Um outro ponto de vista com relação ao esporte com fins educacionais é a da institucionalização desportiva, pois impede que mesmo o esporte possa servir de meio para uma efetiva ação sócio – educacional crítica com os educandos. A redução dessas possibilidades deve-se aos princípios constitucionais do esporte de rendimento, especialmente os princípios da sobrepujança e das comparações, afirma Kuns (1994).

Kuns ainda nos traz que o esporte hoje, no contexto escolar, necessita de muito mais reflexão e compreensão do que ação / prática. A tematização do esporte nas aulas de Educação Física deve ser no sentido dos educandos entenderem, compreenderem e vivenciarem este fenômeno sócio-cultural, o que não pode acontecer somente pela sua ação prática, mas principalmente pela ação reflexiva.

Nesse caminho Korsakas (2002), defende que a prática educativa através do esporte não pode enxergar a criança como um objeto de interesse e manipulação de pais e técnicos. Interesses esses, voltados ao resultado, à performance, muitas vezes expõem a criança a uma homogeneização da prática, apoiando-se exclusivamente no treinamento das equipes esportivas. Essa prática visa atender uma rigorosa busca da perfeição tática e técnica, reprimindo o poder de criação da criança e passando a ignorar suas potencialidades e limitações individuais. O modelo sugerido e perpetuado por Korsakas é um modelo

esportivo educativo no qual a criança participe do processo de construção do conhecimento por meio da resolução de problemas sugeridos.

A Educação Física seja ela esportivista ou não, deve promover uma prática esportiva emancipatória, participativa, cooperativa, que estimule a criatividade e o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor das crianças, em uma educação pensada de forma integral. Bracht (1997), descreve que o esporte de rendimento traz consigo os mesmos elementos das relações sociais da sociedade contemporânea: forte orientação ao rendimento e à competição, seletividade via concorrência, igualdade formal perante as leis e as regras. Em função dessas características, a prática esportiva deve ser adaptada ao ser incluída em um processo educacional.

A implantação de uma prática que segue o modelo adulto de rendimento pode disseminar valores pouco construtivos à educação, além da exclusão dos menos habilidosos e de frustrações causadas por comparações diretas sobre o rendimento aluno / atleta, que pode estar em diferentes fases de desenvolvimento e formação. Para ser incluído em um ambiente educacional o esporte deve ser tratado pedagogicamente (BRACHT 1997). É no ambiente escolar que os maiores equívocos são cometidos por parte dos professores, que enfatizam a eficiência, eficácia e rendimento.

Na escola, praticamos muito esporte, mas refletimos pouco sobre ele e sobre os conteúdos que dele emergem. O racismo, o individualismo, a ética, a passividade, a inércia, a violência, a agressividade e tantos outros fatores que surgem na sua prática, são pontos considerados relevantes para uma discussão com os alunos no interior da escola, mas o que tem sido feito? Apenas transmitem-se técnicas e estilos de ensino do esporte aos alunos, fazendo com que eles aprendam *um esporte* e não *com o esporte*, em uma abordagem eminentemente tecnicista, elitizando uma parcela do alunado. No entanto, essa postura seletiva, elitista e discriminadora tem que se transmutar em uma temática socializante.

Para que isso aconteça, é necessário que os professores estejam sempre alertas para os acontecimentos do dia a dia como fatores de enriquecimento dos conteúdos, nesse caso, o esporte. É preciso fomentar a crítica, questionar o cotidiano. Porque não, como propõe Carmo (1985), no bojo de uma aprendizagem significativo-existencial-coletiva, vertermos a nossa crítica para o vivido aqui e agora, interpretando e questionando a realidade que nos circula?

Aqui, pode-se lembrar o que aconteceu após a Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos da América, diante do episódio da Seleção Brasileira que trazia em suas bagagens, uma infinidade de eletrodomésticos. Produtos esses que, de acordo com a Lei, deveriam ser taxados devido ao excesso de peso, porém nada aconteceu. O fato teve grande repercussão na imprensa falada e escrita e alguns questionamentos surgiram: liberam ou não o imposto? Todos pagam impostos no Brasil? O fato de os atletas serem tetra-campeões lhes dava o direito de exigirem isenção? Esse critério de justiça social é primordial que seja desenvolvido nos praticantes do esporte, desde sua iniciação até o alto nível, para que nunca se sintam superiores ou melhores que quaisquer outros. O sucesso em suas profissões não é motivo de insubmissão. Cabe, nesse momento, ao professor aparar arestas de seus alunos, informando-os da importância do respeito mútuo a partir de sua casa passando por todas as instâncias da sociedade.

2.4.5 - O Apito Inicial: Começa a Competição Escolar

As competições escolares, internas ou externas, ainda mobilizam discussões no campo da educação física escolar. A *Revista Movimento* dedicou vários números a esse assunto; o fenômeno esportivo está presente no cotidiano e é inegável o fascínio que exerce entre os estudantes. De modo geral, as propostas para a educação física defendem a não reprodução na escola do esporte de rendimento. De fato, as condições e o tempo semanal destinado às aulas de educação física impossibilitam realizar seriamente o treinamento esportivo. O treinamento requer um grupo selecionado, motivado, e com capacidades físicas em níveis semelhantes, coisa que nunca vamos encontrar em uma sala de aula.

A intensidade, o volume, a cobrança e as expectativas sobre um grupo de alto nível em nenhum momento se assemelham à nossa realidade escolar; portanto, sessões de treinamento de alto nível na aula de Educação Física não podem existir. Teriam que ser criados horários alternativos de treinamento para grupos selecionados. Contudo, a competição escolar é um recurso de animação. As competições e disputas fazem parte das atividades mais estimulantes da escola, não importando se a metodologia ou o programa as valorizem ou não.

Kunz (1994), por exemplo, afirma que o esporte na escola constitui-se em uma cópia exata do esporte de rendimento, contribuindo para a seletividade no processo pedagógico e, conseqüentemente, fomentando vivências de sucesso para uma minoria e o fracasso ou vivência de insucesso para a grande maioria. Ele não apresenta evidências para suas afirmações que se aplica a qualquer desempenho, matemáticas, desenho etc, e que também diferenciam os bem sucedidos e os mal sucedidos. Mas, será que isto afeta, e de que forma afeta, aos atores dos processos de seleção? A competição infantil tem o seu maior número de adeptos dentro das escolas, com inúmeras competições (internas ou externas) oficiais ou não, que possuem muitas vezes, diversos programas de treinamento. Felker, (1998) afirma que o esporte escolar competitivo é uma atividade extracurricular que pode ser denominada “turma de treinamento esportivo”, com a finalidade de representação escolar em competições ou não.

Matveev (1997), nos traz que o treino esportivo, como um fenômeno pedagógico, é um processo especializado dentro da Educação Física que é orientado diretamente para obtenção de resultados desportivos. Exemplo disso são as competições escolares que estão se desenvolvendo de uma forma acelerada e constante, principalmente pela divulgação da mídia, que incentiva a busca da fama, do dinheiro e do sucesso. Nos jogos escolares desenvolvidos ao longo de todo o país, nos mais diferentes níveis sociais e geográficos, uma característica que é representada pelos pais, professores e escola, mas que não é comumente assumida por estes, é a supervalorização do vencedor em detrimento dos perdedores, a começar pela discriminação que sofreram ou sofrem todos aqueles que são incapazes de vencer, em se tratando de selecionar elementos para representar a instituição em eventos esportivos.

Ao ingressarem nas equipes de treinamento da escola, o jovem atleta leva consigo uma grande responsabilidade em representar a instituição em diversos torneios e campeonatos. Os papéis dos indivíduos membros de uma equipe são definidos como a promulgação de direitos e deveres ligados a ele, conforme (Chappuis & Thomas 1988). Segundo Simões (1990), uma equipe representa um micro sistema social, cujo elemento de definição é a capacidade de produtividade, implicando assim o papel apurado do técnico e atletas de toda a equipe, conseqüentemente, a uma determinada sociedade como macro sistema social que interfere sobre o comportamento da escola, das equipes e do indivíduo.

As pressões que o indivíduo sofre ao integrar uma equipe de competição escolar, a cobrança do técnico, dos pais, dos colegas, da torcida, dos demais professores, da instituição, são constantes e intensas, e se toda a equipe possui uma identidade social e requer ações interativas e cooperativas, além de um contínuo sistema de rendimento, as variáveis sociais e psicológicas individuais influem em relação as variáveis coletivas, tais como a relação entre o grau de competitividade e a atuação da equipe como um todo organizado (SIMÕES 1990). Sanches (1995) salienta os perigos que a prática do esporte do escolar pode acarretar, na demasiada importância dada a vitória a qualquer custo, promovendo um incremento de estresse nos alunos / atletas, o aumento da violência do jogo, a pressão em cima de novos talentos, a falta de iniciativa pessoal no jogo e o conseqüente aumento de rigor nos treinamentos desportivos para as futuras competições da instituição escolar.

O esporte escolar e suas competições só fazem sentido quando estiverem inseridos dentro de uma proposta pedagógica e forem orientados ao desenvolvimento integral dos adolescentes. As cobranças demasiadas por resultados e os insucessos sistemáticos podem ter conseqüências psicológicas no desenvolvimento da criança, resultando em baixa auto-estima, depressão e níveis excessivos de ansiedade. Vive-se um momento em que os jogos escolares, no caso, as competições esportivas estão em plena expansão no Brasil. Incentivados por uma política do Ministério do Esporte (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2004, 2005), eles se proliferam no país, em diferentes etapas e modalidades com inclinação aos moldes das disputas olímpicas.

Está evidente o incentivo governamental às propostas de massificação do esporte, tais como o "Segundo Tempo", que possibilita às crianças, em turno oposto ao que estão na aula, a prática de um esporte. Além disso, retomaram-se os Jogos Escolares Brasileiros, com eliminatórias municipais, após estaduais e, por último, a nível nacional, em Brasília, e, também, os Jogos Universitários. Segundo Assis (2005) dois episódios mais recentes merecem destaque, por ter ou desejar ter relação com a escola e/ou com os escolares. O primeiro foi o lançamento do programa "Descoberta do Talento Esportivo", em 2004, com o objetivo de "dar a oportunidade para a inserção, o desenvolvimento e o aprimoramento de jovens com talento esportivo, com a finalidade de aumentar e dar qualidade à base esportiva nacional para um melhor desempenho nos esportes de competição" (Assis, 2005,

p 238.). O outro episódio foi a implantação do programa Bolsa-Atleta. Este programa, que tem entre as diversas categorias a Bolsa-Atleta Estudantil, objetiva garantir uma manutenção pessoal mínima aos atletas de alto rendimento que não possuem patrocínio para que possam se dedicar aos treinos e participar em competições. Além disso, buscou-se "...investir prioritariamente nos esportes olímpicos e paraolímpicos, com o objetivo de formar, manter e renovar periodicamente gerações de atletas com potencial para representar o País nos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos." (Assis, 2005, p. 323).

Por outro lado, as escolas particulares investem no esporte de rendimento, como forma de marketing institucional e os clubes esportivos fazem do esporte um verdadeiro negócio ao buscarem formar novos talentos em suas escolinhas de base e lucrar com a venda de atletas, além de toda a publicidade que gira em torno dos jogos. O esporte passa a ser, além de uma possibilidade formativa e educativa, uma forma de visibilidade para propaganda da instituição que o promove. Para os donos ou dirigentes de escolas particulares, ter o nome da escola divulgado em um jornal de circulação local é algo vantajoso desde que a escola não tenha nenhum problema de conduta anti-desportiva ou algo semelhante.

Dessa maneira existe a possibilidade de muitos pais procurarem a escola pela visibilidade provocada pela prática esportiva, gerando assim mais alunos e conseqüentemente mais cifras serão produzidas. Por outro lado uma participação esportiva manchada por incidentes indesejáveis, tais como W.O., brigas, doping, desentendimentos pode acarretar uma perda de alunos que possuem uma postura mais conservadora, mais séria. Face ao exposto podemos verificar duas questões interessantes: a primeira é o caráter comercial que o esporte assume, mesmo nas camadas escolares, aliás, principalmente nessas camadas e, o segundo ponto, cai novamente na importância do professor/treinador estar próximo ao trabalho prezando pela boa conduta e participação de sua equipe no certame competitivo.

2.5 – *Estados emocionais e o esporte.*

Ao pensarmos no seres humanos devemos ter a compreensão de que em qualquer atividade ou relacionamento inter-pessoal temos a presença de sensações e emoções. No contexto esportivo esse fato não é diferente, aliás, pensando em todo o processo de treinamentos, seleção de atletas, competição etc., de uma forma ou de outra, sendo esses sentimentos exagerados ou não, inexplicáveis ou não, reais ou imaginários, antecipatórios ou não, todos podem vir acompanhadas de uma reação psicofisiológica, como taquicardia, sudorese, perda de coordenação fina, tremedeira, palpitações das pálpebras, falta de ar, perda da salivação, entre outras, e tais quadros de respostas fisiológicas podem interferir na *performance* atlética.

Diante ao exposto é indispensável que os profissionais envolvidos dentro do cenário esportivo tenham conhecimento necessário e condições de trabalhar adequadamente com esses estados emocionais, para que esse processo seja “aproveitado” de maneira positiva, buscando intervenções que auxiliem o atleta a superar as dificuldades. Antes de qualquer coisa, é preciso lembrar aos técnicos e atletas que é absolutamente normal que os mesmos sintam medos, ansios, felicidades, raivas, alegrias, vergonha, humilhação, etc. Santin (1992, p. 66), nos relata a importância de se estudar as emoções no contexto esportivo, quando afirma que “[...] *Há preocupações em construir o corpo guerreiro, o corpo atleta, mas ainda não se pensou seriamente em cultivar o corpo humano [...]*”, fazendo uma alusão à corporeidade disciplinada existente hoje, pensando-se somente em corpos saudáveis, fortes, resistentes e jovens. Usando ainda as palavras do próprio autor, “[...] *O corpo não vive o esporte ou o movimento, ele é apenas uma máquina ou uma peça que produz movimento dentro de uma atividade maior que chamamos de esporte [...]*”.

De Marco (1995, p. 33) também considera que “[...] *o corpo humano é muito mais do que um corpo físico que se desloca no espaço [...]*”, e nada melhor do que usarmos as próprias palavras do autor para explicarmos a importância do estudo da motricidade humana:

Mais do que formar atletas, a educação física pode contribuir com o desenvolvimento pleno da pessoa, com a formação de uma consciência crítica, com o conceito de cidadania e com o próprio desenvolvimento da consciência corporal, entendendo que o conhecimento do corpo precede a descoberta e integração do mundo exterior. Para isso, o conceito de

movimento precisa ser revisto e ampliado, tem que ser considerado como um conjunto de diversos processos; sensação, emoção e memória, cuja síntese pode resultar em movimento ou na motricidade, como capacidade singular da espécie humana (DE MARCO, 1995, p. 33).

Pensando nesta discussão, Feld e Johann (2006) salientam que as atuais descobertas científicas comprovam que os fenômenos orgânicos podem alterar as emoções e a mente dos indivíduos e, conseqüentemente, desencadeiam reações fisiológicas no organismo, sendo assim não há sentido de separar corpo e mente e sim apropriar-se de que são indissociáveis. Por muito tempo se estabeleceu uma dicotomia entre emoção e razão, a ponto de se chegar a afirmar que as decisões humanas envolvidas com emoções seriam negativas, ou maléficas. Tanto que frases do tipo “pense racionalmente” ou “esfrie a cabeça”, ou ainda, “você está agindo emocionalmente, não se deixe influenciar pelas emoções”, tornaram-se de praxe em nossa sociedade. Somente mais tarde é que se pode perceber que a razão humana não depende, exclusivamente, de um só centro cerebral, mas, pelo contrário, de vários centros cerebrais, que funcionam por complexas organizações neurais.

Graças aos estudos de importantes pesquisadores, dentre eles, podem-se destacar Damásio (1996), Gardner (1995), Goleman (2001), LeDoux (1998) e Stocker e Hegemen (2002), pode-se começar a compreender que há um equilíbrio entre essas duas operações racionais e emocionais do cérebro, não podendo-se agir exclusivamente por uma via, e ignorando ou desprezando a outra. Diante disto, a investigação sobre os estados emocionais se torna um desafio, e se justifica pelos seguintes pressupostos: pouco se tem estudado sobre estados emocionais no âmbito do esporte; na literatura nacional, pouco se encontra publicação na área da Psicologia do Esporte e da Educação Física sobre o tema, enquanto que em relação aos aspectos fisiológicos, por exemplo, estão sendo amplamente explorados os caminhos de busca de um melhor rendimento.

Ao analisarmos a história da trajetória acadêmico-científica das emoções, verificamos que, embora no final do século XIX tenha havido importantes obras discutindo os processos emocionais (DARWIN, 1872; FREUD e BREUER, 1895; JAMES, 1890), a categoria emoção foi, de uma determinada maneira, expulsa das explicações e relações dos seres humanos e dos processos sociais. Principalmente entre 1930 e 1970 pode-se notar que existiu uma ênfase quase que exclusiva nas bases cognitivas da ação social. Fato este que

culminou com a repressão e com o suprimento da emoção, tornando-a um processo irracional e negativo (BARBALET, 1998). Neste período, com esta concepção sobre as emoções, afirmava-se que estas desorganizavam os processos sociais e os sistemas de ação, ocasionando o que Barbalet (1998) chamou de neutralidade afetiva.

Somente no final da década de 70 que começaram a surgir obras que tratavam das emoções e sua importância para os processos sociais. Neste período, pode-se destacar, por exemplo, a mudança do foco da psicologia para emoção através do trabalho de Leventhal e Tomarken (1986), assim como na antropologia destacam-se os estudos de Briggs (1970) e Levy (1973), e na filosofia as obras de Neu (1977) e Solomon (1976). Antes de iniciarmos uma discussão sobre a importância das emoções na vida dos indivíduos em geral, é importante esclarecer qual o conceito de emoção que estaremos considerando neste trabalho. Estaremos nos baseando no trabalho de Damásio (1996), por considerarmos que o mesmo, através de seus estudos nas neurociências, é o que melhor pode ajudar a compreender tais questionamentos.

Entende-se por emoção um conjunto de mudanças no corpo ou no cérebro normalmente originado por um determinado conteúdo mental (uma informação sensorial). A essência da emoção consiste nas mudanças do estado do corpo provocadas por inúmeras terminações nervosas sob o controle do sistema cerebral. O próprio Damásio (1996, p. 168) descreve a emoção como “movimento para fora”, definindo-a como:

[...] a combinação de um processo avaliatório mental, simples ou complexo, com respostas dispositivas a esse processo, em sua maioria dirigidas ao corpo propriamente dito, resultando num estado emocional do corpo, mas também dirigidas ao próprio cérebro (núcleos neurotransmissores no tronco cerebral), resultando em alterações mentais adicionais [...]

O conjunto dessas mudanças do estado do corpo, proporcionado pelas emoções, é o que se caracteriza por estado emocional, desencadeadas pela ativação dos núcleos neuronais das amígdalas corticais, uma estrutura do sistema límbico, processando e acionando todas as outras regiões do cérebro que irão causar essas reações em todo o corpo. Os estados emocionais são, portanto, os registros de mudanças, proporcionadas pelas emoções, relativos ao funcionamento das vísceras (coração, pulmões, intestinos e pele), musculatura esquelética e glândulas endócrinas (como a pituitária e as supra-renais), e

também a ativação dos núcleos neurotransmissores no tronco cerebral e prosencéfalo basal, liberando mensagens químicas em várias regiões do telencéfalo, especialmente córtex cerebral, tendo um impacto no estilo e eficiência dos processos cognitivos (DAMÁSIO, 1996).

Já os sentimentos são caracterizados pela percepção desses estados do corpo. O que leva Damásio (1996) a não usar os termos emoção e sentimento indistintamente é exatamente o fato de nem todos os sentimentos estarem relacionados com as emoções. “[...] todas emoções originam sentimentos, se se estiver desperto e atento, mas nem todos os sentimentos provêm de emoções” (p. 172). Dessa forma, o autor usa o nome “sentimentos de emoções [...]” (p. 173) para os sentimentos provenientes das emoções, e nomeia de “sentimentos de fundo” os que não são originados das emoções. Conforme afirma Damásio (1996), os sentimentos de emoções são os que se baseiam e se correspondem aos perfis dos estados do corpo das mesmas emoções, ou seja, “*sentimo-nos*” (p. 180, destaque do autor) medrosos, alegres, irados ou tristes, substratos das emoções medo, alegria, raiva e tristeza, por exemplo.

Preservando a relação entre emoções e seres humanos, para Stocker e Hegeman (2002), vida, pensamento e ação de qualquer indivíduo estão envolvidos com as emoções e tais sentimentos emocionais e afetivos são de extrema importância para o conhecimento ético e moral, pois os valores pessoais estão relativa e intimamente ligados às emoções, sendo elas signos ou fontes de informação valorativa de fundamental importância. Esses autores defendem a idéia de que existem conexões estruturais importantes entre emoções e valores, sendo a primeira a própria essência do conhecimento avaliador. Sem as emoções, “[...] é impossível viver uma vida boa e humana [...]” (STOCKER e HEGEMAN, 2002, p. 29). Compreender o valor das emoções no que toca às ações dos indivíduos se faz necessário porque, conforme Schachtel (1984, p. 20):

[...] Não há ação sem afeto; é certo que nem sempre ele é intenso, dramático, como numa ação de raiva impulsiva; mas freqüentemente surge como um estado de ânimo total, algumas vezes bastante distinto, outras vezes muito sutil e quase imperceptível, mas que no entanto constitui o substrato essencial de toda a ação.

Descrevendo a tamanha importância das emoções na vida das pessoas, Stocker e Hegeman (2002) ressaltam que elas ajudam a perceber valores, sendo vistas como

valorativamente informativas, possibilitando a um sujeito, por exemplo, escolher determinada coisa de valor capaz de atrair sua atenção, ao invés de outras. Ou, ainda, alimentam a idéia de que as emoções são como defesas psíquicas ou sintomas, como por exemplo, a vergonha, funcionando como um “freio” em relação a determinadas condutas. Citando as próprias palavras de Damásio (1996, p. 189), que tratou com muita propriedade do tema, encontramos:

Não me parece sensato excluir as emoções e os sentimentos de qualquer concepção geral da mente [...]. Em primeiro lugar, é evidente que a emoção se desenrola sob o controle tanto da estrutura subcortical como da neocortical. Em segundo, e talvez mais importante, os sentimentos são tão cognitivos como qualquer outra imagem perceptual e tão dependentes do córtex cerebral como qualquer outra imagem (destaque do autor).

Outro autor que se comprometeu em estudar a problemática das questões relacionadas entre razão e emoção, mas do ponto de vista das ações morais, foi o psicólogo La Taille (2006), que defende a posição de que uma dimensão intelectual e outra afetiva compõem o quadro da moralidade humana, tema de imensa diversidade teórica e literária. Entende que a dimensão intelectual da ação moral está indissociada da razão, aspecto de um saber fazer de regras, princípios e valores e competências de equacionamento e sensibilidade moral. Mas, este autor passa a dar maior atenção à dimensão afetiva da ação moral, definida por ele como uma dimensão motivacional, correspondente ao querer fazer, ou seja, tudo o que diz respeito à dimensão intelectual depende, para se tornar ação, desse querer fazer, da vontade de agir e da intenção com a qual se age. Para ele, “[...] o sentimento moral de obrigatoriedade é despertado ou composto de outros sentimentos [...]” (LA TAILLE, 2006, p. 107).

Conforme Sisto *et al.* (2004), as emoções se constituem na forma dos indivíduos sentirem e agirem, sendo as tendências de movimento de um organismo, causando a aproximação ou o afastamento de um objeto qualquer. Para os autores, este determinado movimento advindo das emoções pode acompanhar modificações somáticas, refletindo um determinado estado (daí o termo nomeado como “estado emocional”, conforme explicado também anteriormente) e, conseqüentemente, sua relação com tal objeto, tornando-se, essas alterações corporais, um impulso para a ação e um elemento de prontidão ou depressão

deste movimento. Este conceito central dos estudos das emoções relativos à prontidão para a ação também é compartilhado por Marino Júnior (1975).

Contextualizando o tema com a faixa etária estudada, verificamos que Ferraris (2006) afirma que as mudanças experimentadas pelos adolescentes consigo próprios e na relação com a escola, a família e os amigos, desencadeiam nos mesmos uma insegurança profunda. Essa insegurança pode vir a desencadear sentimentos como o da vergonha, por temerem dar vexames e sofrer julgamentos negativos, ou ainda, pode ser responsável por levar tais adolescentes a algum tipo particular de ansiedade.

Na fase da adolescência, a auto-estima e a formação da identidade dos indivíduos não depende tanto da sua própria autopercepção, mas, principalmente, da imagem que os demais mandam de volta. Ferraris (2006), apresentando uma pesquisa realizada em Nápoles, com 120 adolescentes, sobre o que mais eles temiam nas relações interpessoais, observou que, em primeiro lugar, foram indicadas questões de indiferença, falta de atenção ou afeto. Em segundo lugar, apareceu o medo de dar vexame, parecer desajeitado e de fracassar. Diante de um quadro deste, algumas questões passam a nos indagar, e fazem com que passemos a refletir sobre como as figuras do técnico e dos pais, por exemplo, podem interferir no aprendizado ou no rendimento de jovens adolescentes, e mais, quanto os pais, os técnicos ou professores estão preocupados com essas questões.

Dentro do contexto esportivo, segundo Samulski (2002), é preciso analisar as ações dentro de seu contexto situacional (interação entre pessoa, tarefa e meio ambiente) para que se possa entender as funções fundamentais das emoções no esporte. As emoções manifestam-se tanto na fase pré-competitiva, na qual o atleta se encontra em um estado de intensa carga psíquica (como por exemplo, a manifestação de medo e temor), como podem aparecer na fase competitiva (emoções que acompanham as ações esportivas) e na fase após a competição (em experiências de êxito e de fracasso, podendo ambas ser experimentadas na vitória e na derrota) (SAMULSKI, 2002).

Hanin (1999) foi um dos estudiosos da Psicologia do Esporte que mais contribuiu para o entendimento das emoções no contexto esportivo. Entretanto, sua obra foi inteiramente baseada em um modelo de Zonas Individuais de Funcionamento Otimizado (IZOF), procurando relacionar emoções e *performance* esportiva. Desta forma, as emoções passam a ser compreendidas como um importante aspecto do pessoal (do próprio indivíduo)

no esporte e ganha o peso de um fator crítico, pesando na melhora ou piora de desempenho pessoal ou grupal. Em seus trabalhos, o autor não buscou fazer uma definição precisa das emoções, e sim procurou fazer uma discussão acerca das dimensões, categorias e dos componentes das emoções associando-os com zonas ótimas de funcionamento para uma excelência da regulação psíquica no desempenho atlético (HANIN, 1999).

Diante de seus estudos e verificando outros trabalhos apontados na mesma direção, citados pelo próprio autor, como o de Izard (1977) e o de Lazarus (1993), observa-se que é possível admitir a existência de pelo menos duas dimensões: uma de prazer / desprazer e outra de ativação. Nessa perspectiva, encontra-se a correlação de quatro quadrantes, dois representando alto ou baixo prazer e dois representando alta ou baixa ativação, pressupondo-se que todas as emoções podem ser enquadradas em um destes quatro quadrantes (HANIN, 1999).

Estas análises permitem admitir que o fenômeno afetivo é tanto dilacerante, como facilitador, no que diz respeito ao comportamento e às ações. Em altos níveis de estímulo, certas emoções, como ansiedade ou medo, podem afetar negativamente o comportamento e, em baixos níveis, o fenômeno afetivo pode ser facilitador. Porém, mesmo em altos níveis de estímulo certas emoções podem ser facilitadoras, para alguns indivíduos. Como Hanin (1999) sugere, alguns indivíduos podem ter melhor *performance* atlética com altos níveis de ansiedade e outros com baixos níveis. Além do mais, altos níveis de emoções podem facilitar o cumprimento de tarefas e exigências de alguns tipos de esportes e atividades que envolvam alto grau de intensidade de exercício físico ou ativação, como o levantamento de peso.

O fundamental nos estudos de Hanin (1999) é o modelo IZOF de emoções positivas e negativas, sugerindo uma concepção multidimensional de experiências emocionais subjetivas e fornecendo valiosos tópicos para avaliar as emoções positivas e negativas. Além disso, o modelo IZOF tenta prever o sucesso individual e performances mal-sucedidas, baseado nos estados emocionais e nos critérios das zonas individuais. A Psicologia do Esporte visa ao aperfeiçoamento das condições emocionais de atletas e equipes esportivas, cujos desempenhos podem ser prejudicados por más condições de saúde mental (CRATTY, 1984).

Acredita-se que, quando uma pessoa é incapaz de lidar com as situações presentes no esporte, ocorra um processo de reações psicológicas, que podem levar, conseqüentemente, ao fracasso. Essa desarmonia psicológica é fator inibidor do rendimento e, como o problema da preparação psicológica é um dos mais complexos do treinamento esportivo, todo o esforço deve ser feito para permitir aos atletas responderem positivamente aos estímulos psicológicos que aparecerão nos treinamentos e competições. Geralmente, as emoções são provocadas por estímulos externos. Elas são entendidas como resultado da interação entre os estados de motivação (orientação ao êxito / orientação ao fracasso) e a relação entre expectativa e resultado obtido (KUHL, 1985 *apud* SAMULSKI, 2002).

O esporte é um meio onde se vivenciam as emoções com muita intensidade, despertando sentimentos, não só nos atletas, como também, nos espectadores, e estas emoções manifestadas podem vir a criar um ambiente acolhedor ou um ambiente muito adverso para todos (MACHADO, 2006). Por isso, o autor afirma que os processos emocionais podem acompanhar, regular e apoiar a ação desportiva, mas também, podem perturbá-la ou até impedi-la. As emoções podem ser analisadas de forma positiva (alegria, satisfação, sorte, êxtase, felicidade) ou negativa (medo, agressão, ira, angústia, raiva, aversão, desânimo), dentre estas e muitas outras (SAMULSKI, 2002).

No momento esportivo, as emoções que o acompanham positivamente podem gerar sensação de fluidez (*flow-feeling*), sensação de ganhar ou de vitória (*winning-feeling*), e também características como mudanças na percepção (tempo e espaço) e aumento de tolerância à dor (SAMULSKI, 2002). Já emoções negativas podem causar vários transtornos psicológicos, como medo do erro ou derrota, pensamentos depressivos, estresse e confusão mental. Todos esses transtornos, segundo Santiago Jr., Calabresi e Machado (2004), configuram um quadro de inferioridade e baixo nível de auto-estima, além de auto-análise depreciativa.

Esses autores afirmam que todos esses transtornos, como medo, raiva, insegurança e descontrole cognitivo provêm da mesma origem, ou seja, apenas completam o quadro ansiolítico, sugerindo, portanto, que um adequado trabalho objetivando minimizar os níveis de ansiedade contribua para reduzir esses transtornos. Cratty (1984) afirma que classificar os esportes e suas variadas técnicas permite definir as tensões psicológicas e sociais inerentes à sua prática. Permite, ainda, mostrar que atletas com certa capacidade

psicológica e habilidades motoperceptivas podem responder de maneira mais eficiente em tipos diversos de atuação e que vários tipos de intervenções terão melhores resultados em técnicas com essas diferentes características.

O mesmo autor ainda afirma que, nos treinamentos, os profissionais e técnicos deverão incluir situações e eventos que, pelo menos em parte, criem tensões sociais e psicológicas, que estarão presentes posteriormente em competições, como a presença de membros da família, torcida, ou, até mesmo, a presença de atletas rivais, desde que essas situações não sejam levadas ao extremo. Machado (2006) e Thomas (1983) relatam que, dentro do âmbito do esporte, podem existir vários momentos nos quais hajam transferências dos processos emocionais, entre os atletas e os expectadores. Essas transferências podem ocorrer, por um lado, quando um atleta ou uma equipe realize uma ação entusiástica ou tenha um desempenho satisfatório, que contagie o público, e por outro lado, a torcida ter um comportamento entusiástico, transmitindo aos atletas ou à equipe confiança e fazendo com que estes busquem novos esforços.

Compreender os estados emocionais de um indivíduo e relacioná-lo com seu comportamento, ainda mais no esporte, não é uma tarefa fácil. Esse é um grande obstáculo que técnicos e psicólogos do esporte necessitam contornar. Para que ambos possam ao menos tentar compreender com que atletas estão lidando ou se relacionando, acreditamos que se faz necessária, primeiramente, uma leitura do próprio indivíduo, levantando questões do tipo: Quem é esse atleta? De onde ele veio? Quem é a família? Qual sua condição socioeconômica? Como é o relacionamento do mesmo com a família e os amigos? Quais seus valores? Como o mesmo se vê como ser humano e atleta (auto-imagem)? O quanto o mesmo se valoriza como atleta, ou o quanto acredita nele mesmo (auto-estima)? Qual a sua experiência em tal esporte? Como está sua preparação, tanto física, quanto técnica, tática e psicológica? Por quais motivos está praticando determinada modalidade?

Essas perguntas nos possibilitam ter uma interpretação desse indivíduo, compreendendo um pouco da sua personalidade, auto-imagem e auto-estima. Uma segunda questão que os psicólogos do esporte devem ou deveriam saber – e neste caso e na questão seguinte que mencionaremos logo mais, nem citaremos o nome do técnico esportivo, pois para estas questões este último é obrigado a saber (obrigado no sentido de que deve ter todos os conhecimentos necessários para estar ocupando o cargo de técnico) – no nosso

entendimento, gira em torno da própria modalidade esportiva: como é determinado esporte, o grau de dificuldade e complexidade, quais são suas regras, normas, condições necessárias para a prática, órgãos que regem o esporte, calendário esportivo, planejamento e periodização do treinamento, capacidades físicas envolvidas, questões de ordem técnica e tática e até características psicológicas da modalidade, qual é a popularidade e a importância do esporte ou competição a ser disputada e quais as posições ou funções que os atletas desempenham na equipe ou time ou grupo esportivo.

E, por último, se faz importante saber o meio em que este atleta ou estes atletas e tal modalidade estão inseridos. Conhecimentos das condições externas da aprendizagem e do treinamento permeiam esta questão, como locais de treino e competições, condição climática, condições materiais e relações interpessoais, podendo esta última ser considerada a influência da torcida, dos pais, da mídia, pressão dos próprios técnicos sobre os atletas, questões de relacionamento entre os atletas e entre esses e o técnico, os dirigentes, os funcionários, os adversários e os árbitros. Essas indagações também são consideradas por Machado (1997) e Samulski (2002), e nos apoiamos em tais trabalhos para permear essas discussões. Este nosso ponto de vista também se justifica porque, segundo Stocker e Hegeman (2002, p. 35) *“as emoções podem ser compreendidas apenas se entendermos os mundos das pessoas que as sentem, e que a compreensão de tais mundos demanda o entendimento de seu universo emocional”*.

Para buscar uma aproximação entre emoções e rendimento, Samulski (2002) afirma que deve ser feita uma análise profunda, e não só considerar a teoria do U-invertido¹ para tal. Para ele, devem ser considerados os seguintes aspectos: que emoção se está produzindo (qualidade, intensidade, forma); em que situação (pessoa – meio ambiente – tarefa); que efeito (positivo/negativo); e no rendimento (qualidade/quantidade e gasto/efeito). Machado (2006) nos alerta para o fato de que algumas emoções ou sentimentos podem ser manifestados de forma antecipatória, ou seja, imaginados. Neste caso, a imaginação do indivíduo terá um peso significativo no desenvolvimento destas emoções, evocadas por

¹ Weinberg e Gould (2001) afirmam que a teoria do U invertido foi criada para se explicar a relação entre os estados de ativação do organismo e o desempenho atlético. Essa hipótese sustenta a idéia de que, na baixa ativação, os níveis de desempenho estarão abaixo do padrão considerado normal. Conforme aumenta a ativação, melhora o desempenho, até um determinado ponto considerado como ótimo ou ideal. Passado este ponto, aumentos adicionais da ativação fazem declinar o desempenho.

pensamentos. O autor até usa a expressão “inimigo imaginário” (p. 76) para essas fantasias pavorosas irreais, tornando-se difícil combatê-las.

Para compreender que as emoções estão mergulhadas e contagiadas no mundo do esporte, basta perceber que elas não só afetam os atletas do contexto esportivo, mas também, atingem diretamente seus expectadores (a torcida no campo de futebol ou num outro ambiente qualquer, como um grupo de torcedores reunidos numa determinada casa, clube ou bar acompanhando o jogo pela televisão). Stocker e Hegeman (2002) também dão uma idéia de como as emoções conseguem contagiar um grupo de pessoas em determinadas situações, tornando o jogo interpessoal repleto de emoções contagiantes, fazendo com que os membros se sintonizem, principalmente quando se participa de algo intensamente envolvente. Dessa forma, o indivíduo fica fora de si, por ser arrastado pelos atos e sentimentos seu e dos outros.

Hackfort e Schlattmann (1991) alertam que, devido às emoções regular as ações, conseqüentemente elas interferem significativamente no resultado das ações dos atletas, e, dependendo da interpretação (e percepção) de tal emoção, ou até mesmo, da intensidade com a qual é manifestada, a mesma pode assumir um sentido (sentimento) positivo ou negativo, influenciando, assim, na *performance* do indivíduo. A intensidade na qual uma emoção pode ser manifestada é explicada por Fogiel (1986) pelo nível de ativação que envolve essa emoção, caracterizado como um estado complexo do organismo, que envolve e acompanha mudanças no corpo, nas expressões e conseqüentemente nas ações.

Por isso, uma situação vivenciada por um indivíduo, dependendo da intensidade com que a emoção é aflorada, pode caracterizar um quadro normal ou anormal, que pode ou não chegar a comprometer as ações do sujeito. E essa intensidade e conseqüentemente, as mudanças do organismo, é que podem definir o que realmente está se passando com tal pessoa. Os aspectos psicossociais e emocionais do ser humano, assim como outros aspectos, são fundamentais na determinação da qualidade de vida e na relação do indivíduo com o mundo. O controle e a estimulação de vida de determinadas emoções e sentimentos são de suma importância para o bem-estar do indivíduo.

Dessa forma, o controle emocional é essencial para a vida. Saber expressar tanto emoções positivas quanto negativas auxilia o convívio do indivíduo com seu meio social, no caso do presente estudo, com um time de handebol feminino. A repressão de emoções,

principalmente negativas, pode tornar o sujeito mais pessimista, depressivo, inseguro, dificultando seus relacionamentos interpessoais e podendo até influenciar no rendimento esportivo de um atleta. O fato é que as emoções, de uma forma ou de outra, estão presentes diariamente nas nossas vidas e desempenham um papel importante no nosso comportamento.

03 – Procedimentos Metodológicos

Devido a uma escolha pessoal, balizada pela formação acadêmica recebida, nosso método se volta para os princípios das Ciências Humanas, na maneira de coletar, tratar e analisar seus dados, principalmente por entendermos que assim eles serão muito representativos, abrangentes e fidedignos. Quando o pesquisador opta por realizar um estudo que não considere a quantidade de dados como fundamental, ele estará optando por uma pesquisa qualitativa, que segundo Chizzotti (apud CAMPOS, 2000), fundamenta-se em uma estratégia baseada em dados coletados em interações sociais ou interpessoais, analisados a partir dos significados que sujeitos e/ou pesquisador atribuem ao fato.

Para a pesquisa qualitativa, os pesquisadores se propõem participar, compreender, analisar e interpretar as informações coletadas. Como característica da pesquisa qualitativa, a participação do pesquisador é mais direta, observando e coletando os dados no campo, interagindo diretamente com os sujeitos e, para Thomas e Nelson (2002), a sensibilidade e a percepção, por parte deste pesquisador, são fundamentais na obtenção e no processamento das observações e respostas. Os métodos de investigação qualitativa pressupõem uma abordagem diferenciada, também, no que se refere aos instrumentos de coleta de informações, pois esses devem ser elaborados dentro de outra perspectiva, que não aquela que serve de modelos matemáticos, isto é, não se utilizam de valores numéricos nem tomam apoio neles para proceder a análise e interpretação das informações recolhidas (NEGRINE, 2004).

Segundo Oliveira (1987) o método qualitativo não tem a pretensão de numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas. O conteúdo interpretativo se torna mais

significativo neste instrumento de coleta, através de um maior direcionamento do relato e, também, de possíveis intervenções diante de dúvidas, por parte do pesquisador ou do participante, ou pela necessidade de um maior detalhamento do sujeito no momento do relato. Assim, o entrevistador conduz eficazmente sua pesquisa, reunindo, não somente os relatos referentes ao tema principal do trabalho, mas mesclando a eles situações vivenciadas e experimentadas pelos sujeitos, contribuindo para melhores interpretações das informações e análises dos dados coletados.

Pelos objetivos da pesquisa buscaremos assumir as características da pesquisa qualitativa, por se tratar de uma pesquisa que se preocupa com os aspectos adquiridos através da percepção (subjetiva) dos participantes. A pesquisa qualitativa possui como foco central a essência do fenômeno, e é enfatizada pelo raciocínio indutivo, não tendo hipóteses pré-concebidas (THOMAS e NELSON, 2002).

Portanto, trabalhamos com uma pesquisa qualitativa, num trabalho de campo do tipo estudo de caso, seguindo um roteiro preestabelecido. Coletamos dados através da observação sistemática de uma equipe praticante de modalidade coletiva que participava da Fase Final das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo, de modo a utilizarmos três instrumentos de coleta de dados para este trabalho: questionário, caderno de campo e entrevista.

Com relação ao questionário podemos utilizar a idéia de Rampazzo (1998): o questionário é um instrumento para coleta de dados que possui uma determinada ordenação de perguntas, que devem ser respondidas por escrito, devendo garantir o anonimato dos sujeitos e sem a presença do entrevistador. O autor destaca, ainda, importantes vantagens trazidas pelo questionário, tais como liberdade para as respostas em razão do anonimato e a não presença do pesquisador, há tempo hábil para responder e em horários favoráveis, obtém respostas precisas e pode atingir, simultaneamente, um bom número de pessoas.

Por esses motivos apresentados como vantagens esse trabalho resolveu coletar dados, com questionários, para a idade trabalhada nesse estudo, ou seja, os atletas escolares que variavam entre 15 e 17 anos. O questionário traria maior liberdade de respostas e anonimato, se comparado a uma entrevista gravada.

Os questionários abertos, também chamados de livres, permitem ao informante responder livremente o tema, podendo utilizar da linguagem que achar mais adequada,

emitindo suas opiniões e idéias. Essa categoria permite uma investigação mais profunda e precisa, porém, obriga ao pesquisador uma análise mais detalhada e complexa (RUDIO 1986). Pela possibilidade de aprofundamento de idéias sobre os estados emocionais e a concentração esportiva escolar foi escolhido questionários do tipo aberto para serem aplicados junto aos atletas, podendo a partir das respostas comparações com os outros instrumentos escolhidos para este estudo de caso.

O segundo instrumento de coleta de dados utilizado neste trabalho foi a observação, que favoreceu a elaboração daquilo que chamamos de caderno de campo. No caderno de campo, a anotação é realizada “in locus”, com a finalidade de coletar dados frutos de uma observação sistemática daquilo que se pretende analisar em profundidade. Para Rampazzo (1998) observar é aplicar atentamente sentidos ao objeto a ser pesquisado, buscando dele adquirir um conhecimento claro e exato. Dentro da ciência a observação é de suma importância, pois sem ela o estudo da realidade reduz a simples adivinhações. Para uma boa observação são exigidas boas condições físicas, intelectuais e morais.

As condições físicas são relativas aos instrumentos de trabalho, tais como o caderno de campo para anotações, telescópios, microscópios etc. As condições intelectuais são relacionadas diretamente ao pesquisador, bem como as condições morais. A primeira é relativa ao interesse, paciência, determinação, enquanto a segunda é relativa a imparcialidade do ato de observar e registrar.

Na vida cotidiana, a observação é um dos meios mais freqüentes usados por todo e qualquer ser humano para tentar entender e compreender os acontecimentos, as situações e as pessoas, porém a observação para um trabalho sério, deve conter o rigor científico, a fim de que falhas sejam evitadas.

Segundo Rudio (1986), a observação não é apenas ver, mas sim examinar o que você pretende estudar. A partir disso subentende-se que o pesquisador deva levantar o problema e buscar respostas a fundo, para que possa compreender e analisar o fenômeno estudado, de maneira mais abrangente e profunda. Para o problema em questão, a observação fez-se necessária uma vez que traria contribuições valiosas, que viriam a confirmar ou contradizer os dados coletados com as entrevistas do técnico, do chefe de delegação e do árbitro, bem como dos questionários aplicados aos atletas escolares participantes da pesquisa.

O autor afirma ainda que é preciso uma delimitação do problema, uma vez que a observação é ampla e pode envolver grandes desdobramentos, pois não conseguimos uma precisão ao observar tudo ao mesmo tempo, como por exemplo, a observação de uma partida de futebol, que pode compreender os atletas, a comissão técnica, a equipe de arbitragem, os profissionais que prestam serviços durante a partida, a torcida etc. Nesse caso, em nosso trabalho foi delimitado: o que, quando e onde observar, facilitando as anotações feitas em nosso *caderno de campo*, bem como canalizando as posteriores análises para o problema em questão, os estados emocionais e a concentração esportiva escolar. Do ponto de vista da pesquisa, é importante o registro que deve ser feito a partir da observação, devendo haver grande fidelidade a todos os fatos que foram observados, evitando misturá-los e confundi-los com desejos e avaliações pessoais (RAMPAZZO 1998).

Para Rampazzo (1998), a observação sistemática ou controlada é a que se realiza em condições controladas, para se responder aos propósitos anteriormente definidos, sendo que a observação deve atender a um planejamento, que mostra com precisão como deve ser feita, quais dados registrar e como registrar. Além disso, a observação deverá indicar quais informações realmente interessam para a coleta de dados, assim como o registro ocorrerá.

O terceiro instrumento de coleta de dados presente em nosso trabalho foi a técnica da entrevista. Esta técnica diz respeito à prestação de informações ou opiniões sobre determinada temática, feita de forma oral, pelo entrevistado. Segundo Gaskell (2002), a entrevista qualitativa é uma metodologia de coleta de dados amplamente utilizada nas ciências sociais empíricas. Constitui-se em estratégia utilizada para obter informações frente a frente com o entrevistado, o que permite ao entrevistador o estabelecimento de um vínculo e afinidade melhor com o indivíduo, que resulta em uma maior profundidade nas perguntas que previamente foram estabelecidas como roteiro.

A definição técnica de Visauta (apud NEGRINE, 2004) sobre entrevista aponta que ela consiste em uma conversação séria entre duas ou mais pessoas, uma das quais o entrevistador, que procura obter informações com uma determinada finalidade. A entrevista qualitativa fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos

sociais específicos, é uma compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados, que poderá contribuir para um número de diferentes empenhos na pesquisa (GASKELL, 2002).

A entrevista utilizada foi a do tipo semi-estruturada com perguntas abertas, onde o entrevistado pode formular qualquer tipo de resposta, sendo caracterizada por questões concretas previamente definidas específicas ao contexto da concentração esportiva e das Olimpíadas Colegiais, mas que ao mesmo tempo possam permitir explorações não-previstas, proporcionando maior flexibilidade e liberdade ao entrevistado falar sobre o que lhe é relevante.

No tratamento dos resultados, realiza-se a categorização, a “[...] transformação – seguindo regras específicas dos dados de um texto – procurando agrupá-los em unidades que permitam uma representação do conteúdo desse texto [...]” (RICHARDSON, 1999, p. 233). Para esta pesquisa, realizaremos a categorização dos resultados por análise temática, procurando-se descobrir o sentido da mensagem, reescrevendo um fragmento do discurso tentando extrair seu significado, de acordo com o problema pesquisado (RICHARDSON, 1999).

Visauta (apud NEGRINE, 2004) caracteriza as categorias como seções ou classes de determinados elementos sob um título genérico, isto é, refere-se a unidades de análise ou de registro, como ocorre na análise de conteúdo. Por outro lado, diz respeito à união que se realiza, em razão de características de elementos comuns; supõe, entretanto, maior grau de abstração e de compreensão conceitual de análise.

Antes de descrever os participantes e os delineamentos metodológicos é de suma importância conhecer o pano de fundo dessa pesquisa, no caso a realização das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo, que é a principal competição escolar de escolas públicas dentro do Estado de São Paulo.

3.1 – Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo

Segundo decreto baixado pelo ex-governador do Estado de São Paulo Sr. Geraldo Alckmin em 11/03/2003, foi criada a Olimpíada Colegial substituindo os Jogos Escolares

(1993 à 2002) que por sua vez substituiu o JEESP – Jogos escolares do estado de São Paulo (1982-1992), que foi sucessor do antigo Campeonato Colegial do Estado de São Paulo (que regeu dos anos 60 até 1981), com os seguintes considerações:

“...Considerando a importância da prática do esporte escolar como espaços de vivência de relações interpessoais que contribuem para ampliação das oportunidades de exercício da cidadania; e;”

“Considerando a participação de alunos em atividades esportivas competitivas como um dos fatores que contribuem para minimizar a violência, proporcionando o desenvolvimento de hábitos favoráveis ao convívio social. ”

A Resolução Conjunta da Secretaria de Estado da Educação e a Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer – 1, de 14/03/2003, determina que os objetivos da Olimpíada Colegial são:

“...promover, por meio da prática desportiva, a integração e o intercâmbio dos participantes das Unidades Escolares, ampliando as oportunidades de socialização e aquisição de hábitos saudáveis;”

“...favorecer o surgimento de novos talentos representativos do Esporte.”

Com essas citações, podemos verificar que a Olimpíada Colegial tem objetivos competitivos esportivos claros (quando cita a criação e formação de atletas) e objetivos educacionais claros (quando cita a socialização e hábitos saudáveis). A organização desse evento fica sob a responsabilidade da parceria entre a Secretaria Estadual da Educação e da Secretaria Estadual de Esportes, Lazer e turismo.

Em 2008 as Olimpíadas Colegiais tiveram sua fase final, na categoria infantil, realizada na cidade de Penápolis-SP. As competições, masculinas e femininas, foram nas seguintes modalidades: xadrez, damas, atletismo, tênis-de-mesa, futebol de salão, basquetebol, voleibol e handebol. Participaram da fase final as equipes que foram campeãs em suas diretorias de ensino e ainda venceram o emparceiramento regional com as equipes

campeãs de outras diretorias de ensino. Classifica-se também para a fase final um representante da cidade sede.

As equipes classificadas são divididas em dois grupos com quatro equipes que jogam todos contra todos. Os dois primeiros classificados, de acordo com os resultados, classificam-se para a fase semi-final. Os vencedores da fase semi-final enfrentam-se em uma final, enquanto os perdedores enfrentam-se na disputa de terceiro e quarto colocados. O campeão de cada modalidade da OCESP enfrenta na “super-final” o campeão do JEESP (Jogos Estudantis do Estado de São Paulo), competição paralela à OCESP, apenas entre as escolas particulares e municipais. A equipe campeã da super-final classifica-se para as Olimpíadas Colegiais Brasileiras, competição que reúne todos os campeões estaduais em uma cidade para disputa pelo título de campeão brasileiro escolar.

Para que todas essas partidas da fase final ocorram o evento dura em torno de nove dias, contando a chegada, cerimônia de abertura e cerimônia de encerramento. Durante o período de jogo, as equipes ficam concentradas em escolas estaduais, alojadas em salas de aula (onde os participantes dormem), utilizando os banheiros da escola (que são adaptados com chuveiros) e realizam as refeições nas mesas existentes nos pátios das escolas.

3.1.1 – Participantes e amostra:

Compuseram o universo pesquisado para este trabalho os seguintes *atores*: atletas escolares, professores de Educação Física (um na função de técnico esportivo e outro na função de chefe da delegação) e um árbitro. Os atletas escolares eram alunos do ensino Médio na Escola Estadual Hermínio Hometo da cidade de Iracemápolis – SP. Esses atletas participavam das turmas de treinamento da escola na modalidade infantil (no caso nascidos até 1991 ou depois). Os alunos estudavam no período da manhã e treinavam no contra-turno.

O professor de Educação Física, que durante as Olimpíadas Colegiais, exerceu a função de técnico esportivo é formado em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP em 1990. Desde 1989 é professor de Educação Física, na rede estadual de ensino. Durante o ano de 2008 ficou responsável pelas turmas de atividades curriculares desportivas – ACD, turmas de treinamento de futsal

masculino e feminino da Escola Estadual Hermínio Hometo, da cidade de Iracemápolis – SP.

Suas turmas de treinamento funcionam duas vezes por semana, sendo as segundas e quartas-feiras. O horário de treinamento na segunda-feira é das 18h00 as 19h00 e nas quartas-feiras das 17h00 as 19h00. Eventualmente, fora do horário de trabalho e, portanto, sem remuneração, o professor ministra treinamentos aos atletas escolares. Além da equipe de futsal o professor acompanhava um grupo de cinco alunos que iriam participar das competições de atletismo no mesmo campeonato, porém por outra escola, o Colégio Técnico Industrial de Limeira – COTIL.

O professor de Educação Física, que durante as Olimpíadas Colegiais, exerceu a função de chefe da delegação da região esportiva de Campinas – SP, trabalha na área há mais de 33 anos. Seu cargo oficial é de professor de Educação Física, da Delegacia Regional de Esportes, na região de Campinas – SP. Além desse cargo, é professor universitário há mais de 30 anos em uma universidade particular, na cidade de Campinas – SP.

O árbitro participante da pesquisa possui 56 anos, é comerciante aposentado e trabalha basicamente em duas modalidades: futebol de campo e futebol de salão. Durante as Olimpíadas Escolares desenvolveu trabalhos apenas com o futsal. Pertence à região esportiva de São José do Rio Preto – SP e desenvolve trabalhos como árbitro para Federações de Futebol e para a Secretaria de Esportes, Lazer e Turismo do Estado de São Paulo, por meio de suas Delegacias Regionais de Esporte, há mais de trinta anos.

3.1.2 – Descrição do ambiente de concentração esportiva

Impressões Iniciais

Antes de descrever os aspectos físicos e humanos da concentração esportiva escolar, devido a característica qualitativa baseada nas ciências humanas, é importante descrever enquanto pesquisador, o que senti durante a coleta de dados. Após a reunião, onde fui muito bem recebido e acolhido, comecei a observação.

Conforme descrição mais detalhada na seção de observação, o dia todo passava com o caderno de campo e tentava ficar naturalmente com os participantes, como se fosse mais um membro participante da competição. Num primeiro momento junto aos atletas, ocorreu

uma situação engraçada, pois da maneira como fui apresentado pelo professor, os atletas acreditavam que eu era membro da imprensa, pois fazia entrevistas com eles, então, vinham me perguntar em qual jornal sairia a entrevista, etc. Após explicações desse episódio, fiquei muito próximo dos atletas, que me receberam muito bem e agiam com naturalidade a minha presença.

Procurei ser bem discreto ao anotar o que ocorria, para não passar a impressão de vigilância. Andava o tempo todo com o caderno para evitar que alguma informação fosse esquecida. O meu dia a dia começava bem cedo e terminava altas horas da noite. Como o café da manhã estava liberado a partir das 06h30min, por volta das 06h15min eu estava do lado de fora do quarto da equipe estudada aguardando o primeiro barulho. Passava o dia todo próximo deles, buscando sempre o maior grupo, e só parava as observações após as 23h00min quando as luzes eram desligadas e todos iam dormir. Na realidade, nesse momento, eu entrava no quarto e ficava por lá até todos se acalmarem e adormecerem, quando eu saía do quarto ainda ficava de “plantão” ao lado da porta a fim de ouvir algo ainda.

Impressões do local

Toda a delegação a qual a equipe estudada pertencia ficou alojada em uma Escola Estadual situada na cidade de Penápolis–SP, sede das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo e dos Jogos Colegiais do Estado de São Paulo. A primeira competição é voltada para as instituições escolares públicas mantidas através do Governo do Estado de São Paulo, no segundo caso a competição é voltada para escolas particulares e públicas municipais do Estado de São Paulo.

Na concentração tínhamos presentes alunos que compunham as equipes da região esportiva escolhida, nas modalidades: basquetebol, futebol de salão, handebol, voleibol, damas, xadrez, tênis de mesa e atletismo de ambas as competições (OCESP e JOCESP) de ambos os sexos na idade de até 17 anos.

Os quartos

As equipes estavam alojadas em salas de aula e separadas por sexo em dois blocos. No primeiro bloco composto por nove salas de aula ficaram alojados os meninos (algumas equipes ficaram aglutinadas, como por exemplo a de futebol de salão e atletismo ficaram juntas, assim como xadrez, damas e tênis de mesa em uma classe).

No segundo bloco as meninas ficaram alojadas em nove salas de aula, pois as equipes de esportes individuais ficaram todas em uma mesma sala.



Figura 01 – Vista da entrada da sala de aula da concentração da equipe estudada.

Os alunos ficam em colchões cedidos pela organização do evento e dormem sob carteiras ou cadeiras escolares (utilizadas como camas improvisadas), alguns alunos dormem no chão por preferência ou falta de carteiras. Na maioria dos quartos visitados existe um varal improvisado com corda ou barbante para os alunos pendurarem seus uniformes esportivos. O chefe da delegação e alguns dirigentes ficaram alojados na sala dos professores. Os funcionários de apoio (motoristas, limpeza e alimentação) ficaram alojados em uma sala de aula separada dos demais.

O refeitório e a alimentação.

Os alunos realizavam suas refeições no espaço central do pátio onde havia uma concentração de 12 mesas. Todas as refeições tinham horários pré-determinado para

acontecerem: café da manhã das 06:30 as 08:30, almoço das 11:30 as 13:30 e jantar das 18:30 as 20:00, além disso próximo as 22:30 era servido o lanche da noite antes das luzes serem apagadas as 23:00.

A única possibilidade de mudança de horário era caso a equipe tivesse jogo muito próximo ao da refeição, por exemplo, um jogo marcado as 11:30, pois provavelmente os alunos não chegariam a tempo de volta do jogo até as 13:30, por esse motivo o técnico da equipe junto com o chefe da delegação deveria comunicar com antecedência o horário da refeição para seus atletas. A refeição poderia ser antecipada ou adiada de acordo com a vontade do técnico.

De forma geral as refeições eram bem variadas nos tipos de alimentos oferecidos. Sempre servidas no horário combinado e com auxílio de algum funcionário do apoio. Saladas, legumes, e pelo menos dois tipos de misturas eram encontrados para serem combinados com arroz e feijão ou macarrão. Os alunos poderiam comer a vontade quantas vezes quiserem.



Figura 02 – Vista geral do balcão da alimentação.

Cada participante deveria trazer seu prato, copo e talheres para poder se servir. O pessoal da cozinha estava proibido a fornecer ou emprestar copos, talheres ou pratos.



Figura 03 – Vista geral da alimentação.

Os alimentos ficavam em um balcão e os alunos deveriam formar uma fila para se servir. Além disso, também era servido um tipo de suco a vontade para os participantes. O suco ficava em uma mesa separada do balcão da alimentação e podia ser servido durante o dia todo. Além do suco, sempre tínhamos disponíveis pelo menos um tipo de fruta para ser consumida como sobremesa ou durante qualquer hora do dia.



Figura 04 – Mesa com suco e frutas para os participantes.



Figura 05 – Alimentação coletiva dos atletas.

Os banheiros.

A concentração esportiva que estudamos possuía cinco banheiros disponíveis a utilização dos participantes. Todos os banheiros tinham a mesma estrutura: três chuveiros

situados lado a lado e sem separação feita por boxes ou cortinas, além de dois vasos sanitários separados por parede e duas pias. Os banheiros ficavam abertos o dia todo.

Os meninos utilizavam dois banheiros que se situavam lado a lado, e ficava próxima a quadra esportiva da escola. As meninas utilizavam dois banheiros dispostos lado a lado e localizados nas proximidades do refeitório.

Os banheiros recebiam a limpeza de um funcionário de apoio uma vez por dia, geralmente na parte da manhã, antes dos atletas acordarem. Devido ao número de atletas e ao fluxo de entrada e saída, os banheiros tinham um aspecto sujo e mal cuidado. Os atletas eram orientados constantemente pelos técnicos, funcionários e chefe da delegação para deixarem o local limpo, mas mesmo assim o local deixava a desejar.

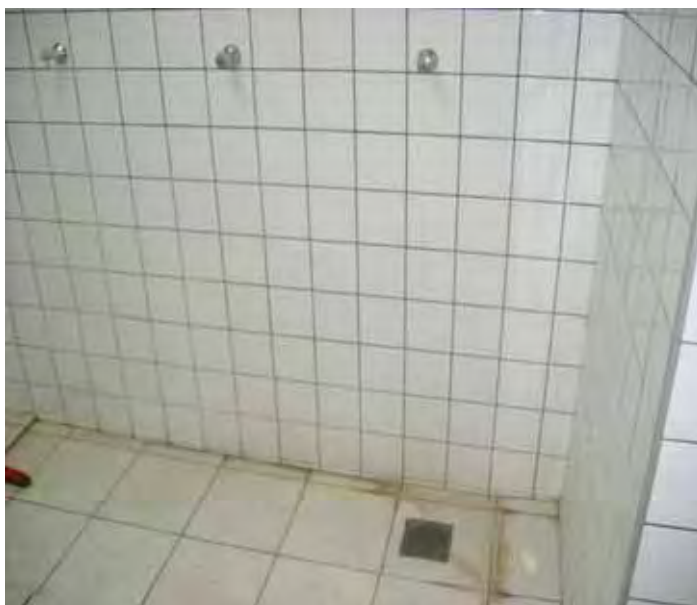


Figura 06 – Vista geral da área dos chuveiros.

O quinto banheiro era destinado ao uso dos professores, funcionários de apoio e dirigentes dos Jogos, situava-se ao lado da sala dos professores e era de uso individual, o que tornava o ambiente mais agradável. Esse banheiro recebia a limpeza de um funcionário mais de uma vez ao dia.

Área Comum: pátio e quadra.

Fora as áreas já comentadas, sobrava na escola o pátio e a quadra que eram livres para qualquer atleta circular ou utilizar. Verificava-se nesse espaço uma área de interação

entre as pessoas. Um local onde podia conversar, jogar, tocar instrumentos, cantar etc. Enfim um espaço onde os atletas tinham horários livres, de acordo com a sua disponibilidade de horário de jogos, podendo assim criar novos vínculos ou reforçar os já existentes.



Figura 07 – Momento de interação entre os atletas no saguão da escola.

No pátio próximo ao refeitório localizava-se o quadro de recados e avisos, onde os atletas tinham a disposição toda a programação do dia: horário de jogos, horários de refeitório, partida e volta dos ônibus de transporte etc.

Eram encontrados também no pátio alguns avisos, entre eles proibições, destacamos o uso restrito do telefone público (orelhão), evitar andar sem camiseta, evitar meninos no quarto das meninas e vice-versa, além de proibir o acesso a alguns locais da escola.



Figura 08 – Telefone público com uso restrito.



Figura 09 – Mural de recados e programação do dia.

Encontramos também mensagens educativas entre elas o modo correto de separação de lixo reciclável, evitar jogar restos de comida na pia para lavagem dos pratos, proibido escovarem dentes nos bebedouros, evitar deixar torneiras abertas etc.



Figura 10 – Mensagem deixada ao lado dos bebedouros.

As quadras da escola eram duas e cobertas, situadas lado a lado e seguiam o padrão de quadras poliesportivas (marcações de futebol de salão, basquetebol, handebol e voleibol), ficou disponível para utilização de todos os atletas durante todo o dia. Muitos

jogavam e praticavam esportes, geralmente quem estava de folga ou já havia jogado durante o dia. Ao lado da quadra, encontramos uma pequena sala que possuía duas mesas de tênis-de-mesa, tornando-se um local para lazer dos atletas e treinamentos para os praticantes da modalidade.

As quadras da escola se tornaram também, em muitas oportunidades, espaços destinados a treinamentos para algumas equipes e um local de interação entre pessoas de diferentes equipes, uma vez que os atletas ficavam neste espaço conversando, jogando, brincando e se divertindo.

3.2 – Delineamento metodológico

A escolha recaiu sobre este grupo de atores em função da região em que se localiza a Universidade Estadual Paulista – UNESP, em termos de deslocamento, contatos e autorizações. Para a escolha da equipe a ser observada utilizou-se o seguinte critério:

1 – Foi escolhida uma delegação de uma das regiões esportivas próximas a cidade de Rio Claro, onde temos o Campus da UNESP.

2 – No primeiro dia de concentração, após a chegada das equipes no alojamento, durante a reunião com o chefe da delegação, foi exposto o propósito do trabalho e os métodos utilizados. Foi perguntado aos técnicos das equipes masculinas quem permitira e possibilitaria a aplicação da pesquisa.

O motivo da escolha por equipes masculinas se deve ao fato do pesquisador, afim de buscar dados mais fiéis e interessantes que retratem a realidade da concentração, pudesse ter acesso a todos os ambientes freqüentados pelos atletas, dentro do alojamento.

3 – Após o levantamento dos interessados, realizei um sorteio para definir qual equipe seria pesquisada. Após o sorteio da equipe a ser estudada, foi disponibilizado a todos os professores presentes a possibilidade de conhecer melhor a pesquisa, bem como após as análises dos dados coletados obterem um retorno do trabalho.

Com relação às entrevistas, os nossos sujeitos foram: o treinador da equipe estudada, afim de garantir ligação entre os dados coletados, observados e anotados no caderno de campo com o professor responsável pela equipe estudada. Entrevistamos também o chefe da delegação estudada, uma vez que era responsável pelos alunos dentro da

concentração, sendo o responsável por gerenciar a alimentação, as acomodações, a limpeza e a convivência de todos dentro do ambiente.

Por fim, entrevistamos um árbitro da modalidade em questão, o futsal. Foi escolhido um árbitro que trabalhava durante uma das partidas da equipe objeto de estudo. Não foi informado a respeito do tema central de estudos, a concentração esportiva, mas sim que era um estudo acerca das Olimpíadas Colegiais Escolares. No caso dos atletas, estes foram entrevistados através de questionários estruturados e com questões abertas. Os questionários foram aplicados com 50% dos sujeitos da equipe escolhida, o que nos dá o número de seis atletas. Foi pedido aos atletas que jogavam com camisas de números ímpares para responderem ao questionário.

Sendo assim, a pesquisa ocorreu da seguinte maneira:

- A entrevista realizada com o professor dos alunos que exerceu a função de treinador esportivo ocorreu na terceira noite presente à concentração, ou seja, segunda-feira dia 15 de setembro de 2008. Foi escolhido esse dia, pois o participante já havia ficado um tempo grande dentro da concentração esportiva, além de ser a noite véspera de um jogo que decidiria a permanência ou não da equipe na competição, caso houvesse derrota (como acabou ocorrendo) a equipe estaria eliminada e voltaria para a sua cidade. Essa entrevista foi realizada às 20h30m na sala dos professores da escola que serviu de alojamento para a delegação regional de Campinas nas Olimpíadas Colegiais Escolares.
- A segunda entrevista realizada foi com o chefe da delegação regional de Campinas, no final da terceira noite de concentração, após o encerramento das atividades do dia, ou seja, às 22h00m. A entrevista ocorreu na sala dos professores da escola que serviu de alojamento para a delegação regional de Campinas nas Olimpíadas Colegiais Escolares.
- A última entrevista realizada foi com um árbitro da modalidade e ocorreu ao término do último jogo da equipe estudada, no caso terça-feira dia 16 de setembro de 2008. Optamos por este dia, pois as observações com a equipe terem sido encerradas após a desclassificação do campeonato.
- As observações constantes no caderno de campo se iniciaram após a reunião feita com os treinadores esportivos onde foi exposto o objetivo da pesquisa, levantando os atores interessados e realizado o sorteio. Após o sorteio foi definida a equipe estudada e assim os trabalhos do caderno de campo se iniciaram. O trabalho de observação se encerrou quando

a equipe embarcou no ônibus para deixar a cidade de Penápolis - SP, após a desclassificação do campeonato em questão.

- Com relação aos questionários aplicados juntos aos atletas das equipes, foram aplicados no terceiro dia de concentração após o jantar. Terminada a partida do dia, ainda no vestiário anunciei que os atletas de números ímpares responderiam a um questionário simples, com três questões após o jantar.

04 – Resultados e Discussão.

4.1 – Observações do dia a dia da concentração esportiva.

Para realizar nossa observação foi utilizado um caderno de anotações da marca Norma e do modelo Style Sports. O caderno possuía 96 folhas de tamanho 202X275 mm, que foi dividido em três seções de anotações diferentes, para isso foram reservadas 32 folhas para cada seção. A primeira seção era descrita em sua primeira folha: *No contato treinador-atleta, na concentração, pude observar*. Essa seção era destinada a anotações de tudo o que ocorria dentro da concentração esportiva durante os dias em que os atletas estavam presentes às Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo.

Na segunda seção reservamos 32 folhas para a seguinte descrição a ser observada dia a dia: *No contato treinador-atleta, durante o treino, pude observar*, onde estaria verificando as relações interpessoais durante possíveis treinos nas Olimpíadas Colegiais. A terceira e última seção, que também continha 32 folhas, era destinada as anotações referentes ao que ocorria nos jogos da equipe. Utilizamos a seguinte descrição: *No contato treinador-atleta, durante o jogo, pude observar*.

Todas as anotações foram registradas à caneta e armazenadas dia a dia, pois durante todo o tempo de coleta de dados eu ficava com o caderno em mãos. Abaixo segue a íntegra dos dados registrados em tópicos no caderno de observações:

01 – No contato treinador-atleta, na CONCENTRAÇÃO, pude observar:

DIA 13/09 – SÁBADO:

- Os alunos e o professor chegaram à concentração por volta das 18h00min, após cinco horas e meia de viagem;
- O professor levou os alunos para o quarto e passou orientações sobre a organização do quarto (onde dormir, pegar colchões, etc.);
- Dois alunos discutiram por causa do lugar onde iriam dormir. O professor entrevistou e colocou cada aluno em um canto do quarto, seguindo critério de idade (o mais velho escolhe primeiro);
- O professor pediu para um dos alunos arrumarem suas coisas (do professor) e saiu;
- O professor acompanhou os alunos até o refeitório da concentração para ouvir as normas de convivência da concentração que foram passadas pelo chefe da delegação;
- O professor deixou os alunos irem até a cerimônia de abertura das Olimpíadas Colegiais, reforçando para nenhum aluno “aprontar” na rua e muito menos no alojamento. O professor não foi, ficou no alojamento para descansar;
- Alguns alunos do atletismo ficaram alojados no mesmo quarto (sala de aula) que o futsal, pois o Chefe da Delegação assim determinou, devido ao fato de que todos são alunos do mesmo professor (vale ressaltar que em escolas diferentes);
- Os alunos que foram até o cerimonial de abertura das competições voltaram por volta das 22h00min e após isso todos os alunos (e o professor), ficaram na concentração brincando com o outro (faziam piadas). Alguns alunos fizeram brincadeiras fortes (como passar pasta de dente em partes íntimas) com os calouros, tudo com o consentimento do professor, que apenas pediu para parar com a brincadeira devido ao barulho que estava sendo produzido pelos alunos que participavam;
- Pontualmente as 23h00min o professor pediu silêncio a todos, pois não queria ser advertido pelo Chefe da Delegação (alegando que o chefe é muito bravo). Alguns alunos não respeitaram o comando e continuaram a brincar. O professor alterou o tom de voz e, após esse “incidente”, todos foram dormir;
- Ainda antes de dormir, o professor frisou as normas de convivência, principalmente a proibição das bebidas alcoólicas, já que todos eram menores de idade e ele “não queria dor de cabeça”.

DIA 14/09 – DOMINGO:

- Logo pela manhã, o professor acordou os alunos para todos tomarem café da manhã juntos;
- Após o café, o professor passou mais algumas recomendações (reforçando os recados do Chefe da Delegação na noite anterior), com relação às normas de convivência dos alunos com os demais participantes das Olimpíadas Colegiais como, por exemplo: não beijar as meninas, andar sem camiseta pela concentração e não entrar em outro quarto;
- Os alunos relataram ao professor que sentiam falta de uma televisão, vídeo-game e aparelho de som;
- Próximo às 08h30min, os alunos ficaram conversando junto com o professor e atletas de outras equipes, o papo foi bem descontraído e bem humorado;
- Após a conversa, o professor saiu para dar uma volta e nenhum aluno podia sair da concentração;
- Todos alunos, após o treino de futsal, tomaram banho e foram almoçar junto com o professor;
- Na chegada do jogo enquanto alguns alunos tomavam banho o professor conversava a respeito da partida, sobre lances importantes, “peças chave da partida” (palavras do professor);
- Nessa conversa o professor se irritou com um aluno que fazia piadas dos colegas de equipe, para chamar atenção das meninas que estavam próximas;
- No final da conversa, combinaram de jantar fora da concentração. Sair pra comer pizza é a programação da noite. *“Todos de banho tomado as 20h00min na frente da entrada da escola”* (palavras do professor);
- Aproximadamente as 18h00min, o professor foi até o quarto e disse que era melhor eles não saírem para comer pizza. Sairiam apenas se classificassem para a segunda fase. Alguns alunos ficaram chateados e mostraram descontentamento;
- Após isso, o professor saiu com os atletas de atletismo, para treino rápido em uma praça próxima a concentração;
- A maioria dos atletas jantou perto das 20h30min junto com o professor;

- Como na noite anterior, as 23h00min os atletas foram para o quarto dormir e conversaram sobre a partida, fizeram piadas etc.;
- As 23h25min o professor gritou para todos fazerem silêncio e disse que os atletas não têm limites e não respeitam as regras. Disse ainda que torcia para o Chefe da Delegação vir até o quarto e mandar todos atletas embora.

DIA 15/09 – SEGUNDA-FEIRA:

- O professor e os atletas acordaram cedo, 07h00min e conversaram muito, na mesa do café da manhã, sobre o jogo e as perspectivas de classificação da equipe para a segunda fase da competição;
- O professor aproveitou o período, após o café da manhã, para comentar sobre a concentração. Chamou atenção para a “barreira” existente entre os alunos participantes das Olimpíadas Colegiais (escolas públicas estaduais) e dos Jogos Escolares (escolas particulares), condenou a atitude, pediu para os alunos relevarem os “outros de nariz empinado” (palavras do professor) e incentivou a torcerem contra, para que possam ir embora logo;
- Ainda nesse bate-papo, chamou atenção com relação ao horário de dormir, pois muitos ficam conversando desnecessariamente. *“Vocês têm o dia todo para conversar e querem conversar naquela hora...não dá!”*;
- Após toda essa conversa, fiz a aplicação de questionários com seis atletas da equipe;
- Todos os atletas saíram da concentração, com o consentimento do professor, e foram até uma “lan-house”. O professor passou de lá as 11h00min, para buscá-los para o almoço;
- Os alunos almoçaram juntos com o professor e depois partiram para o ginásio onde foi realizado o segundo jogo da equipe;
- Após a derrota e a volta do jogo, com briga no ônibus, o clima ficou tenso entre os jogadores e o professor. Na chegada à concentração, dentro do alojamento, novamente os jogadores discutiram por motivos de jogo e houve briga (agressões físicas). O professor não estava presente no alojamento nesse momento, mas estava na concentração;

- Após o incidente um dos alunos correu e chamou o professor, que fez uma reunião com todos os alunos dentro do alojamento. Na sua conversa pediu para os atletas se acalmarem, pois a derrota faz parte do esporte. Pediu ainda para que nada do ocorrido saísse do quarto, pois se o chefe da delegação soubesse por algum motivo iria “sujar para todo mundo”: atletas, professor e para a escola. Certamente seriam mandados de volta para casa. O professor pediu para que todos se acertassem, naquele momento, e saiu do quarto prometendo que se esse “acerto” não fosse feito iriam embora no dia seguinte pela manhã, sem participar do último jogo;
- Após a conversa os atletas foram tomar banho e ficaram na concentração durante o restante do dia. Os atletas não jantaram juntos nesta noite;
- O clima ficou diferente entre os atletas, as brincadeiras cessaram e os alunos ficaram mais quietos do que no dia anterior. A interação com outras pessoas de equipes diferentes era maior que a interação interna;
- O professor foi avisado, as 20h00min, de que sua equipe de atletismo não poderia participar das competições, pois o colégio que ele representa é colégio técnico estadual e por isso deveria participar da OCESP e não do JEESP, como estava inscrito. O professor ficou indignado e mudou o tratamento com todos, sendo mais agressivo em suas palavras;
- A pedido do professor, todos foram dormir as 22h00min sem muita conversa ou barulho.

DIA 16/09 – TERÇA-FEIRA:

- O professor acordou todos os alunos as 06h45min, para tomarem o café da manhã juntos. Durante o café anunciou que, devido as brigas e discussões, teriam um treino como castigo, que ocorreria na quadra da escola, às 08h00min;
- Alguns alunos reclamaram de sono e cansaço, mas o professor manteve o treinamento marcado;
- Após o treino os alunos tomaram banho e ficaram na concentração aguardando o almoço, as 11h00min. Todos almoçaram juntos e foram se trocar para a partida;

- Chegando da partida os atletas tomaram banho, arrumaram as malas e voltaram para casa de ônibus, deixando a concentração, às 18h00min. O professor permaneceu para acompanhar sua equipe de atletismo e verificar se realmente poderiam ou não competir.

02 – No contato treinador-atleta, no TREINO, pude observar:

DIA 13/09 – SÁBADO:

- Não houve treinamentos nesse dia, devido ao horário de chegada dos alunos na concentração.

DIA 14/09 – DOMINGO:

- Após o professor sair da concentração, os alunos foram até a quadra da escola, para realizar um treinamento, às 09h30min (o professor não sabia da realização do treinamento);
- Comandados por um dos atletas, por ventura o mais velho, os meninos realizaram um “rachão” (palavras deles) com dois toques na bola (jogo de futebol onde cada jogador pode tocar no máximo duas vezes na bola seguidamente) e, após isso, jogos recreativos;
- Após o jogo alguns atletas se queixaram de cansaço devido ao treino;

DIA 15/09 – SEGUNDA-FEIRA:

- Não houve treinamentos nesse dia, devido ao horário de chegada dos alunos na concentração.

DIA 16/09 – TERÇA-FEIRA:

- O professor realizou um treino físico pela manhã como forma de “castigo” (palavras do professor) aos alunos por causa das brigas que aconteceram no dia anterior;
- O treinamento ocorreu das 08h00min às 09h00min, com corridas, saltos, tiros de velocidade, etc.

03 – No contato treinador-atleta, no JOGO, pude observar:

DIA 13/09 – SÁBADO:

- Não houve jogo nesse dia, pois foi um dia reservado apenas para a chegada dos alunos na concentração.

DIA 14/09 – DOMINGO:

- Jogo número 01 – 13h00min. Placar empate 06 X 06;
- O professor passou um alongamento e aquecimento antes da equipe entrar em quadra;
- Antes da partida o professor deu a instrução de que os atletas deveriam jogar como estão acostumados a treinar e que não poderia dar muitas instruções pois é o primeiro jogo e não conhece o adversário;
- Os atletas e o professor rezaram, antes do início da partida, um Pai-Nosso e uma Ave-Maria;
- A equipe saiu em desvantagem e assim ficou até faltar 10 segundos para o final da partida, quando um jogador empatou o jogo cobrando uma falta;
- Logo no início tomaram um gol e o professor se irritou muito. Ele disse “*acorda cambada! Nessa fase vocês não podem mais ser bobos!*”;
- O técnico deu muitas broncas nos atletas e em algumas vezes se alterou e xingou de “burro”;
- No intervalo do jogo, com o placar de 04 X 02 para a equipe adversária, o professor fez correções sobre a postura dos atletas e do posicionamento. Ressaltou que a outra equipe é forte e superior tecnicamente, além de possuir um excelente goleiro;
- Ainda no intervalo o professor falou que, após xingar alguns atletas, o jogo melhorou para a equipe. “*Será que eu tenho que dar dura e xingar vocês para acordarem e começar a jogar?*”, completou;

- No segundo tempo, o professor fez várias substituições para conversar com os atletas sobre o que ocorria no jogo. Nessa etapa ele não se alterou, não gritou e nem xingou;
- Dois atletas se desentenderam, pois um não passou a bola para o outro e acabou chutando para fora. O professor bateu palmas para o que chutou e disse “...*assim tá bom. Para de reclamar que ele fez certo!*”;
- O professor reclamou com a arbitragem, pois segundo ele, abusam da autoridade com os adolescentes e não consideram o trabalho do professor;
- A equipe empatou o jogo fazendo um gol de falta à 10 segundos do final da partida. O professor e os alunos comemoraram muito, como se fosse uma vitória.

15/09 – SEGUNDA-FEIRA:

- Jogo número 02 – 13h45min. Placar derrota de 02 X 04;
- O professor passou um alongamento e aquecimento antes da equipe entrar em quadra;
- Antes da partida o professor enalteceu o espírito da equipe na partida anterior. Comentou sobre a equipe adversária e disse que era o time mais fraco do grupo, aliás, o jogo do dia anterior havia sido com um fortíssimo candidato ao título;
- Os atletas e o professor rezaram antes do início da partida um Pai-Nosso e uma Ave-Maria;
- Logo no início do jogo a equipe adversária marcou o primeiro gol, o que levou o professor a perder a paciência facilmente e a gritar muito com os atletas. Minutos depois a equipe sofreu o segundo gol, segundo o professor, por desatenção geral;
- Um atleta (o atacante) gritou muito com outro atleta (zagueiro) por causa do gol sofrido. O clima esquentou, pois a equipe parecia dividida em dois grupos. Um grupo que defendia o atacante e um grupo que defendia o zagueiro;
- O professor pediu tempo, para passar orientações técnicas, mas os atletas continuaram discutindo;
- Durante o intervalo a discussão retomou, mas o professor gritou com todos e disse que quem mandava era ele. Os atletas ficaram em silêncio e ouviram as instruções táticas;

- Na volta do intervalo, os atletas marcaram um gol 01 X 02. Na sequência sofreram mais um gol. Nova discussão entre “os grupos”. O professor prometeu não falar mais nada;
- No final do jogo todos saíram de cabeça baixa, pois não esperavam essa derrota;
- Na volta para a concentração, dentro do ônibus, os atletas discutiram novamente e acabaram se enfrentando com agressões físicas. O professor pediu calma a todos e separou a briga;

DIA 16/09 – TERÇA-FEIRA:

- Jogo número 03 – 13h00min. Placar derrota de 03 X 05;
- Nessa partida, o professor não passou alongamento e aquecimento antes da equipe entrar em quadra. Ficou por conta do capitão da equipe;
- Houve um problema com uniformes (mesma cor de calção). A equipe teve que trocar, pois era “mandante” da partida. Um atleta ficou sem shorts e ficou sem jogar, o treinador o repreendeu por esquecer;
- O professor instruiu os atletas a chutarem muitas vezes ao gol adversário, pois o goleiro estava com a mão machucada (usava uma imobilização por bandagem antes da partida);
- Os atletas e o professor rezaram antes do início da partida um Pai-Nosso e uma Ave-Maria;
- Diferentemente dos jogos anteriores a equipe saiu na frente com 01 X 00, porém, tomou um gol logo em seguida. O professor criticou muito os alunos por isso. Dizia que estavam sonolentos, sem vontade e que eram “malas” e “estrelas”;
- Após o gol dois alunos discutiram feio em quadra. O professor repreendeu a atitude e gritou especialmente com um deles (o que cobrava o colega);
- O atleta número 10 foi expulso após uma interpretação de lances da arbitragem que causou dúvidas. O atleta xingou a arbitragem e recebeu o cartão vermelho. No momento o professor nada disse, olhou com cara feia para o atleta. Durante o intervalo ao entender o que houve, elogiou o atleta para os demais jogadores da equipe e disse que era um exemplo da “entrega” ao objetivo;

- No início do segundo tempo a equipe sofreu um gol e o placar ficou em 01 X 02. O professor mudou o esquema tático e decidiu ir com “tudo para cima”. Em poucos minutos empatou o jogo;
- Passado algum tempo a equipe sofreu dois gols em sequência. O professor comentou no banco “...fulano vai perder a cabeça agora e vai ser expulso, podem ver...” Felizmente nada ocorreu;
- Após sofrer o quarto gol, o capitão da equipe coordenou as substituições para que todos jogassem. No final da partida cada equipe sofreu mais um gol;
- Ao término da partida o professor agradeceu e parabenizou a todos os atletas.

4.2 – Transcrição das entrevistas.

1 – Entrevista realizada com um professor durante a fase final das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo – dia 16/09/2008.

Professor o senhor está acompanhando qual modalidade?

Futebol de salão masculino e a equipe de atletismo masculino e feminino.

Há quanto tempo o senhor trabalha na área?

Sou professor há 19 anos.

Bom o objetivo do estudo é verificar o ambiente de concentração durante as Olimpíadas Escolares com equipes de modalidade coletivas, no seu caso o futebol de salão. Pensando somente nisso a partir de agora, qual o seu objetivo, qual é o objetivo da sua escola aqui na fase final das Olimpíadas?

Propriamente nós trabalhamos com os alunos nas turmas ACDs, turmas de treinamento. Queremos integrar e familiarizar o aluno a partir da prática esportiva, ensinando o respeito mútuo, regras e disciplina, em consequência disso se o trabalho der certo como deu esse na modalidade coletiva conseguir a vaga para disputar a final estadual que é uma competição muito difícil.

O que o senhor cobra dos seus atletas?

Principalmente disciplina, respeito e dedicação, pois sem esses três itens não se chega a lugar nenhum, não se consegue uma união que dê certo.

No nosso trabalho nós chamados todo esse complexo que temos aqui no alojamento de concentração esportiva. O que o senhor acha dessa concentração?

Ao ponto de integração eu acho muito válido, porque é preciso trabalhar valores lá atrás, no início das competições, colocando que nosso objetivo é chegar lá na frente pra que eles consigam se doar e obter essa vaga e chegar aqui. Falo para eles que esse ambiente é muito gostoso porque pra eles estão convivendo com outros alunos de ambos os sexos, com alunos que eles não conhecem, o ambiente é familiar e muitos começam a se conhecer e se integram e trocam correspondência, e-mails, conhecendo pessoas que eles não conheciam e outras coisas que são novidades para eles.

Particularmente o senhor gosta de estar aqui?

Eu gosto do ambiente, gosto da competição e gosto daquilo que eu faço, mas creio que isso aqui, a estrutura poderia ser um pouquinho melhor.

Quais são os pontos positivos que o senhor destaca daqui?

A alimentação é muito boa, a integração com os alunos, pois a gente passa a conviver 24 horas por dia com os nossos alunos, então o relacionamento é melhor e a gente troca idéia com eles e passa a conhece-los melhor, passa a conhecer os alunos melhor. A gente acaba fazendo o papel dos pais no dia a dia aqui.

Os pontos negativos são relativos a estrutura, a estrutura deixa a desejar. Estrutura que eu digo são as acomodações, tanto para dormir, que eu acho que fica devendo um pouquinho e acho que os banheiros também. As escolas estão mal preparadas para nos receber. Tem aluno que fica meio assustado na hora que enxerga isso, que está acostumado com o ambiente de casa com higiene, e na hora que pega um banheiro público com certos hábitos de outros alunos ficam até assustados, com a sujeira.

Se o senhor pudesse mudar algo. O que mudaria?

Acho que essa estrutura que eu acabei de falar para você, relativo aos banheiros e quartos. Acomodações melhores, tanto é que uma coisa que chega a incomodar é que assim que clareia o dia a gente acorda, pois a luminosidade é forte devido a falta de cortinas, então a gente não consegue descansar o quanto a gente deveria.

Pensando nisso que você me falou, você acredita que isso possa afetar os alunos de alguma maneira?

Eu acho que sim, pois eles saem do ambiente que estão acostumados. Estão acostumados com dormir até certa hora, higiene, com mais comodidade mais tranquilidade e caem numa mudança de ambiente muito repentina, então afeta sim, pois muda a rotina deles e conseqüentemente mexe com o emocional deles.

O senhor trabalha de alguma maneira os estados emocionais com os atletas?

Trabalho sim, claro.

De que maneira o senhor trabalha?

Desde o começo do ano, lá de trás a gente vem falando: se chegar na final estadual o banheiro é dessa maneira, o quarto é dessa maneira. Já tem que vim preparando para que eles não cheguem aqui e se assustem e não tenham aquele impacto e tenham um choque evitando que eles fiquem abalados achando que era uma coisa e quando chega aqui é outra totalmente diferente.

E quanto aos jogos?

A parte de motivação e incentivo.

Pra gente fechar nossa entrevista, como é sua integração com os outros professores que estão aqui presentes?

Eu não vou dizer 100%, eu acho que isso vai da pessoa e não do professor, isso é da pessoa. Tem professores que são simpáticos que gostam de interagir com a gente, que procura conversar e troca idéia, tem professor que quando a gente se encontra cumprimenta. Agora tem professor que evita falar não sei por qual motivo, procuram não

ser simpáticos, interagir ou integrar com os outros professores, mas é um ambiente bom no geral, mas também temos as exceções.

2 – Entrevista realizada com um dirigente esportivo – chefe de delegação – durante a realização das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo.

Professor há quanto o senhor participa das Olimpíadas Colegiais, eu sei que anteriormente o nome do evento não era esse, mas vamos considerar como Jogos escolares, então há quanto tempo o senhor participa da organização?

Há dois tipos de organização, um que é delegação em si e a organização do local da forma como a gente tem, e outro que é o Comitê Dirigente que realiza os jogos, através de sua organização com os respectivos funcionários do Estado no aspecto organizacional e que cuida da parte da arbitragem e organização dos jogos. Este alojamento e concentração de pessoas são dirigidos por um grupo de pessoas (na qual sou chefe), cada um da sua delegacia de esportes e recreação do Estado, e que tem a possibilidade de trabalhar e interagir com os participantes. Nesse processo de participar de Olimpíadas Colegiais, uma hora de um lado outra hora de outro, estou há mais de trinta anos ou um pouco mais até, uma hora estou no Comitê Dirigente outra hora chefiando a delegação, depende da administração e objetivo designado.

Certo, chefiando a delegação e tomando conta dos atletas e professores naquilo que podemos chamar de concentração ou alojamento, o que o senhor destaca de positivo de todo esse processo?

Dois pontos positivos podem ser destacados. Um ponto positivo é que você pode entrar em contato com os alunos, hora quando estão alojados hora quando estão nas competições das modalidades, e outro que esse contato faz com que você veja a situação real de cada um desses participantes do ponto de vista de socialização e vivência.

Essa integração entre diferentes grupos dentro do ensino público e particular gera uma situação de convivência interessante e gratificante. É trabalhoso, pois é preciso estabelecer normas para que não haja indisciplina. Basicamente trabalhamos com a disciplina. É importante ter regras, pois são muitas crianças, numa idade difícil de 15 a 17 anos, tem que

criar um respeito mútuo entre eles, que vêm de camadas sociais diferentes, cada um tem um tipo de educação, cada um tem um tipo de vivência escolar.

Agora é muito difícil, pois nós estamos em um alojamento, em uma concentração improvisada, isso é século XXI, isso não deveria existir mais. Enquanto nós não mudarmos essa estrutura, o esporte escolar não desenvolverá, apesar da boa vontade dos professores, da boa vontade de alguns técnicos, da boa vontade dos organizadores, mas isso tudo é difícil demais, pois é uma semana ou oito dias que os participantes vivem em uma estrutura adaptado e totalmente inadequado, você procura fazer o melhor, mas é totalmente inadequado. Dormem em colchões no chão, ou em carteiras, mas é muito difícil, os banheiros são complicados, não é um espaço adequado.

Mas as vezes as crianças superam isso porque estão imbuídas com a boa vontade de superar, mas muitos na maior parte da vezes não superam isso. Tudo isso dificulta muito a organização de uma concentração.

O que o senhor sugeriria então, mesmo sendo utópico?

Não, não é utópico!

Que bom. O que o senhor sugere?

O Estado tem dinheiro. O Estado tem dinheiro, tem mesmo, basta que haja direcionamento. O Governo Federal tem dinheiro, uma verba que é destinada para o esporte escolar. Temos que arrumar alojamentos mais dignos, que seja na escola, mas que seja com beliche. Ai o pessoal coloca, mas como o senhor vai arrumar dois mil e quinhentos beliches? Existe, se não que se alugue. Se dá o beliche, dá um pouco mais de conforto, você tira a criança do chão. E que as adaptações do local sejam adequadas, por exemplo, o banheiro. Se na escola não há condições de adaptação, que se alugue o local, um hotel, como Brasília fazia antigamente nos Jogos Escolares Brasileiros, ficavam em hotéis.

Eu estive lá, jogando em 2000.

Tenho certeza que independente do resultado você levou boas lembranças da competição.

Além disso o senhor vê algum outro ponto negativo na concentração?

O problema é que é tudo improvisado, a gente faz o possível para tirar essa improvisação e colocar um processo mais digno. A maior parte dos pontos são negativos, o ponto positivo que há realmente é a nossa determinação em trabalhar com o esporte e com a criançada, e de alguns professores em colaborar, esse é o ponto positivo. Essa reunião, essa participação em evento esportivo. Os resultados vêm mais tarde.

Muita coisa o pessoal leva de bom daqui, mas a maioria leva más lembranças, um processo negativo. Enquanto não existir apoio para se garantir o mínimo de dignidade para se dormir, para se tomar um banho, para se alimentar. A alimentação é boa, mas veja os alunos tem que trazer prato e garfo, isso é século passado ou retrasado e não século XXI. Custa a prefeitura ou o Estado dar ou emprestar 200 ou 250 pratos e copos?

O senhor tem algumas restrições para os alunos aqui na concentração?

Para que haja uma situação de convivência comum, você estabelece um horário de silêncio, com relação a apagar a luz. Você não vai conseguir que a pessoa durma, mas tem que haver um respeito, pois os jogos não são feitos no mesmo horário, alguns jogam cedo, tarde ou a noite. Por isso é preciso um respeito mútuo, então a disciplina é fundamental. Eu proíbo algumas situações para haver respeito, tem que haver respeito. Tem que haver um processo de limpeza e higiene para a boa convivência. São essas proibições, essas situações que auxiliam no convívio.

Para gente encerrar, professor como é seu relacionamento enquanto chefe da delegação com os atletas, alunos e os professores?

Logo no primeiro dia eu já coloco as normas fundamentais a disciplina. Eu sou o chefe da delegação, eu sou rígido e quero disciplina e quero respeito, aquele que não cumprir eu mando embora para a cidade de volta. Estou sempre lembrando no dia a dia das normas, que aqui é a casa deles durante uma semana, então eu cobro o chão limpo, a mesa limpa, banheiro limpo, quartos mais asseados na medida do possível. E o pessoal acaba entendendo que precisa disso, tenho uma boa convivência. Falo o que tenho que falar, sou um pouco mais autoritário dentro do processo, mas sem perder o respeito. Alguns aceitam outros não, não dá para agradar gregos e troianos, ou Deus e o mundo.

E com os professores?

É tranquilo, sem nenhum problema. A gente conversa antes, eles sabem que eles são os responsáveis pelas crianças, e em relação a normas já são discutidas numa reunião anterior, então dificilmente temos algum problema.

3-Entrevista realizada com um árbitro de futebol de salão durante a fase final das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo. – dia 16/09/2008.

O senhor é árbitro há quanto tempo?

Eu sou árbitro há mais de trinta anos.

Qual modalidade o senhor é árbitro?

Futebol de campo e futebol de salão. Aqui nos Jogos estou como árbitro de futebol de salão.

Em se tratando dos Jogos Escolares como é o caso agora, tem alguma diferença em arbitrar, comparando com um campeonato oficial da Federação Paulista de Futsal, por exemplo?

Tem. Primeiro é a parte da disciplina. Nas categoria mirim e infantil nós ensinamos as regras, contextualizando com as mudanças que ocorrem na regra.

Certo, então algumas regras têm adaptações?

Têm claro. Como no mirim o tempo são quatro quartos de sete (minutos) e meio cronometrados, exigindo alterações na equipe do primeiro para o segundo quarto.

Na sua visão, enquanto árbitro, quando o senhor olha para a postura do treinador, do professor, o que eles buscam como objetivo?

Nós temos dois tipos de professores que estão trabalhando aqui. Alguns são professores e treinadores e cobram os atletas como times profissionais, a postura dele é de treinador e não de professor. Temos o outro tipo que é o professor de educação física que

faz o trabalho na sua escola, um trabalho na base e tem outra postura diferente do técnico, isso não só no futsal, mas em outras modalidades como basquete, vôlei, atletismo e outras modalidades.

4.3 – Resultados obtidos com os questionários aplicados junto aos atletas da equipe de futsal – concentração esportiva Penápolis – SP.

Nosso questionário era composto de três questões relativas ao entendimento que os atletas possuíam a respeito do ambiente de concentração, ao qual estavam submetidos, durante a realização das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo. Antes das questões, o questionário continha um cabeçalho de identificação que era composto da identificação da modalidade que o sujeito pratica, em seguida era solicitado a idade do atleta e por fim, um espaço a ser preenchido com o tempo de prática da modalidade em questão.

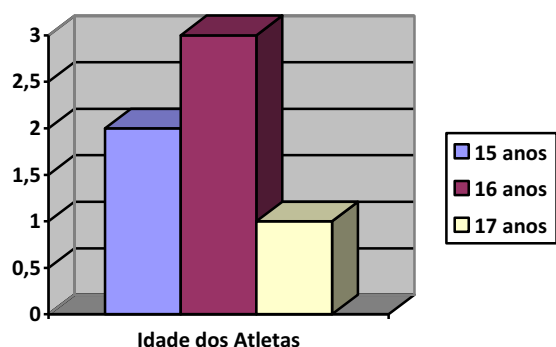
Após o cabeçalho, nosso questionário continha três questões:

- 1 – Qual a grande vantagem da concentração?
- 2 – Qual a grande desvantagem da concentração?
- 3 – Você se sente bem em uma concentração? Por quê?

Participantes

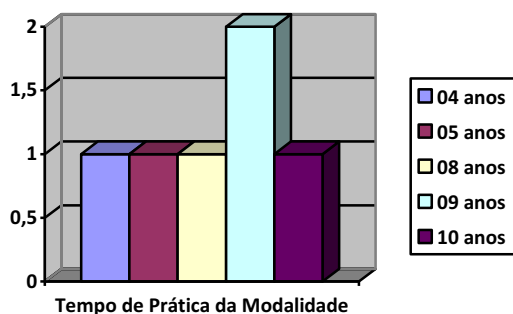
A pesquisa foi realizada com seis atletas, o que representava metade da equipe a estudada durante as Olimpíadas Colegiais. Nossos sujeitos eram todos homens e praticantes da modalidade futebol de salão.

Com relação a idade dos atletas, nós encontramos os mais novos com 15 anos de idade e o mais velho com 17 anos. Encontramos dois deles com 15 anos de idade, três com 16 anos de idade e 01 sujeito de 17 anos de idade. A média de idade dos participantes foi de 15,83.



Cabe lembrar que as Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo é disputada nas categorias pré-mirim, mirim, infantil e juvenil. O evento em questão faz parte da categoria infantil, ou seja, até 17 anos, atletas nascidos no ano de 1991 ou depois.

No que diz respeito ao tempo de prática dos sujeitos, encontramos uma variação que vai dos quatro anos de prática até os 10 anos. Encontramos um atleta com quatro anos de prática, um atleta com cinco anos de prática, um com oito anos de prática, dois atletas com nove anos de prática e um com dez anos de prática da modalidade. A média de anos de prática ficou em seis anos.



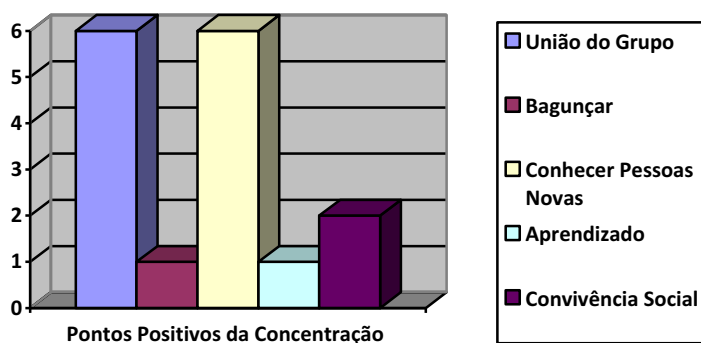
O tempo de prática encontrado nos atletas mostra que nossos sujeitos já praticam a modalidade em questão há bastante tempo, pois o menor tempo é de quatro anos o que permite uma vivência grande, podendo ter o atleta passado por diversas situações dentro da prática esportiva.

Resultados dos Questionários:

O objetivo da aplicação dos questionários era tentar verificar junto aos atletas participantes da Olimpíada Colegial qual a visão que tinham a respeito do ambiente de

concentração esportiva durante a realização dos Jogos. Como as questões eram abertas existia a possibilidade de um atleta citar mais de uma resposta, por isso temos mais respostas do que sujeitos. Na primeira questão buscamos levantar quais eram os pontos positivos da concentração esportiva. As respostas foram categorizadas em cinco grupos diferentes: “manter o grupo unido”, com seis incidências e “conhecer pessoas novas” também com seis incidências foram as respostas que mais apareceram. Encontramos também duas aparições para o grupo “aprendizados novos” e uma aparição para “bagunça” e outra para “convivência social”.

Nessas respostas podemos encontrar em todos os sujeitos a valorização e a importância da concentração enquanto possibilidade de manter um grupo unido, além da possibilidade de conhecer pessoas novas e fazer novas amizades devido a integração que a concentração esportiva escolar oferece.



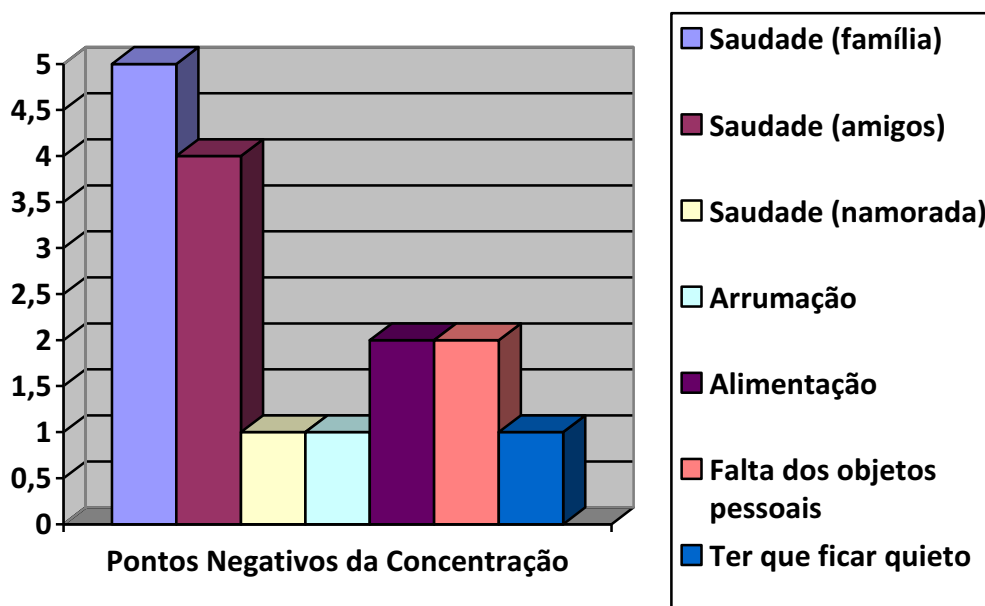
Podemos citar algumas falas destacadas dos atletas: “*O grupo fica mais unido, fica longe da cobrança da família e faz bagunças sadias...*” participante 01, que mostra um lado livre da concentração esportiva que traz prazer e alegria aos participantes.

Uma outra fala interessante e que ao nosso ver merece destaque é a do sujeito 04: “*...além da união do grupo, a convivência entre o grupo e saber respeitar uns aos outros e conhecer novas pessoas.*”, que nos leva a refletir a uma função educadora impregnada ao ambiente de concentração que leva para o mesmo ambiente diferentes tipos de pessoas, das mais ricas as mais pobres, com diferentes raças e religiões. Nesse momento cabe ao professor prezar por uma convivência saudável e respeitosa entre todos da equipe e entre as outras pessoas, de outras equipes, que nesse momento compõem o universo de relações interpessoais da equipe.

Na segunda questão buscamos levantar quais eram os pontos negativos na concentração esportiva. As respostas foram categorizadas em grupos diferentes, sendo que o item que mais aparece é saudade da família com cinco incidências, saudade dos amigos com quatro incidências e ainda a citação da saudade da namorada.

Fica evidente, nessa questão, como o distanciamento dos atletas das suas pessoas próximas acaba sendo importante no julgamento pessoal e no andamento da rotina de uma concentração. Podemos incluir aqui a saudade dos objetos pessoais dos participantes, que aparece com duas citações.

Outro ponto interessante que apareceu foi com relação à alimentação e com a arrumação dos quartos, provavelmente devido a preferência ou costume dos atletas. Nessa mesma questão pudemos encontrar uma insatisfação com o fato de “ter que ficar quieto”, citado na resposta do atleta 03, o que denota como a concentração inibe algumas atitudes dos atletas, de certa forma.



Podemos destacar algumas falas dos entrevistados. O participante 01 em sua fala diz: “...tenho saudade da família, de encontrar tudo arrumado, sua roupa no lugar, etc...a comida diferente da mamãe”. Essa fala retrata a saudade familiar bem como critica pontos que o desagradam na concentração.

O participante 05 nos traz: “...estar longe da sua família, de outros amigos, das suas coisas, da minha cama, etc...”. Essa fala nos reporta ao entendimento de que o atleta sente-

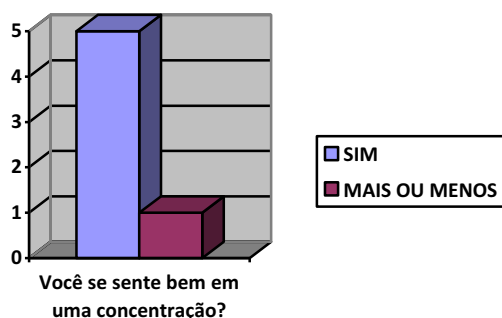
se incomodado em ter que dormir no chão, em um quarto bagunçado e sem espaço, bem como a ausência dos amigos e da família.

Na fala do participante 06 podemos destacar: “...o problema é todo mundo ter que ficar quieto, embora já sabíamos disso”, que retrata como a concentração pode inibir vontades dos atletas com as suas regras de horários e silêncio. É fato de que existe a necessidade de regras para o bom andamento dos jogos, porém, não podemos desconsiderar que alguns jovens encontram-se insatisfeitos com os horários e normas de convivência, até porque não são acostumados com isso, pois dormem tarde, por exemplo.

A última questão visava levantar, de maneira geral, se o entrevistado se sentia bem em uma concentração esportiva escolar e por que se sentia assim. Como respostas, coletamos que cinco atletas de um total de seis relataram que sim, sentiam-se bem dentro de uma concentração esportiva, enquanto um atleta respondeu mais ou menos e não houve nenhuma resposta negativa.

Com relação à justificativa da pergunta encontramos as mais variadas respostas, sendo que dentre as positivas encontramos: acostumado a morar longe, o que pode não ser necessariamente algo positivo e sim acostumado com situações adversas. Encontramos também a citação da concentração ser um ambiente diferente que eles estão acostumados, no dia a dia, essa com três citações. A última dos alunos que acreditam que se sentem bem em uma concentração esportiva é de que o ambiente é divertido.

Um atleta citou que se sente mais ou menos em uma concentração, citando como justificativa ter que fazer silêncio e cumprir regras.



Podemos destacar algumas falas que são importantes para o nosso trabalho. O participante 05 nos traz a quebra da rotina que a concentração proporciona: “...sim, porque não temos uma rotina pré-programada e podemos decidir o que fazer na hora...”,

mostrando como esse convívio com novas pessoas, bem como com um novo ambiente e programação o faz bem.

O participante 01, também, cita que a concentração o faz bem e justifica: *“...me sinto a vontade, estou acostumado a morar longe de casa”*. Pensando na concentração não necessariamente morar longe de casa significa se sentir bem, mas pode-se ser acostumado a lidar com adversidades que necessitam ser resolvidas pelo próprio sujeito, diferente do que se tivesse em casa com os pais para resolver os problemas.

Vale destacar também a única resposta que não relatou um sentimento positivo com relação à concentração esportiva. O participante 06 relata que se sente mais ou menos bem em uma concentração e justifica: *“...eu não acho muito bom, porque tem que ficar todo mundo quieto, mas se não tiver concentração a gente não fica focado no jogo”*. Essa fala mostra a insatisfação com as normas de conduta, porém, reforça a importância de uma concentração esportiva obter o estado de atenção e concentração para o bom andamento e rendimento da partida.

4.4 – Análise dos dados coletados

1 – Infra-estrutura humana e material.

Após a coleta dos dados, é importante realizar uma análise detalhada de tudo, bem como refletir sobre alguns pontos especiais, uma vez que este trabalho visa avançar no sentido de buscar melhoras das condições de capacitação aos profissionais envolvidos em uma concentração esportiva escolar.

Já, no início do trabalho, podemos nos deparar com uma estrutura muito grande que envolve toda a competição, desde funcionários envolvidos como materiais de infraestrutura. Dentro do grupo de profissionais encontramos funcionários públicos estaduais da área do esporte, que são vinculados às delegacias e inspetorias regionais de esporte, bem como os professores de educação física e técnicos esportivos vinculados as escolas participantes.

Dentro desse material humano citado é importante pensar se todos estão realmente preparados para uma concentração esportiva, para enfrentar seus desafios organizacionais,

bem como a relação interpessoal com os maiores envolvidos, os atletas. Penso nessa questão uma vez que os professores e profissionais tem alguns comportamentos diferentes dos atletas, tais como a preferência por cortar a fila das refeições, banheiros com melhores condições de higiene e funcionamento, permissão para utilização do telefone público. Esta atitude gera uma pergunta sem respostas, no imaginário dos atletas: por que você pode e eu não? A resposta trará uma justificativa palpável ou será apenas porque sim? Questões como essas são pertinentes e fundamentais para que se estabeleça uma relação saudável e respeitosa entre os participantes das Olimpíadas Colegiais e para estabelecer patamares de condutas éticas e morais.

Outro ponto importante a questionar é o estrutural. Conforme apontei na descrição do local, verificamos uma infra-estrutura precária e amadora, uma vez que os quartos (salas de aula) são apertados e, inevitavelmente, ficam bagunçados e sujos. Alunos dormem no chão e a luminosidade das salas, que não possuem cortinas, atrapalha o descanso. Os banheiros coletivos são sujos, com água empoçando e não possuem divisórias ou boxes para separação.

Será que nossos alunos estão preparados para enfrentar essa infra-estrutura precária durante cerca de oito dias de competições? Estas condições garantem manutenção de estado de ânimo e bom humor? Nos primeiros dias, logo ao chegar, as coisas tomam o caráter de desvendar o novo, mas são vários dias e a tensão vai aumentando do meio para o final de temporada, quando a ilusão do desconhecido já foi superada. Será que essa precariedade não interfere nas relações interpessoais ou então no desempenho dos alunos? Isso fica claro na fala do treinador da equipe em questão “...eles saem do ambiente que estão acostumados. Estão acostumados com dormir até certa hora, higiene, com mais comodidade mais tranqüilidade e caem numa mudança de ambiente muito repentina, então afeta sim, pois muda a rotina deles e conseqüentemente mexe com o emocional deles...”, e também na fala do chefe da delegação “....Dormem em colchões no chão, ou em carteiras, mas é muito difícil, os banheiros são complicados, não é um espaço adequado...”.

Para os atletas esse incômodo é citado pelo participante 01, que em sua fala diz: “...tenho saudade da família, de encontrar tudo arrumado, sua roupa no lugar etc... a comida diferente da mamãe”. Será que os professores responsáveis trabalham com isso de alguma maneira, preparam os alunos para criar uma resistência psicológica, a fim de superar essas

dificuldades, ou então, será que os participantes estão preparados para conviver em grupo (levando em conta o respeito ao ambiente comum) durante os dias da concentração? Se não estiver, será que o professor consegue estabelecer uma relação de aprendizado social com os alunos?

Na sua entrevista, o professor em questão nos mostra que houve um trabalho prévio com os alunos, para quando chegassem à escola não ter surpresas com relação a infraestrutura da concentração esportiva dessa competição: “...*Desde o começo do ano, lá de trás, a gente vem falando: se chegar na final estadual o banheiro é dessa maneira, o quarto é dessa maneira. Já tem que vim preparando para que eles não cheguem aqui e se assustem e não tenham aquele impacto e tenham um choque evitando que eles fiquem abalados...*”

Essa antecipação da realidade da concentração escolar realmente pode ser benéfica aos alunos, pois estes já podem fazer uma construção mental das situações que poderão ser encontradas e assim desenvolverem um preparo mental para encarar as condições. De qualquer forma, a infraestrutura, de forma geral acaba deixando a desejar, fato esse que pode levar muitos alunos a uma desmotivação, na participação do campeonato. Creio que o processo seria muito mais agradável e proveitoso caso os organizadores promovessem condições mais civilizadas de participação.

O próprio chefe da delegação, em sua fala, acredita que o processo de concentração, dentro desses moldes, é prejudicial aos participantes e, que poucos, realmente, tiram proveitos disso: “...*muita coisa o pessoal leva de bom daqui, mas a maioria leva más lembranças, um processo negativo. Enquanto não existir apoio para se garantir o mínimo de dignidade para se dormir, para se tomar um banho, para se alimentar...*”

Mesmo citando que alguns pontos negativos da concentração, como o estado dos banheiros, que eram sujos e quartos desarrumados, há de ser valorizado o fato educacionalmente, uma vez que o processo de aprendizado não se dá apenas por exemplos corretos de como fazer algo, mas pode-se aprender algo vendo o errado. Vale, portanto, valorizar o profissional que mostra aos seus alunos a importância de tentar manter a higiene mesmo em um local sujo, tentando com que seus alunos não repitam atos anti-higiênicos, por exemplo, mesmo em um local com estado de conservação deplorável.

Pensando em tudo o que foi exposto com relação a infra-estrutura verificamos diferenças significativas em relação ao encontrado na literatura, com relação as concentrações existentes no esporte profissional, o que nos mostra que a base do esporte está muito aquém daquilo que, realmente, seria o mínimo necessário para o seu desenvolvimento e crescimento.

Deixo aqui uma reflexão a respeito dos investimentos, dentro do esporte de base, para que realmente ele ocorra com propriedade e não só no papel, possibilitando aos praticantes um engrandecimento pessoal de valores morais, éticos e sociais. Cabe ao Estado um maior respeito e valorização dessa área, pois investir no esporte não é trazer Jogos Pan-americanos, Olímpicos ou Copa do Mundo somente, mas possibilitar acesso ao esporte a todos que assim o desejarem. Porém, esse acesso não é somente dar uma bola ao aluno, mas criar condições de infra-estrutura material e humana para incentivar a prática duradoura no esporte.

Parece-me que um bom exemplo de incentivo à prática do esporte de base, com investimentos na infra-estrutura humana e material, que ocorre dentro das Olimpíadas Colegiais, é com relação às regras das modalidades esportivas e da arbitragem, que atua durante as competições. Existe uma adaptação das regras originais do esporte para a idade em questão, bem como um treinamento das equipes de arbitragem que são instruídas a educar os alunos e não somente aplicar a regra como está nos regulamentos.

Após entrevistar um árbitro atuante da modalidade futsal, durante as Olimpíadas Colegiais, essa visão ficou mais clara ainda: “...*Nas categoria mirim e infantil nós ensinamos as regras, contextualizando com as mudanças que ocorrem na regra...*”, “...*Como no mirim, por exemplo, o tempo são quatro quartos de sete (minutos) e meio cronometrados, exigindo alterações na equipe do primeiro para o segundo quarto...*” Essa simples alteração comentada nos mostra que mais atletas devam participar do jogo e não somente os “titulares” que começam a partida, uma vez que o treinador é obrigado a realizar substituições, dessa maneira incentivando um número maior de atletas a participarem efetivamente da partida.

No meu ver, uma decisão correta que dá as Olimpíadas Escolares uma dimensão diferente do esporte profissional, aproximando-a da realidade das escolas estaduais de São Paulo e do trabalho que os professores desenvolvem nas turmas de Atividades Curriculares

Desportivas (ACD), valorizando assim maior participação de alunos no mundo esportivo. Atitudes assim tornam o contexto esportivo mais agradável para os participantes, diferente da realidade da concentração esportiva, que devido a sua infra-estrutura pode ser um momento desagradável. Uma pena que evoluções ocorram apenas nas regras e formatos de disputa, por parte da Secretaria de Esportes, Lazer e Turismo do Estado de São Paulo (SELT), como por exemplo, a divisão de séries em Jogos Regionais e Jogos Abertos do Interior, que acentuou a disputa e ao mesmo tempo deu chances de título a pequenas cidades e equipes.

Infelizmente, as condições humanas dos atletas são deixadas de lado. Os campeonatos são mais equilibrados, mas os atletas continuam dormindo no chão, as disputas são mais acirradas, mas os atletas continuam tomando banho em chuveiros adaptados em banheiros de escolas, sujos e mal cuidados. As torcidas têm disputas mais acirradas, mas os atletas continuam tendo jogos as 21h00 de um dia e no dia seguinte as 07h00.

Vale repensar se os aspectos humanos e emocionais estão sendo respeitados nessas competições organizadas pela SELT, ou apenas aqueles aspectos que dão maior popularidade aos torcedores, prefeitos, secretários municipais de esporte são as importantes para os organizadores.

2 – O dia a dia, a dinâmica de convivência e a disciplina.

Em minhas observações, durante o dia a dia da concentração esportiva escolar, pude notar uma preocupação elevada com a convivência e a disciplina dos alunos que estavam presentes na concentração. Proibições como não andar sem camiseta, não poder utilizar o telefone público, evitar barulho após as 22h00 e observar rigorosamente os horários de refeição eram observadas com facilidade, na concentração e eram justificadas pelo discurso da boa convivência entre todos os participantes das Olimpíadas Escolares

O próprio chefe da delegação, o responsável direto e legal pela concentração, em sua fala, nos mostra alguns pontos referentes a esse assunto: “...*É trabalhoso, pois é preciso estabelecer normas para que não haja indisciplina. Basicamente trabalhamos com a*

disciplina. É importante ter regras, pois são muitas crianças, numa idade difícil de 15 a 17 anos, tem que criar um respeito mútuo entre eles, que vêm de camadas sociais diferentes, cada um tem um tipo de educação, cada um tem um tipo de vivência escolar...”

Continuando sua explanação, o chefe da delegação complementa seu raciocínio, “...*Para que haja uma situação de convivência comum, você estabelece um horário de silêncio, com relação a apagar a luz...”*, e prossegue com a seguinte fala, “...*é preciso um respeito mútuo, então a disciplina é fundamental. Eu proíbo algumas situações para haver respeito, tem que haver respeito. Tem que haver um processo de limpeza e higiene para a boa convivência. São essas proibições, essas situações que auxiliam no convívio..”*

Uma grande preocupação que deve ser levada em conta e repensada dentro das concentrações é a maneira como todas essas normas de convivência são levadas até os alunos. Será que realmente os alunos compreendem como tudo isso ocorre, e por quê todas essas normas existem? Conforme descrito no diário de observações, logo no primeiro dia o chefe da delegação passou todas as informações e normas para os alunos, mas apenas as “ditou”. Mesmo que as normas sejam de fácil compreensão para os profissionais envolvidos, professores e técnicos, creio que para os alunos o tema deve ser aprofundado e melhor explanado, trazendo ao jovem todos os porquês das normas. Acredito que dessa maneira, os alunos terão uma consciência maior e até colaborarão com o processo.

Os alunos participantes de nosso questionário nos demonstraram como a concentração esportiva funcionou em relação a esse aspecto, podemos notar na fala do participante 6: “... *o problema é todo mundo ter que ficar quieto*”. Essa fala nos remete a uma insatisfação com o ambiente da concentração, tal quais os jogadores profissionais sentem-se de certa forma aprisionados, como na fala do ex-jogador Sócrates, ou no mínimo um desconhecimento das razões de existência das normas de convívio.

Esse desacerto pode levar os alunos a uma insatisfação com o ambiente da concentração e a um desânimo que pode minar a motivação dos atletas para jogar. Novamente, o chefe da delegação nos trás uma fala, durante a entrevista, que pode ilustrar esse momento: “...*às vezes as crianças superam isso porque estão imbuídas com a boa vontade de superar, mas muitos na maior parte das vezes não superam isso. Tudo isso dificulta muito a organização de uma concentração...*”

Esse processo merece atenção especial, pois muitos desentendimentos podem ocorrer, uma vez que em muitas vezes os adolescentes se empolgam e acabam exagerando na altura da voz, horários etc. No nosso estudo verificamos que o chefe da delegação era bastante rígido com o cumprimento das normas, inclusive o professor o temia, tanto que em um dos desentendimentos da equipe chegou a pedir que os alunos não levassem ao conhecimento do chefe da delegação, com medo de haver uma punição severa.

Como forma de punição, no caso de nossa concentração, o próprio chefe da delegação é claro, durante a entrevista, nos mostrando seus procedimentos: “...Logo no primeiro dia eu já coloco as normas fundamentais a disciplina. Eu sou o chefe da delegação, eu sou rígido e quero disciplina e quero respeito, aquele que não cumprir eu mando embora para a cidade de volta...”

Essa postura, de certa maneira autoritária, pode afetar o relacionamento pessoal entre os alunos e o chefe de delegação, bem como intimidar os alunos a determinados comportamentos dentro da concentração, o que demonstra exatamente uma proximidade com a concentração do futebol profissional descrita pelo jogador corinthiano Sócrates:

“Nada é mais banal e letárgico que este tipo de aprisionamento a que os jogadores estão submetidos. Quais os motivos para a existência das concentrações? Evitar que os atletas se excedam nas bebedeiras e nas noitadas, ou mesmo nas relações sexuais? Na verdade, é mais uma conduta paternalista que persiste, levando, ao contrário que se pensa, uma perda de concentração e de motivação, porque, estando os jogadores distantes de seu habitat natural, o sentimento corrente é de sonolência, mau – humor e relaxamento, que em nada favorecem suas performances [...]

Será que na concentração esportiva escolar não existe a mesma relação paternalista que o jogador acusa? Os nossos atletas escolares sentem-se bem sendo podados do seu direito de conversar e se divertir junto aos colegas no horário de dormir? Há de se pesar que a competição em questão seja bem diferente dos campeonatos de futebol que o ex-jogador Sócrates participava. A Olimpíada Colegial se apresenta como uma competição seqüencial, onde temos jogos dia após dia, por conta disso merece um descanso maior em

relação aos campeonatos de futebol de campo, onde deve-se ter um descanso mínimo de 48 horas entre uma partida e outra.

O acesso restrito ao meio de comunicação existente, dentro do ambiente de concentração, no caso, o telefone público, também nos mostra o quanto a concentração traz enraizada consigo um papel restritivo a determinadas atitudes. É claro que a grande evolução do setor de telecomunicações, em especial a telefonia celular, restringe e diminui esse problema a um mero contratempo, mas é importante salientar que estamos em um evento promovido aos alunos de escolas públicas, que muitas vezes não tem acesso a um telefone celular.

Aprofundando essa questão do celular, mesmo que os alunos possuam aparelhos de telefonia móvel, vale lembrar que as tarifas aplicadas tanto para quem liga de um celular, ou de um familiar ou amigo que liga para um celular são mais altas do que para um telefone fixo (no caso, o orelhão), fato esse que dificulta a comunicação dos alunos com suas famílias, namoradas e amigos. Analisando também o caso de acesso restrito ao local do telefone público, conforme a figura 08 é importante destacar não somente o impedimento à comunicação, mas sim também ao livre acesso a um local público da escola, o que pode trazer ressentimentos e incômodos aos alunos que são os maiores prejudicados.

Após apresentar alguns pontos relativamente falhos dentro da concentração esportiva escolar é importante ressaltar pontos positivos e as atitudes benéficas que são promovidas dentro desse ambiente. É nítido, também, que a concentração esportiva nos remete a várias situações de engrandecimento pessoal, a primeira e mais marcante é o envolvimento pessoal dos participantes, com diferentes pessoas e grupos. Como uma concentração comporta, em média, cerca de 200 a 250 pessoas, os alunos tem oportunidades vastas de conhecer pessoas novas, estabelecer novos vínculos. Arelado a isso, verificamos a possibilidade de conhecer culturas novas também, uma vez que os participantes vêm de diferentes lugares e trazem consigo, respectivamente, os seus costumes. Outra possibilidade é o contato com pessoas que praticam diferentes modalidades de diferentes estilos, tais como o envolvimento de alunos que praticam handebol com alunos que praticam uma modalidade individual como o xadrez, por exemplo.

Fica visível o rápido envolvimento e o respectivo entrosamento entre os participantes. É possível identificar isso na fala do treinador: “...*esse ambiente é muito gostoso porque pra eles estão convivendo com outros alunos de ambos os sexos, com alunos que eles não conhecem, o ambiente é familiar e muitos começam a se conhecer e se integram e trocam correspondência, e-mails, conhecendo pessoas que eles não conheciam e outras coisas que são novidades para eles...*” Conforme apresentado na descrição da concentração, o pátio da escola, os corredores, hall de entrada e o ginásio eram pontos de encontro altamente ricos em termos de integração, sociabilização e disseminação de valores e culturas diferentes. Nestes locais aconteciam os mais diferenciados jogos e brincadeiras, valorizando e divulgando conhecimentos diferentes, ou seja, um atleta de handebol tinha a oportunidade de conhecer brincadeiras e jogos regionais de alunos (as) que vieram de uma cidade menor, ou então, a oportunidade de aprender a jogar xadrez ou tênis de mesa.

O chefe da delegação também reconhece o valor dessa integração, conseguimos perceber isso em sua fala: “...*Um ponto positivo é que você pode entrar em contato com os alunos, hora quando estão alojados hora quando estão nas competições das modalidades...essa integração entre diferentes grupos dentro do ensino público e particular gera uma situação de convivência interessante e gratificante...*”. Também é necessário valorizar os pensamentos dos maiores interessados e público alvo das Olimpíadas Colegiais, analisando os questionários pudemos verificar que com relação ao contato com pessoas diferentes dentro da concentração encontramos a fala do participante 04, que nos diz: “...*além da união do grupo, a convivência entre o grupo e saber respeitar uns aos outros e conhecer novas pessoas.*”

Sem dúvida alguma, essa experiência passa a ser muito válida para todos que engrandecem sua rede de amizades, conhecendo novas pessoas, ou aprofundando as já existentes, conhecendo ainda mais os amigos da equipe. Esse ponto é muito interessante, pois dentro do tempo da concentração, cerca de oito dias, os alunos podem conhecer a fundo quem são seus companheiros de equipe, o que muitas vezes não ocorre durante o ano letivo, devido ao pouco tempo que existe de funcionamento de uma turma ACD, que é de no mínimo duas ou no máximo três horas aula semanais.

Atrelado ao conhecimento entre os alunos praticantes da modalidade existe também, o estreitamento da relação entre alunos e professor, uma vez que, teoricamente, dentro da

concentração o professor passa 24 horas ao lado dos alunos, conforme a descrição do dia a dia da concentração, na apresentação dos resultados coletados. Esse estreitamento de relações pode gerar uma relação saudável e positiva de amizade entre ambos. A fala do professor da equipe estudada reforça bem esse sentido de estreitamento dos laços: “...a gente passa a conviver 24 horas por dia com os nossos alunos, então o relacionamento é melhor e a gente troca idéia com eles e passa a conhecê-los melhor, passa a conhecer os alunos melhor. A gente acaba fazendo o papel dos pais no dia a dia aqui...”

Assim como para os alunos, o professor não tem condições de conhecer a fundo todos os alunos que trabalha, a carga horária é pequena e o número de alunos praticantes é alto. A legislação vigente traz como número mínimo de alunos para a existência de uma turma ACD 25 alunos, mas é claro que a procura é alta e esse número pode chegar ao máximo de 55 alunos, que é previsto na legislação. Além dessas interações sociais, o ambiente de concentração pode desenvolver alguns ganhos educacionais aos alunos, principalmente os relativos as responsabilidades com seus objetos pessoais, tais como a limpeza e higienização de pratos, talheres e copo após as refeições, uma vez que a organização não se responsabiliza pela limpeza desses utensílios. Conforme apresentado na descrição da concentração, os alunos têm locais corretos para a limpeza, não podendo ser efetuado em qualquer pia, mas sim na destinada para limpeza, pois tem uma pia destinada a limpeza de pratos e uma pia destinada para tomarem água potável.

Ainda sobre a limpeza, existem cartazes indicativos para essas pias, mas também cartazes que educam os alunos a limparem as sobras de alimento, num lixo orgânico, a fim de que os restos não entupam a pia e sejam destinados a animais. Existe ainda a indicação de lixo para copos descartáveis e demais plásticos, para serem encaminhados à reciclagem. Outra preocupação que os professores passam aos alunos é com relação à limpeza e organização dos quartos. Como a estrutura é precária e os alunos necessitam dormir no chão, é necessário que as malas, utensílios pessoais e até os utensílios coletivos (saco com bolas, mochila com uniformes da equipe, galão de água etc.) estejam organizados para que não acumule sujeira ou para que nada se perca. Devido a isso, muitos técnicos cobram que alunos fiquem responsáveis pela limpeza diária do alojamento, criando assim responsabilidades dentro do grupo esportivo.

Essas responsabilidades ficam evidentes na fala do chefe da delegação: “...*é preciso um respeito mútuo...têm que haver um processo de limpeza e higiene para a boa convivência... Estou sempre lembrando no dia a dia das normas, que aqui é a casa deles durante uma semana, então eu cobro o chão limpo, a mesa limpa, banheiro limpo, quartos mais asseados na medida do possível. E o pessoal acaba entendendo que precisa disso, tenho uma boa convivência...*”

Todo esse processo contribui para que os alunos desenvolvam um senso de respeito e de responsabilidade com seus pares, com os professores, com os desconhecidos e consigo próprios. Outras responsabilidades que, geralmente, são criadas dentro do grupo é quem carrega o saco de bolas, a bolsa de uniformes, a mala de primeiro socorros, etc.; essas obrigações recaem sobre os calouros, à princípio. São relações importantes não somente dentro da concentração esportiva, mas sim para a vida toda; o estímulo para executar uma função a favor do grupo é algo que pode ser vivenciado no dia-a-dia e avança do espaço esportivo para o cotidiano, estabelecendo novas configurações sociais e de dependências.

Creio que nem todos que chegam até as Olimpíadas Colegiais tiveram que se preocupar com isso dentro de suas casas, então, nesse momento, o esporte passa a ter uma função educacional, uma capacidade de ensinamento sobre a vida em sociedade, a dependência hierárquica, as relações de poder num grupo social. Ensinamento que, as vezes, nem a família nem a escola possibilitam. Há de deixar claro, também, que muitos alunos não vêem sentido nenhum nesse processo e acaba por achar isso tudo desnecessário e até humilhante (MACHADO, 2008). Cabe aos professores nesse momento realizar uma intervenção para que esses alunos enxerguem dentro dessas atividades, momentos diferentes e necessários, que são importantes naquele contexto e em outros próximos e futuros.

3 – Os Estados Emocionais e a Concentração Esportiva Escolar.

Após efetuarmos uma análise aprofundada das condições de infra-estrutura humana e material, dentro da concentração, bem como uma análise do dia a dia e das dinâmicas de convivência e disciplina, cabe nesse momento refletir sobre toda análise técnica efetuada até então. Nitidamente, como pesquisador, pude observar que os alunos atletas sentiam-se

incomodados com muitas dessas situações, principalmente as apontadas como negativas (brigas, desgaste, preocupações com jogos, resultados...) mas, também, era claro quando os alunos atletas se empolgavam, ficavam felizes e motivados com as novas amizades e até com as paqueras proibidas dentro da concentração.

Por não acompanhar a equipe, na fase classificatória para as Olimpíadas Colegiais, não posso afirmar se o rendimento dos atletas estava alterado, se estavam motivados e renderam acima do normal ou, se mesmo motivados, acabaram não rendendo da maneira esperada. Se eles sentiram medo e se acanharam, ou se sentiram medo e afrontaram seus pontos “fracos”. Enfim, de qualquer maneira cabe aqui questionar se tudo o que foi “alterado” (ou não) de certa forma foi trabalhado nos dias de concentração. A partir desse momento darei atenção especial para a relação treinador-atleta ou professor-aluno, que foi estabelecida durante a concentração esportiva, a fim de verificar pontos positivos e negativos, acerca do trabalho relativo aos estados emocionais dos alunos.

Cruzando alguns dados da entrevista do professor com os questionários dos alunos, verificamos que, realmente, o professor os alertou das condições de infra-estrutura existentes na concentração. O professor ressaltou aos alunos tanto os aspectos positivos: “...*Falo para eles que esse ambiente é muito gostoso porque pra eles estão convivendo com outros alunos de ambos os sexos, com alunos que eles não conhecem, o ambiente é familiar...*”, mas também apontou os aspectos negativos: “...*Desde o começo do ano, lá de trás a gente vem falando: se chegar na final estadual o banheiro é dessa maneira, o quarto é dessa maneira. Já tem que vim preparando para que eles não cheguem aqui e se assustem...*”.

Na fala dos alunos no questionário encontramos um indicativo de que possivelmente o professor realmente trabalhou com as condições da concentração esportiva escolar. Na fala do sujeito 06 podemos destacar: “... *o problema é todo mundo ter que ficar quieto, embora já sabíamos disso...*”. Efetuar um trabalho de preparação psicológica para as situações a serem enfrentadas dentro de uma concentração é extremamente necessário, pois é preciso preparar o adolescente que irá passar oito ou nove dias fora do seu “habitat natural”, muitas vezes encontrando situações piores a que está acostumado.

Recorro a minha experiência para citar a importância de um trabalho em relação a infra-estrutura: enquanto atleta escolar, recordo-me das Olimpíadas Colegiais Brasileiras,

de Brasília, em 2000, que possuía uma infra-estrutura muito melhor se comparada aos jogos estaduais, porém, nosso treinador nos preparou para um hotel cinco estrelas, no centro de Brasília. Montamos esquemas de controle dos atletas para poderem sair do hotel, juntos e com autorização. Existiam os horários pré-definidos, limite de consumo no frigobar, roupas indicadas para circular pelo hotel.

Quando chegamos ao hotel tivemos uma surpresa, já que não era cinco estrelas, na verdade um hotel fazenda muito grande, mas não existia nenhum conforto como pensávamos. As acomodações não eram boas, mas ainda assim melhores que as acomodações das Olimpíadas Escolares Estaduais. A distância do centro era de aproximadamente 70 km.

Imediatamente ao chegarmos ao hotel, nosso treinador reuniu todos no mesmo quarto, conversou demoradamente, ouviu as críticas, mas salientou a importância da competição, a infra-estrutura superior a que encontramos na fase estadual e regional, além de prometer reivindicar um hotel melhor para a segunda fase da competição caso classificássemos, junto ao Comitê Olímpico Brasileiro (organizador do evento). Foi o que aconteceu, todos os atletas tinham um objetivo único, que depois de alcançado, recebemos a premiação de um hotel melhor.

A importância do relacionamento treinador-atleta é extrema, em momentos de competição, principalmente quando ocorrem variações de estados emocionais, tanto em função dos jogos quanto em função de situações individuais. Conforme o treinador estudado nessa pesquisa, muitas vezes faz-se o papel de pai dos alunos que estão jogando: *“...a gente troca idéia com eles e passa a conhecê-los melhor, passa a conhecer os alunos melhor. A gente acaba fazendo o papel dos pais no dia a dia aqui”*. Pude notar que em diversos momentos, na realidade, na maior parte dos momentos de observação o professor estava junto com os atletas, na hora de dormir, nas refeições etc.

Em outros momentos, o professor optou por não participar das atividades, como da cerimônia de abertura, por exemplo. Obviamente os alunos necessitam de momentos livre, não ficando presos, ou inibidos com a presença do professor, 24 horas no controle, porém, é necessário estar atento a alguns momentos onde a presença do professor faz-se inevitável. O relacionamento aberto entre professor-aluno deve ocorrer durante todo o período da concentração esportiva escolar, uma vez que em determinados momentos surgem situações

que demandam da intervenção do professor, seja de forma individual, pequenos grupos ou com o grupo todo reunido.

Para ilustrar, podemos citar alguns momentos e acontecimentos em que era necessário uma intervenção pontual a fim de evitar problemas ou desentendimentos. Logo no primeiro dia de concentração, antes do horário de dormir, alguns alunos que se consideravam veteranos, pois, já jogaram no ano anterior, começaram a fazer "brincadeiras para integração", com os atletas mais novo, chamados de calouros. No início as brincadeiras eram com concursos de piadas e imitações, passando posteriormente, para uma atividade em que os mais velhos passavam creme dental em regiões íntimas dos mais novos, gerando sensações de ardor e queimaduras. Num primeiro momento alguns alunos que receberam a brincadeira até se divertiram, porém, quando a atividade tomou outro rumo, passando a ser mais pesada, houve alteração de ânimos.

O que chama atenção na conduta do professor é de que ele apenas se preocupou com que os alunos não fizessem barulho em excesso, para não acordar outras equipes e, principalmente, para não chamar atenção do chefe da delegação. O professor apenas mudou de atitude passando a ser mais severo quando o barulho das brincadeiras e discussões (conseqüente da brincadeira) passou a ser alto demais; nesse momento, ele acabou com a brincadeira e lembrou a todos das normas de convivência.

Após a brincadeira citada, os alunos passaram por diferentes sensações e emoções, em função das atividades propostas como trote: alguns deles possivelmente tiveram sensações de felicidade, alegria e contentamento (alunos veteranos), enquanto os sentimentos próximos da tristeza, vergonha, humilhação, medo, raiva foram sentidos em sua maioria por parte dos calouros. Com relação às brincadeiras acontecidas na concentração, creio que vale a pena repensar que tipo de brincadeira pode ocorrer, ou, que tipo de brincadeira é saudável que ocorra com os alunos atletas que estão em fase de competição, em um ambiente adaptado para acomodar pessoas, mas que muitas vezes é desumano.

Muitas vezes as brincadeiras que ocorrem em uma concentração esportiva, sala de aula, faculdade, emprego, ou em qualquer ambiente que agrega pessoas são de extrema importância para desenvolver um ambiente de socialização e de ludicidade, porém, algumas propostas ultrapassam os limites do respeito e da dignidade humana, o que leva as pessoas a

se desentenderem e terem relações cortadas ou manchadas. A relação a ser criada entre os veteranos, atletas que já participaram de edições das Olimpíadas Colegiais e os calouros, que participam pela primeira vez, deve ser uma relação responsável e, principalmente, de respeito e confiança, uma vez que os “mais velhos”, podem auxiliar aos que estão na primeira participação a superar dificuldades que sentem durante as competições.

O professor responsável por uma equipe, em uma concentração esportiva, deve, portanto, levar em conta o que ocorre entre seus alunos em nível de relações interpessoais, pois se algo sair errado ou de modo inesperado, e acabar alterando as relações humanas, pode desencadear um mal estar que levará os envolvidos a um fraco desempenho na competição. Além disso, pode haver prejuízo na relação humana e na sensação de bem estar e pertença ao grupo, independentemente dos resultados esportivos que virão nas competições futuras.

Reforçando esta posição, na análise das brincadeiras e possíveis desentendimentos nas relações interpessoais entre a equipe estudada, passo a aprofundar o acontecimento, que ao meu ver, foi o mais significativo para este estudo, que foi a briga entre alguns alunos após um jogo. Dentro do contexto esportivo é facilmente perceptível discussões entre atletas, inclusive da mesma equipe, por conta de jogadas, ações e reações. Muitas vezes essas discussões acabam extrapolando os limites, esquentando assim o clima emocional entre os envolvidos e os demais do grupo. Sempre que isso ocorre, existe uma preocupação sobre a decisão a ser tomada pelos responsáveis pela equipe, no intuito de todos superarem essa situação negativa, buscando estreitar as diferenças e sanar os problemas.

Nesses casos, cabe uma intervenção pontual junto a toda equipe e não somente aos envolvidos, uma vez que o envolvimento do grupo, geralmente, é nítido. Cabe sim, de acordo com a metodologia adotada para esta intervenção, interação individual, duplas, em pequenos grupos e com o grupo todo. Mas vale frisar que essa intervenção e interação são estritamente necessárias. Para o esporte escolar não é diferente, existem discussões e conflitos entre os atletas participantes. Da mesma maneira isso deve ser sanado ou pelo menos deve ser tentado aparar as farpas das relações estremecidas, pensando num melhor relacionamento interpessoal entre os alunos atletas, bem como num melhor rendimento e aproveitamento esportivo.

No nosso estudo de caso verificamos um forte desentendimento entre atletas durante o segundo jogo do campeonato. Ainda dentro do jogo pude notar que houve grupos que se formaram para realizar manifestações a favor de um ou de outro atleta. Conforme anotação no caderno de observações “...*O clima esquentou em quadra, pois a equipe parecia dividida em dois grupos. Um grupo que defendia o atacante e outro grupo que defendia o zagueiro...*”.

Além da divisão apresentada, a discussão tomou vulto maior dentro do ônibus, onde os alunos chegaram inclusive a se agredir fisicamente, momento em que houve uma intervenção do professor, separando a briga e, posteriormente, falando que no jogo existem discussões e brigas, mas que estas deveriam ficar dentro da quadra. Chegando à concentração, mais precisamente ao alojamento, novamente os atletas discutiram sobre a mesma jogada e acabaram por se agredir fisicamente mais uma vez.

Após a segunda briga física, um dos alunos (que não participava da briga) chamou o professor que mais uma vez realizou uma intervenção mais incisiva e pontual, ordenando que todos se acertassem e ficassem sem brigas, caso contrário iriam embora, pela manhã seguinte. Além desse “acerto” entre os alunos, nada daquilo que acontecera deveria sair daquele alojamento, pois se chegasse ao chefe da delegação ficaria ruim para o professor. Como punição ao grupo devido à briga houve um treino físico, na manhã de terça-feira. Corridas, saltos e tiros de velocidade buscando a exaustão dos atletas, uma vez que melhora no condicionamento físico era inviável naquele momento.

Creio que dentro de uma equipe, nenhuma das partes envolvidas fica feliz com a existência de uma briga. Podemos observar a tensão, raiva, medo etc. Sentimentos esses que se não forem bem trabalhados levam o sujeito a uma sensação desagradável que pode acabar prejudicando o desenrolar de todas as atividades subseqüentes. No caso dos alunos isso não é diferente, pude notar diferença do comportamento habitual que sempre se mostrou solto, comunicativo e alegre, passando para um comportamento mais recatado e fechado.

A intervenção pontual do professor para cessar maiores desentendimentos, não o proíbe ou impede de avaliar os estados emocionais dos atletas bem como interagir com todos buscando estabelecer uma situação mais confortável e agradável. Proibir a briga não significa resolver o problema, talvez pudesse, sim, acobertar uma situação que voltaria a

tona, ainda, no decorrer da competição, dentro ou fora da concentração, ou culminaria em desentendimentos na volta, nas casas dos atletas, no ônibus, ou na própria escola ou cidade. O que se pretende é que algo seja feito pelo líder do grupo, de modo efetivo, e não com ações medrosas pela presença do chefe da delegação, que se transforma, desta maneira, em algo muito infantil e pouco educacional. Ou o professor tem autoridade e a exerce ou não tem nenhuma autoridade e não educa, também.

O surgimento de situações conflitantes no relacionamento entre seres humanos não pode ser impedido, mas deve ser trabalhado a fim de fortalecer os envolvidos emocionalmente e, em última saída, tentar solucionar o problema apresentado, de forma adequada e com precisão. Possivelmente, se a intervenção ocorresse de uma forma mais democrática, buscando a resolução do problema junto ao grupo e permitindo com que os envolvidos se manifestassem e dessem suas posições, antes do posicionamento do professor, que não colocaria a presença do chefe da delegação como algo em cima para esconder o desentendimento, os alunos aproveitariam educacionalmente e emocionalmente da situação, de modo mais amadurecido. Adultos também têm rugas e atritos. Não os desmerecem nem os fragilizam; ao contrário, fortalece-os, passar por problemas.

Vale repensar se o professor de Educação Física está preparado para enfrentar esse tipo de situação. Será que nossas faculdades permitem uma ampla discussão e vivência de determinado tipo de situação conflitante? Infelizmente a realidade só será conhecida com a prática do dia a dia, o que acarreta em alguns casos, prejuízo aos envolvidos, como aos alunos em questão, por exemplo. Algumas situações ocorrem inesperadamente e, devido à urgência dos acontecimentos, acabam por não permitir que o professor tome a decisão mais adequada para a ocasião, forçando-o a tomar atitudes pontuais a fim de evitar um mal maior ou adotando comportamentos de fuga e esquiva, o que é muito pior.

Por fim, conforme relatado nas análises anteriores, a relação entre o professor e aluno se estreita bastante com a proximidade entre as pessoas e o tempo de convívio de praticamente 24 horas diárias durante cerca de oito dias. A fim de facilitar a boa convivência, constituir uma relação de respeito é de importância extrema. Para que isso ocorra, uma relação aberta e o estabelecimento de regras mútuas a serem cumpridas se faz necessário. Cito agora dois eventos que chamaram a atenção durante as observações que realizei.

O primeiro fato é relativo ao primeiro treino que ocorreu com a equipe. O professor não sabia que isso ocorreria, aliás, ele não tinha programado nada para a primeira manhã na concentração, deixando os atletas livres a fim de evitar desgaste; mas ele precisou sair da concentração para ir até o centro da cidade e apenas proibiu os alunos de saírem da concentração, sem dizer nada com relação ao treinamento. Após sua saída, os atletas mais velhos organizaram um treinamento coletivo com toda a equipe, que os cansou muito e deixou-os fatigados para o jogo, que posteriormente seria difícil e cobrava uma reserva de energia e eles haviam gasto, voluntariamente.

Conforme relatado no caderno de observações, alguns jogadores reclamaram das conseqüências causadas por este treino, que eles próprios criaram e assumiram, sem conhecimento do técnico “...Após o jogo alguns atletas se queixaram de cansaço devido ao treino...”, possivelmente esse treinamento realmente tenha prejudicado a equipe, devido ao desgaste físico. Como nada foi estipulado pelo professor, já que ele estava fora da concentração, caberia a ele, após o jogo, verificar o que ocorreu e qual será a postura a ser adotada, dali em diante, para situações semelhantes.

O segundo caso é a promessa de ir até uma pizzaria que acabou por não ser cumprida. Na verdade o que chama atenção é o fato do não cumprimento do que havia sido proposto, causando uma frustração, indignação e até revolta dos que aguardavam o prometido. Isso pode levar a um estremecimento das relações de confiança estabelecidas entre o professor e os alunos, possivelmente causando desconfiança nos próximos combinados ou então descrédito com a palavra de quem prometeu.

Nesse sentido o estabelecimento de normas e contratos com as partes, faz-se necessária. Todo o combinado deve ser cumprido, quer seja o horário, os passeios, o silêncio, as brincadeiras, etc. Os benefícios e as punições decorrentes desse contrato devem ser respeitadas por todos, desde o capitão da equipe ao último reserva, passando inclusive pela figura do treinador. Dessa forma a relação de confiança e igualdade entre os participantes de uma concentração estará assegurada.

05 – Conclusão

Analisando os dados coletados, bem como o caminho que desenvolvemos a discussão, é de suma importância considerar a infra-estrutura que é oferecida aos participantes. A impressão passada é de que as Olimpíadas Escolares são organizadas como uma obrigação do Estado, em oferecer um campeonato escolar, que sirva como divulgação de um projeto esportivo ligado à área educacional. Fica, portanto, a idéia da improvisação, da adaptação e de que o esporte de base estadual é relegado a segundo plano, não fazendo parte de nenhum projeto esportivo em longo prazo. Investimentos na área esportiva escolar se fazem necessárias, uma vez que há muito tempo ocorrem as Olimpíadas Escolares e a infra-estrutura é a mesma, causando incômodos e insatisfações em todos os sujeitos pesquisados: para os alunos atletas que participaram das competições, para o professor técnico que foi entrevistado, para o chefe da delegação, que também é professor de Educação Física e para este pesquisador que viu na prática as adaptações improvisadas de quartos, banheiros, etc.

Entendemos, frente ao que já vivenciamos e sabemos que o investimento em melhores acomodações e infra-estrutura poderia ser aproveitado não apenas pelo esporte escolar, mas em todas as competições esportivas promovidas pela Secretaria de Esportes, Lazer e Turismo, tais como os Jogos Abertos da Juventude, Jogos Regionais e Jogos Abertos do Interior. Deve ser levado em conta que a escola mostra-se como um ambiente muito favorável para o desenvolvimento da prática esportiva e da atividade física. A prática esportiva surge, nas escolas públicas estaduais em São Paulo, como uma oportunidade de enriquecimento do currículo dos alunos, uma vez que as atividades se desenvolvem fora do horário de aulas regular, portanto fora da aula de Educação Física escolar, por meio das chamadas Atividades Curriculares Desportivas. Instituições educacionais particulares

também têm a oportunidade de fornecer turmas de treinamento, a fim de montar equipes esportivas para representar a escola em campeonatos, ou então, simplesmente auxiliar na prática de atividade física.

Todas as insatisfações proporcionadas pela infra-estrutura precária podem levar os alunos atletas e o professor envolvido a ter alterações do seu estado emocional. Observamos um estresse maior e irritação após determinado tempo na concentração, oriundo da mesmice da concentração e da falta do que fazer, nos momentos de ócio. Desta forma, o foco na competição era intenso, causando mal estar e desconforto em todos, sem exceção. A infra-estrutura apresentada não apresentava variações de opções: ou ficar no quarto, deitado, ou jogar baralho ou ir para a quadra ou sentar no pátio para ouvir musica...para um grupo de adolescentes estes atos soam como um cárcere privado.

Cuidar do esporte escolar é semear a participação de indivíduos e direcioná-los para a prática saudável da atividade física e esporte, bem como proporcionar situações educacionais extremamente ricas em termos de vivências, que possivelmente só aconteçam dentro do esporte. A insatisfação proporcionada pela infra-estrutura precária e adaptada das Olimpíadas Colegiais pode afastar pessoas que muito têm a contribuir com as competições dessa ordem. Conseqüentemente, pode haver o afastamento junto aos amigos e colegas de equipe, uma vez que dentro do estudo realizado, muitos atletas preferiam o conforto da própria casa ao adaptado e improvisado ambiente de concentração esportiva escolar, que se mostra totalmente diferente das concentrações esportivas do esporte profissional.

Dessa maneira, é importante contrapor essas dificuldades valorizando aspectos positivos existentes na concentração, a integração, novas amizades, o estreitamento dos laços com os colegas de equipe, bem como criar novas situações que valorizem a estadia dos atletas em uma competição desse porte, como por exemplo, passeios pela cidade, conhecer pontos turísticos, jantar em locais diferentes, montar atividades como jogos de tabuleiro, violão, etc. Ocorrendo isto, a participação das pessoas nas Olimpíadas Colegiais é valorizada por momentos diferenciados e até inesquecíveis atrelados a uma competição esportiva de uma modalidade que gostam de praticar.

Levando em conta nosso primeiro objetivo, sobre a alteração de estados emocionais dos participantes, professores e alunos, pode-se concluir que dentro do universo pesquisado, houve alterações nos estados emocionais de atletas e treinador. Considerando

todos os dados coletados, verificamos que a prática esportiva escolar, especialmente no formato das Olimpíadas Colegiais, é um momento farto de emoções e sentimentos, que brotam de diferentes fontes, tais como impulsionados pela infra-estrutura precária, a distância da família e amigos, o tempo de duração dos jogos, o estilo da competição e o fato de que muitas vezes é a primeira competição dos atletas, devido à faixa etária dos participantes. E mais: a interação social existente com pessoas até então desconhecidas, com colegas de quarto e equipe e com o professor – treinador.

Cabe lembrar que cada situação gera diferentes sensações e emoções nos participantes. Sentimentos relativos à felicidade, alegria, motivação estão nitidamente inseridos no contexto da concentração esportiva escolar. Por outro lado, é possível encontrarmos sentimentos não tão agradáveis como medo, estresse, raiva, ansiedade, vergonha, humilhação, etc. Com relação aos sentimentos e emoções provocados pela infraestrutura precária, principalmente relativo aos banheiros e quartos, podemos registrar a insatisfação, o desapontamento, estresse, raiva. Na mesma linha, verificamos um descontentamento gerador de diferentes emoções negativas, com relação às regras da concentração que nem sempre são bem entendidas pelos alunos atletas, tais como a proibição do uso de telefone público, horários, restrições a namoros, etc. Deveria sim, haver uma preparação psicológica dos atletas e do professor para contextualizar o que acontecerá durante os jogos, bem como a criação de regras que auxiliem na manutenção da higiene e do bem estar dos participantes, facilitando assim, o convívio e o respeito entre alunos e professor.

No segundo caso, é importante que alguns conceitos dentro da concentração sejam revistos ou, então, melhor trabalhado com os alunos atletas, tais como, o uso do telefone público que é proibido para os alunos, o horário de dormir que muitos não entendem por que devem fazer silêncio para não atrapalhar outras equipes que jogam cedo. Não basta simplesmente expor regras, é importante explicar porque as regras são criadas. O entendimento destas, pelos atletas, facilitaria na sua execução e colaboração. Dentro da própria equipe, gerenciada pelo treinador, é importante que alguns conceitos também sejam revistos, como por exemplo, a atitude dos veteranos em relação aos calouros, as obrigações dos atletas com relação à limpeza e higiene do quarto, bem como com as obrigações da

equipe como galões de água, sacos de uniforme, etc. que, geralmente, recaem sobre os calouros. Estes procedimentos são importantes? Porque eles existem?

Algumas atitudes e conceitos são altamente positivos, como a atribuição de responsabilidades aos alunos ao lavarem pratos, separarem o lixo reciclável e o lixo orgânico, se melhores exploradas e abertamente especificadas seus fins educacionais, poderiam ser melhor aproveitados, despertando um senso de responsabilidade aos participantes mas, aparecendo como imposição e ordenamento, apenas, geram dúvidas, críticas e atritos que podem alterar os ânimos do grupo. Infelizmente, por incrível que possa parecer, os líderes do grupo não se manifestam e apenas se posicionam quando a situação atinge o nível de insustentável aceitação.

A configuração da competição, também, nos leva a verificar o afloramento dos estados emocionais. O tempo de duração de oito dias, em uma cidade diferente para os atletas, favorece ao aparecimento de saudade da família, amigos (as) e namoradas (os). Para tanto, uma preparação psicológica para entender e gerenciar esse estado precisa ser realizada antes da viagem; dentro ainda da configuração da competição, em grupos com eliminação dos piores colocados e uma segunda fase com eliminação direta no estilo “mata-mata”, muitos atletas sentem mais tensão, ansiedade, medo e estresse proveniente da possibilidade de desclassificação na competição. Aliás, muitas vezes, a única do ano para as turmas de atividade curricular desportiva.

A proposta que lançamos é que a equipe seja preparada para isso, enfrentado jogos decisivos e vivenciando diferentes situações, que levem a simular prováveis circunstâncias destes jogos, na fase preparatória, no decorrer das aulas e treinos escolares. Dessa forma, muitos atletas chegariam as Olimpíadas Escolares com uma vivência diferenciada, não que isso afastará o aparecimento de estados emocionais negativos, mas pode facilitar a tomada de decisão de um aluno, com um repertório competitivo mais vasto, com mais experiências e melhor habilidade social desenvolvida.

O ambiente da concentração esportiva escolar é fascinante aos jovens devido ao número de interações e pessoas participantes, cerca de 250, criando diversas possibilidades de relacionamentos interpessoais e produzindo diferentes estados emocionais positivos como felicidade, alegria, paixão, etc. O envolvimento com pessoas e culturas diferentes mostra-se muito bom em termos culturais. Porém, essas interações levam à emoções

negativas também. Existem desentendimentos por conta dos estilos de vida e dos conceitos das pessoas. Cabe ai ressaltar que o esporte por si só, assim como a concentração esportiva, não é responsável por transformações e transferências positivas ou negativas, cabe a mão do professor e dos organizadores para direcionar uma intervenção junto aos participantes, tentando amarrar tudo o que foi produzido a fim de valorizar esse momento como oportunidade única de engrandecimento pessoal aos participantes.

Portanto, cabe ao professor de Educação Física, seja na função de treinador esportivo ou na função de dirigente ou chefe de delegação, transformar o momento da concentração esportiva em algo a ser lembrado como experiência positiva, por mais que tenham acontecido fatos desagradáveis, uma vez que serão salientado os aspectos relativos à superação, à integração, à resolução de problemas. Vale lembrar que o esporte advindo da escola não deve ser uma simples reprodução do esporte profissional, que estamos acostumados a assistir nas transmissões televisivas, onde atletas fazem de tudo para conseguir o resultado e conseqüentemente isso renderá proventos financeiros. O esporte da escola deve se preocupar também com a formação do cidadão, não se preocupando somente com o resultado, o fim. Esse esporte deve ser diferenciado e têm o dever de se atentar às pessoas, com os meios, os processos. Por mais impregnado que o modelo profissional esteja em nossos modelos escolares.

Novamente o professor tem um papel diferenciado, um papel que não é de reproduzidor, mas sim de construtor, de transformador, que visa além de ter atletas ao seu lado, de ter seres que executam bem um gesto técnico, mas deve ir além, deve pensar em pessoas, em cidadãos com histórias de vida diferentes, culturas diferentes e sentimentos diferentes. Fazer respeitar esses limites é criar uma relação de confiança, segurança e respeito mútuo, o que infelizmente o esporte profissional em muitos casos deixa a desejar e o esporte escolar passa a distancia disto, também, infelizmente.

Repensar o esporte escolar e construir uma nova concepção do esporte da escola faz-se necessário, nesse novo momento do esporte dentro do ambiente escolar. Assim como em anos anteriores foi questionado se o esporte deveria existir dentro da escola em substituição às aulas de Educação Física, creio que existe uma superação disso, principalmente quando o esporte competitivo se apresenta como uma atividade extracurricular. Cabe nesse momento, pensar como este esporte deve ser promovido, quais são as relações interpessoais

a serem desenvolvidas e, principalmente, qual é o papel do professor de Educação Física diante de tudo isso. Principalmente se considerarmos que diversos professores da rede estadual estão atuando nele há muitos anos e que, por diversos motivos, não conseguem acompanhar todas as transformações que o ensino vem sofrendo.

Pretendemos ao término deste trabalho atingir nosso segundo objetivo, produzir material didático e realizar divulgação dos resultados, métodos e de toda pesquisa, em si, para toda a rede pública estadual, focalizando nos professores de Educação Física participantes de turmas de Atividades Curriculares Desportivas (ACDs), através de material impresso, palestras e videoconferências pela Coordenadoria de Normas e estudos Pedagógicos (CENP), órgão da Secretaria de Estado da Educação que financiou o trabalho através de concessão de bolsa de estudos remunerada.

Por fim, fica como sugestão desse trabalho a inclusão de um profissional qualificado para trabalhar os estados emocionais dos atletas, no caso o próprio professor de Educação Física que deve receber uma formação ampla visando contemplar os aspectos humanos dos alunos e de si próprio enquanto treinador e não somente os aspectos fisiológicos e técnicos-táticos dos treinamentos.

Por tudo isso, nosso trabalho, em relação aos estados emocionais, acompanha as idéias expostas por Stocker e Hegeman (2002), que citam: *“As emoções e a afetividade são encontradas na maior parte da nossa vida, senão em toda ela [...]. Elas são encontradas como pano de fundo na vida, são as tonalidades e os gostos da vida”*. Sendo assim, é importante que exista um trabalho dentro da concentração esportiva, que auxilie os atores a superar os obstáculos apontados tentando criar uma resistência psicológica. O ideal dentro do esporte escolar de base seria a existência de um profissional qualificado para realizar esse trabalho especificamente, porém, analisando a atual estrutura existente e conhecendo a realidade das Olimpíadas Escolares, esse trabalho relativo à psicologia esportiva deve ser realizado pelo professor responsável, que precisa conhecer muito bem o grupo com quem está trabalhando, bem como conhecer noções conceituais e aplicadas da psicologia do esporte, coesão grupal, etc.

Instituições particulares têm uma abertura maior para a contratação de alguém específico para o desenvolvimento desse trabalho, porém, raramente também o vemos. Na maioria das vezes encontramos apenas o professor responsável pela equipe e quando muito

um auxiliar técnico, que geralmente é estagiário na escola e aluno de graduação, em Educação Física. Sugerimos também que novas pesquisas sejam produzidas acerca de outros temas relativos às competições escolares, ao esporte da escola, as Olimpíadas Colegiais e, principalmente, ao ambiente de concentração esportiva escolar, com um olhar da Psicologia do Esporte. Infelizmente poucos pesquisadores dessa área dão atenção à escola, focando seus trabalhos somente no esporte de alto rendimento e no esporte de base que existe fora dos muros escolares, o que sugere, mais enfaticamente, a reprodução, tanto quanto temos visto.

06 - Referências Bibliográficas

ABERASTURY, A. et al. **Adolescência**. 6 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ARANHA, M. L. A. **História da Educação**, São Paulo: Editora Moderna, 1996.

ARAUJO, C. M. R. Ginástica escolar: uma proposta para competir. **Revista de Educação Física e Desporto HORIZONTE**. Lisboa, v. 8, n. 49, p. 20 – 22, 1992.

ASSIS, S. de O. Considerações sobre as políticas públicas de esporte escolar no Brasil do século XXI. **Anais do XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. Porto Alegre: ESEF/UFRGS/RS, 4 a 9 de setembro, p. 3234-3244, 2005.

ÁVILA, L. A. O Inconsciente, as Instituições e os Vínculos. **Revista ABP – APAL**. V.20, n.3, p. 99 – 104. 1998.

AZEVEDO JUNIOR, L. C. D. **Esporte de Competição Escolar**: uma análise do estresse situacional associado ao grau de coesão grupal. 2007. 103 p. Dissertação (Mestrado). Escola de Educação Física e Esporte – EEFE. Universidade de São Paulo – USP. São Paulo.

BARBALET, J. M. **Emoção, teoria social e estrutura social**: uma abordagem macrossocial. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

BARROS, R. D. B. **Grupo: a afirmação de um simulacro**. 1994. 448p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. São Paulo.

BASSANI, J.J.; TOTTI, D.; VAZ, A. F. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxo e ambigüidade. **Movimento**. Porto Alegre, v. 9, n. 2, 2003.

BRASIL. **1.ª Conferência nacional do esporte**. Brasília: Ministério do esporte. 2004.

BENTO, M. F. & PEREIRA, P. A participação desportiva e o rendimento escolar. **Revista de Educação Física e Desporto HORIZONTE**. Lisboa, v. 16, n. 93, p. 31 - 34, 2000.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

_____. Por uma teoria da prática. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v.3, p. 73-127, 1996.

_____. **Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1997.

BRACHT, V. **Sociología Crítica do Esporte: uma introdução**. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desporto, 1997.

BRANDÃO, M. R. F. **Equipe Nacional de Voleibol Masculino**. Um perfil sócio – psicológico à luz da Ecologia do Desenvolvimento Humano. Rio Grande do Sul 1996, 157p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de educação Física, Universidade de Santa Maria – RS.

BRAS, J. O grupo: unidade funcional da inclusão. **Revista de Educação Física e Desporto HORIZONTE**. Lisboa, v. 14, n. 84, p. 04 – 08, 1999.

BRIGGS, J. **Never in anger:** Portrait of na eskimo family. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1970.

CAMPOS, L.F. L. de. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Psicologia.** Campinas: Alínea, 2000.

CARMO, A. A. **Educação Física:** Competência Técnica e Consciência Política em busca de um movimento simétrico. Uberlândia, UFU, 1985.

CARRON, A.V. **Motivation:** implications for coaching and teaching. Canadá: Pear Cretive, 1984.

CARRON, A.V.; HAUSENBLAS, H. A. **Group Dynamics in Sport.** 2 ed. Morgantown: Fitness Information Technology, 1998.

CARTWRIGHT, D.; ZANDER, A. **Dinâmica de Grupo:** pesquisa e teoria. 3. ed. São Paulo: Herder, 1975, vol. I e II.

CENP. **Resolução Conjunta SE/SJEL-1, de 14/03/2003.** [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://cenp.edunet.sp.gov.br/index.htm>. Acessado em 23/04/2007.

_____. **Resolução SE 173 de 05/12/2002.** [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://cenp.edunet.sp.gov.br/index.htm>. Acessado em 23/04/2007.

_____. **Instrução CENP de 06/12/2002.** . [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://cenp.edunet.sp.gov.br/index.htm>. Acessado em 23/04/2007.

_____. **Decreto número 47.699 de 11 de março de 2003.** [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://cenp.edunet.sp.gov.br/index.htm>. Acessado em 23/04/2007.

CHAPPUIS, R.; THOMAS, R. **L'équipe sportive.** Paris: Press Universitaires de France. 1988.

CHIPKEVITCH, E. **Puberdade & Adolescência**: aspectos biológicos, clínicos e psicossociais. São Paulo: Roca, 2001.

CRATTY, B. J. **Psicologia do Esporte**. Rio de Janeiro: Prentice Hall do Brasil, 1984.

DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAMERGIAN, S. O inconsciente na interação humana. **Revista Psicologia** - Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2 (1/2): 65 – 76, 1991.

DARWIN, C. **The expression of the emotions in man and animals**. New York: Philosophical Library, 1872.

DE MARCO, A. Educação Física ou Educação Motora? In: DE MARCO, A. **Pensando a educação motora**. Campinas: Papyrus, 1995, p. 27-36.

DE ROSE JR., D. Lista de sintomas de stress pré-competitivo infante – juvenil. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 126 – 133, 1996.

_____. A criança, o jovem e a competição esportiva: considerações gerais. In: DE ROSE JUNIOR, D. (Org.) **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ERICKSON, E. H. **Childhood and society**, Norton: Nova York, 1963.

ESTRIGA, M. L. Escolas de desporto: um modelo de formação e orientação desportiva. **Revista de Educação Física e Desporto HORIZONTE**. Lisboa, v. 16, n. 93, p. 12 – 23, 2000.

FANALI, O. A. A. C. **Plano para o desenvolvimento de diretrizes para a formação de esportistas de alto nível técnico, utilizando a rede escolar do 1º e 2º Graus.** São Paulo, 1981, 81 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte – EEFE – Universidade de São Paulo – USP.

FELD, M; JOHANN, C. R. Perto do coração. **Revista Mente&Cérebro.** Duetto Editorial, n. 7, 2006, p. 30-37.

FELKER, M. **Fundamentos da iniciação esportiva.** Congresso Internacional do Cone Sul, v6, Porto Alegre, 1998.

FERRARIS, A. O. Sobrecarga emotiva precoce. **Revista Mente&Cérebro.** Duetto Editorial, n. 7, 2006, p. 19-21.

FERRAZ, O. L.; FLORES, K, Z. Educação física na educação infantil: influência de um programa na aprendizagem e desenvolvimento de conteúdos conceituais e procedimentais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte,** São Paulo, n. 1, p. 47-60, jan./ ma. 2004.

FOGIEL, M. **The psychology problem solver.** New York: Research and education association, 1986.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Palmeiras aposta na concentração, São Paulo, na liberdade aos jogadores.** São Paulo: Caderno de Esportes, p. 7.

FONSECA, T. & ALVES, J. **Revista de Educação Física e Desporto HORIZONTE.** Lisboa, v. 16, n. 94, p. 07 – 11, 2000.

FREUD, S.; BREUER, J. (1895). **Estudos sobre histeria.** Obras completas, vol. II, Imago, 1969.

FREUD, S. **Psicologia de grupo e Análise do Ego.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.W. e GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002.

GADOTTI, M. Lições de Freire, **Ver. Faculdade de Educação** v. 23, n. 1-2 Jan. /Dez., São Paulo, 1997.

GAHAGAN, J. **Comportamento interpessoal e de grupo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GALLAHUE, D. L. & OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. Tradução de Maria Aparecida da S. Pereira de Araújo. São Paulo: Phorte, 2001.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: a inteligência na prática**. São Paulo: Objetiva, 1995.

GHIRALDELLI, P. **Notas para uma teoria dos conteúdos de educação física**, Mimeo. São Paulo, 1993.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GONZALES, J. I. B. Introducción. In: **Materiales de sociologia del deporte**. Madrid: Lãs ediciones de la Piqueta, 1993.

HACKFORT, D.; SCHWENKMEZGER, P. Anxiety. In: SINGER, R. N. *et al.* **Handbook of reserch on sport psychology**. New York: Macmillan, 1993, p. 328-364.

HANIN, Y. **Emotions in sport**. Champaign: Human Kinetics, 1999.

HENRY, B. **História de los juegos olímpicos**. Barcelona: Editorial Hispano Europea, 1955.

JONES, J. G., HARDY, L. **Stress and performance in sport**. Chichester: J. Willwy and sons, 1990.

JAEGER, W.W. **Paidéia**: a formação do homem grego. 3º ed. São Paulo. Martins Fontes, 1994. p. 795 – 1373.

JAMES, W. **The principles of psychology**. New York: Dover Publications, 1890.

KOCIAN, R. C. **A Mídia e o Treinador**: Interferências no Período de Concentração Esportiva. Trabalho de Conclusão de Curso. Rio Claro, 2005.

KOCIAN, R. C., MACHADO, A. A., KOCIAN, W. E. Aspectos psicológicos positivos e negativos de uma concentração esportiva: uma visão dos atletas. **Lecturas educacion fisica y deportes**. Buenos Aires: v.1, n.88, p.100 - 105 2005.

KORSAKAS, P. O esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa. In: DE ROSE JUNIOR, D. Org.) **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

KUNZ, E. **Tranformação didático** – pedagógica do esporte. Ijuí: UNIJUÍ, 1994.

_____. **Educação física**: Ensino & mudanças. Ijuí: Unijuí, 2001.

LA TAILLE, Y. de. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LEDOUX, J. **O cérebro emocional**: os misteriosos alicerces da vida emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

LEVENTHAL, H.; TOMARKEN, A. J. Emotion: today's problems. **Annual Review of Psychology**, 37, 1986, p. 565-610.

LEVISKY, D. L. **Adolescência**: reflexões psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LEVY, R. **Tahitians: Mind and experience in the society island.** Chicago: Chicago University Press, 1973.

LIMA, A. Importância do quadro conceptual da animação desportiva escolar (ADE) na relação da escola com a comunidade. **Revista de Educação Física e Desporto HORIZONTE.** Lisboa, v. 14, n. 84, p. 22 - 27, 1998.

LUCATO, S. **Iniciação e prática esportiva e as suas dimensões sócio-culturais na percepção dos pais.** São Paulo 2000. 79p. Dissertação (mestrado) Universidade der São Paulo – USP, Escola de Educação Física e Esportes – EEFPE.

MACHADO, A. A. **Aspectos Psico-Pedagógicos da Competição Esportiva Escolar.** Tese de Doutorado. Universidade de Campinas – UNICAMP, Campinas, 1994.

_____. **Psicologia do Esporte: temas emergentes I.** Jundiaí: Ápice, 1997.

_____. **Psicologia do Esporte: da educação física escolar ao esporte de alto nível.** 1 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

_____. **Especialização Esportiva Precoce: perspectivas da Psicologia do Esporte.** Jundiaí: Fontoura, 2008.

MACHADO, A. A., PRESOTO, D. **Iniciação esportiva: seu redimensionamento psicológico psicologia do esporte,** Marcelo de Almeida Buriti (org.), Alínea, Campinas, 2001.

MAILHOT, G. B. **Dinâmica e Gênese dos Grupos.** 4. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

MANGAN, J. A. **The games ethic and imperialism.** New York/Middlesex: Viking Penguin, 1986.

MARINO JUNIOR, R. **Fisiologia das emoções**: introdução à neurologia do comportamento, anatomia e funções do sistema límbico. São Paulo: Sarvier, 1975.

MATVEEV, L. P. **Treino Desportivo Metodologia e Planejamento**. São Paulo: Phorte Editora. 1997.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Olimpíadas Escolares**. Disponível em: <http://portal.esporte.gov.Br/snee/jeps/historico.jsp>, Acesso em: 22 de agosto de 2007.

MIRANDA, R. **Estado Psicológico do Atleta**. Juiz de Fora, UFJF (mimeo), 1996.

MIRANDA, R; BARA FILHO, M.G. Estudos psicológicos do atleta competitivo. **Treinamento desportivo**, Lisboa, v.4, n 3, p.61-68, 1999.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, A. N. S.; NETO, V. M. (org.) **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Editora UFRGS / Sulina, 2004.

NERY GUISELINI, M. A. **Grupos esportivos de handebol**: um estudo sobre a intersubjetividade. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte – EEFE. Universidade de São Paulo – USP. São Paulo.

NEU, J. **Emotion, thought and therapy**: Hume and Spinoza, theories of emotion and therapy. Londres: Roudedge & Kegan Paul, 1977.

OLIVEIRA, M. **Vygotsky. Aprendizado e Desenvolvimento, um processo sócio – histórico**. 2ª. Ed. São Paulo: Scipione, 1995.

OLIVEIRA, S. L. de. **Tratado de Metodologia Científica**: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 1997.

OLSON, N. **A lógica da ação coletiva**. São Paulo: Edusp, 1999.

OSWALD, D. **The fundamentals principles of olympism**. Olympic Review, Lausanne, v.28, p. 39 – 41, 1999.

PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE JR., D. (Org.) **esporte e Atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PÉREZ, E. R. **Grupos e Intervenções Grupais**: concepções, relações e implicações na perspectiva de profissionais que trabalham com grupos. 1997. 198p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. São Paulo.

PIERCE, W.J. & STRATTON, R. K. Perceived sources os stress in youth sport participants. In: G. C. Roberts & D. M. Landers (Eds.) **Psychology of motor behavior and sport** (pp. 116) Champaign, Il: Human Kinetics, 1981.

PIERRO, A. Relações Sociais na Adolescência. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (Orgs.) **Desenvolvimento psicológico e educação**; Psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

RAMOS, J.J. **Os exercícios físicos na história e na arte**: do homem primitivo ao homem dos nossos dias. São Paulo: IBRASA, 1982.

RAMPAZZO, L. **Metodologia Científica para os alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. Lorena: Editora Stiliano, 1998.

REDIN, E. **O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca**. Porto Alegre: Mediação. 1998

RICHARDSON, J. R. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 1999

ROST, K. As Competições no Desporto Juvenil. **Treino Desportivo.** 3-10, 1996.

RYAN, A.J. Perspective on children's sports with suggestion for future decisions, In: BROW, E.V.; BRANTA, C.F. **Competitive sport for children and youth in overview of research na issues.** Champaign: Human Kinectics, 1988.

RUDIO, F. V. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica.** Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

SAGE, G. **Does sport affect charater development in athletes?** Journal of Physical Education, Recreation and Dance, Reston, v. 69, n. 1, p. 15 – 18, 1998.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte:** manual para Educação Física, Psicologia e Fisioterapia. São Paulo: Manole, 2002.

SANTIAGO Jr., J. R. C.; CALABRESI, C. A. M.; MACHADO, A. A. Alterações Comportamentais em Adolescentes Esportistas: Constatações. **ANAIS: 8º Congresso Paulista de Educação Física,** Jundiaí-SP, 2004.

SANTIN, S. Perspectivas na visão da corporeidade. In: MOREIRA, W. W. (Org.). **Educação física & esportes:** perspectivas para o século XXI. Campinas: Papirus, 1992, p. 51-70.

SANTOS, E. S. Jogos Escolares da exclusão à participação: In: SANTOS, E. S. (Org.) **Educação Física Escolar:** por uma cultura desportiva. Porto Alegre: Sulina, 1998.

SCHACHTEL, E. **Metamorphosis.** New York: Da Capo Press, 1984.

SHIGUNOV, V. Reflexões sobre o desporto escolar: questões de formação e competências. **Revista Paranaense de Educação Física**. V. 01, 2000.

SIGOLI, M. A. **O esporte educacional e a prática esportiva nas escolas da cidade de São Paulo**. S 2005. 62p. Dissertação (Mestrado) Escola de Educação Física e Esporte - EEFE. Universidade de São Paulo – USP. São Paulo.

SIMÕES, A. C. **Equipes esportivas vistas como um micro** – sistema social de rendimento entre a ideologia de liderança dos técnicos e a percepção real dos atletas. 1990. 296p. Tese (Doutorado). Escola de comunicação e Artes – ECA. Universidade de São Paulo – USP, São Paulo.

_____. **Ideologia de liderança no esporte**: uma visão do “ideal próprio” dos técnicos e “real” equipe dos atletas. 1996. Tese (Livre Docência) – Escola de Educação Física e Esporte – EEFE. Universidade de São Paulo – USP, São Paulo.

_____. A psicossociologia do vínculo esporte, adultos, crianças, e adolescentes: análise das influências. In: DE ROSE JR., D. (Org.) **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SINGER, R.N. **Peak performance...and more**. Michigan. Movement Pub, 1986.

SISTO, F. F. *et al.* Autoconceito e emoções. In: MACHADO, C *et al.* (Org.). **Avaliação psicológica**: formas e contexto. Braga: Psiquilíbrios edições, 2004.

SOLOMON, R. C. **The passions**. Garden City, Nova Iorque: Anchor Press e Doubleday, 1976.

STOCKER, M.; HEGEMAN, E. **O valor das emoções**. São Paulo: Palas Athena, 2002.

TANI, G., KOKUBUN, E., MANOEL, E.J., PROENÇA, J. E. **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**, EPU, São Paulo, 1988.

TANI, G. Esporte e processos pedagógicos. In: W. W. Moreira & R. Simões (Orgs.), **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Unimep, 2000.

TAVARES, O. **Esporte, movimento olímpico e democracia: o atleta como mediador**. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação Física. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2003.

THOMAS, A. **Esporte: uma introdução à Psicologia**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1983.

THOMAS, A. **Psicologia del deporte**. Barcelona: Editorial Helder, 1981.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TOLEDO, L.H. **Lógicas no Futebol**. Editora Hucitec, São Paulo: 2002.

ULMANN, J. **De la gymnastique aux sports modernes – Histoire des doctrines de l'éducation physique**. Paris: Vrin, 1982.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

ZIMERMAN, D. E. Fundamentos Teóricos. In: ZIMERMAN, D. E. e OSÓRIO, L. C. et al. **Como trabalhamos com grupos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1997.

ANEXOS

*I- Questionário aplicado com atletas participantes das
Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo*

*II – Questionário aplicado com técnico participante das
Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo.*

ANEXO I – Questionário aplicado com atletas participantes das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo.

SEXO: _____ IDADE: _____ MODALIDADE: _____ .
TEMPO DE PRÁTICA _____ .

1 – Qual a grande vantagem da concentração?

2 – Qual a grande desvantagem da concentração?

3 – Você se sente bem numa concentração? Por quê?

ANEXO II – Questionário aplicado com técnico participante das Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo.

SEXO: _____ IDADE: _____ MODALIDADE: _____ .
TEMPO COMO TÉCNICO _____ .

1 – Qual a finalidade da concentração?

2 - Qual a grande vantagem da concentração?

3 – Qual a grande desvantagem da concentração?

**4 – Você se manteria ou retiraria a concentração da maneira como está sendo feita?
Se sim, qual sua proposta?**
